

Flávia da Cruz Santos

**UMA HISTÓRIA DO CONCEITO DE DIVERTIMENTO
NA SÃO PAULO DO SÉCULO XIX (1828-1889)**

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG
2017

Flávia da Cruz Santos

**UMA HISTÓRIA DO CONCEITO DE DIVERTIMENTO
NA SÃO PAULO DO SÉCULO XIX (1828-1889)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer.

Orientador: Victor Andrade de Melo

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG
2017

Tese intitulada “Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)”, de autoria da doutoranda Flávia da Cruz Santos, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Estudos do Lazer, defendida e aprovada em 27 de junho de 2017 pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo – UFMG (Orientador)

Prof. Dr. Rafael Fortes – UFMG (Titular interno)

Prof. Dr. Cleber Augusto Dias – UFMG (Titular interno)

Prof. Dr. Flávio de Campos – USP (Titular externo)

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior – UFJF (Titular externo)

Prof. Dra. Maria Cristina Rosa – UFMG (Suplente interna)

Prof. Dr. Rodrigo Caldeira Bagni Moura – IFMG (Suplente externo)

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que encontrei ou reencontrei nesses últimos quatro anos, e que contribuíram de diferentes modos para a construção deste trabalho. Agradeço inicialmente aos anônimos funcionários da Biblioteca Nacional, que trabalharam e trabalham para a criação e manutenção da Hemeroteca Digital. Sem eles essa pesquisa seria impossível e não existiria, ao menos tal qual aqui se apresenta.

Os colegas do programa de pós-graduação me proporcionaram uma convivência animada nos dois primeiros anos de doutorado, nas disciplinas e no grupo de estudos sobre História do Lazer, coordenado pelo professor Cleber Dias. O que foi fundamental para fomentar minhas ideias e meus estudos. Foi aí que tive a alegria de encontrar Eliza Salgado e Joyce Corrêa, amigas que ajudaram a amenizar a solidão e o cansaço da construção desse trabalho em seus momentos iniciais.

Minha participação no incipiente movimento de alunos da pós-graduação da UFMG, fez com que eu encontrasse um novo amigo, Alexandre Sérvulo. Cheio de vontade e de otimismo, ele me proporcionou conversas sempre estimulantes sobre a universidade, o fazer acadêmico, a política.

Amiga de longa data, que o doutorado me permitiu reencontrar no mesmo lugar em que nos conhecemos, Juliana Viana, foi minha incentivadora mesmo à distância. A todos esses amigos, as palavras de Álvares de Azevedo: “...é bem doce o pensamento de ter-se um amigo ainda que ausente: é bem doce, mas duma tristeza despedaçadora que prostra o coração.”

Aos professores Flávio de Campos e Cleber Dias agradeço pelos pareceres da qualificação. O professor Flávio indicou leituras e apresentou críticas contundentes ao trabalho, que contribuíram para o seu desenvolvimento. O professor Cleber apresentou críticas desafiadoras, que são para mim motivo de orgulho.

Aos professores Rafael Fortes, Carlos Cunha, e aos já citados Flávio de Campos e Cleber Dias, agradeço pela disponibilidade em participar da banca de defesa, pela leitura cuidadosa do trabalho, pelo rigor das críticas e sugestões, pela abertura ao diálogo. Essa versão do trabalho que segue, já conta com a incorporação das sugestões – não de todas elas, mas apenas das que fui capaz de elaborar – que foram apresentadas pela banca no momento da defesa. Momento muito bonito, de debates rigorosos, francos e fraternos, do qual levo comigo muitos ensinamentos. Não havia forma mais feliz e bonita de terminar esse percurso. Muito obrigada!

A participação de meu orientador, professor Victor Melo, em minha formação vem de muito tempo, ainda que ele não soubesse (está aí uma das magias de ser professor, pesquisador, tocar as pessoas sem saber que toca). Cultivei por algum tempo o desejo de estar sob sua orientação, não apenas porque ele é o pesquisador que todos nós conhecemos, e que já era há dez anos atrás, quando o ouvi pela primeira vez, mas também por sua forma de compreender a universidade pública, e de nela se colocar. Agradeço pela generosidade, pelas orientações e pela confiança no meu trabalho.

Aos meus pais, Ana Maria e Suetone, agradeço pela compreensão de sempre, pelo apoio e pelos momentos de convivência amorosa. Edu suportou minhas incertezas e ansiedades, dando leveza ao processo árduo e estafante, ainda que divertido, de produção deste texto, e construindo comigo uma nova vida, o que não seria possível sem amor.

Agradeço, finalmente, à Capes pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho reconstitui o percurso histórico do conceito de divertimento na cidade de São Paulo do século XIX, mais especificamente entre os anos 1828 e 1889. Seu objetivo é discutir os usos que foram feitos desse conceito pelos atores de tal contexto, a partir da reconstituição de uma mostra desses usos. O que nos permitirá conhecer o significado do conceito no contexto focalizado. Para tanto, se constituíram como principais fontes os jornais *A Aurora Paulistana*, *A Phenix*, *Correio Paulistano*, *Diário de S. Paulo*, *Ensaio Literários*, *O Acayaba*, *O Farol Paulistano*, e *O Novo Farol Paulistano*, além da literatura produzida por viajantes estrangeiros que estiveram na capital paulista no período estudado. Foi possível verificar que várias palavras eram usadas pelos paulistanos para designar o conceito de divertimento. Havia uma disputa entre os vocábulos passatempo, diversão, recreação, lazer e divertimento, em que este último saiu vitorioso, se constituindo, portanto, no significante do conceito. O significado, ou o conteúdo do conceito de divertimento dizia respeito a atividades que tinham em comum sentimentos e expectativas. Elas provocavam alegria, prazer, regozijo. Estavam em oposição ao que era sério e sisudo. Mas apesar de possuírem essa natureza comum, eram atividades muito variadas que incluíam desde a música e o teatro, às zombarias e ao mais novo divertimento da cidade, os esportes. Foi possível também, melhor compreender a dinâmica da cidade de São Paulo, que não era tão pobre, pacata e tediosa como se costuma afirmar, bem como foi possível perceber a indissociabilidade entre os divertimentos e a cidade. Os divertimentos eram a cidade, e por isso dela diziam.

Palavras-chave: História dos conceitos. Divertimento. São Paulo. Século XIX.

RÉSUMÉ

Ce travail reconstitue le parcours historique du concept de divertissement à São Paulo du XIX^e siècle, plus précisément entre 1828 et 1889. Votre but est discuter des utilisations qui ont été faites de ce concept par les acteurs dans un tel contexte, de la reconstruction d'un échantillon de ces utilisations. Qu'est-ce qui nous permettra de connaître la signification du concept dans le contexte focalisé. Pour cela, ils constituaient comme des sources les journaux *A Aurora Paulistana*, *A Phenix*, *Correio Paulistano*, *Diário de S. Paulo*, *Ensaio Literários*, *O Acayaba*, *O Farol Paulistano*, e *O Novo Farol Paulistano*, et la littérature produite par les voyageurs étrangers qui se trouvaient à São Paulo au cours de la période étudiée. Il a été vérifié que plusieurs de mots ont été utilisés par les habitants de São Paulo pour désigner le concept de divertissement. Il y avait une dispute entre les mots passe-temps, l'amusement, la récréation, les loisirs et le divertissement, dans lequel ce dernier est sorti vainqueur, ce qui constitue donc le signifiant du concept. La signification, ou le contenu du concept de divertissement, concerné les activités qui ont des sentiments et des attentes communes. Ils provoquèrent la joie, le plaisir, la jouissance. Ils se sont opposés à c'était sérieux et austères. Mais en dépit de cette nature commune, cela a été des activités très variées de la musique et le théâtre, aux railleries et au plus nouveau divertissement de la ville, les sports. Il est également possible, de mieux comprendre la dynamique de la ville de São Paulo, qui n'a pas été si pauvre, calme et pénible, comme on dit, et son indivisibilité des divertissements. Les divertissements étaient la ville et pour ça, de lui ont dit.

Mots-clés: Histoire des concepts. Divertissements. São Paulo. XIX^e siècle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Ocorrência das palavras (1828-1867)	p. 23
Gráfico 2 – Soma das ocorrências das palavras (1828-1867)	p. 25
Figura 1 – Pátio do Colégio em 1824	p. 38
Gráfico 3 – Atividades englobadas pelo conceito de divertimento (1828-1867).....	p. 46
Figura 2 – Costumes de São Paulo	p. 51
Figura 3 – Cidade de São Paulo em 1827	p. 55
Figura 4 – Teatro São José em 1862	p. 56
Gráfico 4 – Soma das ocorrências das palavras (1868-1889).....	p. 87
Gráfico 5 – Soma dos usos das palavras (1828-1889).....	p. 89
Gráfico 6 – Ocorrência das palavras (1868-1889)	p. 91
Figura 5 – Jardim Público em 1887	p. 97
Gráfico 7 – Atividades englobadas pelo conceito de divertimento (1868-1889).....	p. 106

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - POR UMA HISTÓRIA DO CONCEITO DE LAZER	9
CAPÍTULO 1 - UM CONCEITO, QUATRO PALAVRAS (1828-1867)	21
1.1 A DISPUTA LINGUÍSTICA.....	22
1.2 UM CONJUNTO DE ATIVIDADES CULTURAIS.....	26
1.3 ALEGRIA, PRAZER, REGOZIO	60
1.4 UMA CAPITAL QUE SE QUERIA CIVILIZADA: A NOVA MORAL DAQUELES TEMPOS.....	70
1.5 UM CONCEITO, QUATRO PALAVRAS.....	82
CAPÍTULO 2 - A FIXAÇÃO DO CONCEITO A UMA PALAVRA (1868-1889)	86
2.1 A DISPUTA ENTRE AS PALAVRAS	86
2.2 UM CONJUNTO DE ATIVIDADES CULTURAIS.....	93
2.3 ALEGRAR E DISTRAIR OU EDUCAR E MORALIZAR	122
2.4 EXPECTATIVAS E EXPERIÊNCIAS: AS SENSIBILIDADES DAQUELE TEMPO	126
2.5 UM CONCEITO, UMA PALAVRA: AMPLIAÇÃO DOS USOS.....	136
CONCLUSÃO	138
FONTES	140
REFERÊNCIAS	144

APRESENTAÇÃO

POR UMA HISTÓRIA DO CONCEITO DE LAZER

... as mudanças das coisas estão longe de acarretar sempre mudanças paralelas em seus nomes.

(...)

Acontece de, reciprocamente, os nomes variarem, no tempo e no espaço, independentemente de qualquer variação nas coisas. (BLOCH, 2001, p. 136)

Apesar da estruturação cada vez mais consistente de um campo de estudos do lazer – com grupos de estudo e pesquisa, congressos e seminários, produção de teses, dissertações, livros, artigos, dois periódicos e um programa de pós-graduação *stricto sensu* inteiramente dedicados à temática, da existência da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer –, e da realização de estudos sobre as sociabilidades, os divertimentos, o lazer e todo um conjunto lexical desse campo semântico fora dessa área formal e sistematizada de estudos, ainda carecemos de compreensões históricas mais elaboradas e complexas desse fenômeno.

Enquanto os estudiosos do campo do lazer se preocupam, as vezes demasiadamente, com os conceitos adotados em suas pesquisas, os estudiosos que se dedicam a essa dimensão ou aspecto da vida, mas que não são filiados a essa área de investigação, simplesmente não se preocupam com qualquer conceito desse campo semântico. E assim tem caminhado e prosperado, com incrementos cada vez maiores, os estudos que se dedicam ao lazer no Brasil, sejam eles formalmente ligados a essa área acadêmica específica, a de estudos do lazer, ou não.

Nesse primeiro movimento citado, de preocupação com o conceito, a questão tem sido o tipo de esforços que estão sendo entabulados para a melhor compreensão do conceito de lazer. O que tem prevalecido são, em geral, duas posturas, que não excluem uma à outra. Uma delas apela à etimologia da palavra, como se ela, sozinha, fosse capaz de dizer dos significados históricos de tal conceito, das experiências que o constituíram.

A outra tenta compreender o percurso do lazer no tempo através da realização de inferências teóricas, de pressuposições que partem do princípio de que as mudanças desencadeadas pelo processo de industrialização geraram tal fenômeno, como algo completamente novo, inédito. Parece fazer sentido a construção de tal raciocínio, lógico e linear, pois a industrialização inaugurou um novo tempo, novos modos de vida, levou à perda de hábitos e à construção de outros.

Então, pressupor que o lazer tenha sido nesse contexto engendrado parece pertinente. Essa hipótese, que tem sido tida como certeza nos estudos do lazer no Brasil, é corroborada ainda, pela coincidência entre o apogeu da industrialização e o uso sistemático do termo lazer, que se deram a partir da década de 1970.

Apesar de essa inferência teórica possuir sentido, devemos considerar que a história não é feita só de avanços e linearidade, pois a realidade é mais complexa. Há também retrocessos e permanências. Essa complexidade do curso da história, faz com que seja necessário mais do que uma pressuposição para compreendermos um fenômeno diacronicamente.

Precisamos matizar esse processo de construção histórica, compreender como e porque se deu esse uso lexical, para melhor compreendermos o lazer, pois um neologismo nem sempre significa a concomitante inauguração de um fenômeno (BLOCH, 2001, p. 136). Além disso, por mais significativo que seja o uso linguístico, ele não é suficiente para explicar um fato social, pois as relações entre esses usos e fatos são variadas:

É possível registrar continuamente a existência de um hiato entre fatos sociais e o uso linguístico a ele associado. As alterações de sentido linguístico e as alterações dos fatos, as alterações das situações políticas e históricas e o impulso para a criação de neologismos que a elas correspondam relacionam-se entre si das mais diversas maneiras. (KOSELLECK, 2006a, p. 111).

Além do mais, essa tentativa de compreensão do percurso histórico do lazer, sem a realização de pesquisas históricas empíricas, mas somente a partir de inferências e da reprodução de modelos teóricos, tem deixado a incômoda pergunta: e em contextos anteriores à industrialização, não havia lazer ou qualquer outro fenômeno a ele equivalente? As respostas a essa questão tem se mostrado insuficientes, pois se restringem, quase sempre, à etimologia da palavra lazer e dos termos a ele relacionados, como se pudéssemos reduzir a história do fenômeno à história do vocábulo que o designa.

A palavra divertimento está presente no primeiro dicionário português, que data do século XVIII (BLUTEAU, 1716), mas isso não significa que ela tenha sido usada no Brasil desde então. E ao longo do tempo em que esse uso tem se dado, não sabemos se o seu conteúdo, ou seja, o que essa palavra designa, tem sido sempre a mesma coisa ou se passou por alterações. Por outro lado, não sabemos também se já houve ou se há um outro termo que designasse o mesmo conteúdo que a palavra divertimento designa, ou se houve algum conteúdo correlato ao abarcado por esse termo em tempos passados, ainda que denominado de outra forma.

O mesmo pode ser dito do vocábulo lazer, que começa a ser utilizado de modo sistemático no Brasil a partir da década de 1970, principalmente no meio acadêmico¹, com sentidos mais ou menos homogêneos. Mas não conhecemos os primórdios do processo que culminou nesses usos, e tão pouco o processo de cunhagem de tal palavra, ou seja, não sabemos se trata-se de uma transição conceitual que culminou na constituição de um novo fenômeno, ou se trata-se apenas de uma nova denominação para um fato social já existente.

O fato é que pouco sabemos sobre as compreensões de divertimento, de lazer e de todo o léxico semântico a eles associado, que estiveram presentes no Brasil em tempos diferentes do nosso. Nossos conhecimentos se restringem ao que parece ser – digo, parece ser, porque não há pesquisas que o comprovem –, um formato de divertimento, sua variação temporal, o lazer. E ainda assim, esses conhecimentos se referem a um período bastante restrito, que vai da segunda metade do século XX até o momento atual. Conhecimentos esses, não sistematizados.

Uma palavra, do ponto de vista linguístico, é constituída pelo nome, que é o significante, e pelo seu conteúdo, que é o significado. Mas não estamos diante apenas de uma palavra, quando evocamos lazer ou qualquer outro termo do seu léxico semântico. Estamos, é certo, diante de algo mais complexo, que inclui a palavra, mas que a ultrapassa, que diz da “totalidade de circunstâncias político-sociais e empíricas nas quais e para as quais essa palavra é usada” (KOSELLECK, 2006a, p. 109). Estamos diante de um conceito.

Tanto uma palavra quanto um conceito, podem possuir diferentes significados, no entanto, cada significado de uma palavra é empregado de modo particular, de acordo com o contexto em que ela é usada; já os significados de um conceito estão sempre, todos, presentes quando ele é usado, não importa a situação de seu emprego, ele é sempre polissêmico. Assim, as palavras expressam os conceitos, mas não se confundem com eles:

Os conceitos são, portanto, vocábulos nos quais se concentra uma multiplicidade de significados. O significado e o significante de uma palavra podem ser pensados separadamente. No conceito, significado e significante coincidem na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser conservado e compreendido por meio dessa palavra. Uma palavra contém possibilidades de significado, um conceito reuni em si diferentes totalidades de sentido. (KOSELLECK, 2006a, p. 109)

¹ Cf. MELO, 2013a, p. 20. Enquanto a trajetória institucional de tal termo é conhecida nesse pequeno período, o termo que a população, nas suas diferentes camadas sociais, utilizava para denominar esse mesmo fenômeno é desconhecido.

Deste modo, uma palavra pode perdurar por séculos e pode existir em contextos distintos, mas nem sempre da mesma forma. Os significados dos conceitos quase sempre mudam ao longo do tempo, pois as mudanças de contexto podem implicar mudanças desses significados. Isso é a variação temporal dos conceitos, que confere a eles um caráter único, visto que seu significado é específico ao contexto de sua utilização.

Assim, os conceitos possuem uma “capacidade semântica [que] se estende para além daquela peculiar às ‘meras’ palavras utilizadas comumente no campo político e social” (KOSELLECK, 2006a, p. 98). Eles articulam-se ao contexto que os produziu e sobre os quais eles podem atuar, e o tornam inteligível. Assim, compreender um conceito é também compreender o contexto que o produziu e sobre o qual ele atuou.

Daí a importância da proposta do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006a), de compreender o sentido histórico dos conceitos, a semântica histórica. Trata-se da história conceitual, um procedimento que objetiva captar e compreender o significado de um conceito, e as alterações pelas quais ele passou ao longo do tempo. Esse método da História se ocupa de investigar o uso que os protagonistas de um tempo e de um espaço específicos deram às palavras, nos permitindo assim, evitar anacronismos, pois saberemos a justa medida das diferenças e semelhanças entre conceitos de ontem e de hoje.

Não se trata de definir o conceito, mas sim de reconstituir uma mostra de seus significados em um dado tempo e lugar, de reconstituir os usos do conceito pelos atores de um determinado contexto (SEBASTIÁN, 2009, p. 18). Assim, saberemos se podemos ou não usar o conceito atual, com seus significados, quando nos referirmos a um determinado passado. Do mesmo modo, saberemos também se os conceitos do passado mantêm seus significados no presente, ou se eles passaram por alguma alteração.

Nas palavras de Koselleck (2006a, p. 104):

Tal procedimento [da história conceitual] parte do princípio de traduzir significados lexicais em uso no passado para a nossa compreensão atual. A partir da investigação de significados passados, tanto a história dos termos quanto a dos conceitos conduz à fixação desses significados sob a nossa perspectiva contemporânea. Enquanto esse procedimento da história dos conceitos é refletido metodologicamente, a análise sincrônica do passado é contemplada de forma diacrônica. A redefinição científica de significados lexicais anteriores é um dos mandamentos básicos dos estudos diacrônicos.

Deste modo, a história conceitual nos permite conhecer “a partir de quando os conceitos passam a poder ser empregados de forma tão rigorosa como indicadores de transformações políticas e sociais de profundidade histórica”. “Isso significa que ela deve

registrar as diferentes designações para os fatos (idênticos?), de forma que lhe seja possível explicar o processo de cunhagem dessas designações em conceito.” (SEBASTIÁN, 2009, pp. 101 e 111, respectivamente).

Portanto, a história conceitual “deve remeter não só à história da língua, mas também a dados da história social, pois toda semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística” (KOSELLECK, 2006a, p. 103). Nesse sentido, “Uma palavra vale menos por sua etimologia do que pelo uso que dela é feito”, como nos disse Marc Bloch (2001, p. 143), justamente por que uma palavra pode ser usada de diferentes formas em diferentes contextos e por diferentes sujeitos.

Significados e estruturas de sentimentos podem ser a ela atribuídos de acordo com o grupo social, momento histórico e lugar em que ela é usada. Sendo assim, esse uso da palavra é mais significativo para a compressão de seu significado do que sua etimologia, pois o significado etimológico de uma palavra pode ser o mesmo em toda uma comunidade linguística, mas seus usos, que podem lhe conferir significados outros, são diversos: “os significados das palavras são os usos, como as usamos na cotidianidade.” (SEBASTIÁN, 2013, p. 57).

Além disso, “fatos cuja alteração se dá lentamente, a longo prazo, podem ser compreendidos por meio de expressões bastante variadas.” (KOSELLECK, 2006a, p. 114). O que nos indica que podemos compreender o lazer em tempos passados a partir de outras denominações, e que o início do uso sistemático dessa palavra não é suficiente para indicar uma alteração no quadro social, a emergência de um fenômeno completamente novo.

Se assim fosse, estaríamos reduzindo a história e o trabalho do historiador à dimensão da linguagem. Sobre tal postura Koselleck (1992, p. 3) nos alerta:

[...] considero teoricamente errônea toda postura que reduz a história a um fenômeno de linguagem, como se a língua viesse a se constituir na última instância da experiência histórica. Se assumíssemos semelhante postura, teríamos que admitir que o trabalho do historiador se localiza no puro campo da hermenêutica.

Portanto, o estudo diacrônico dos usos e significados de palavras como divertimento, recreação, passatempo, diversão, ócio, lazer pode oferecer contribuições para a compreensão do conceito hoje denominado lazer. Pode esclarecer se ele inaugura um fato social completamente novo, ou se é continuação de algo já existente, ainda que designado de outra forma. A história conceitual nos permitirá conhecer se houve uma transição conceitual, ou a nomeação de um mesmo fato por termos distintos.

A relevância da história dos conceitos pode ser assim resumida:

[...] a história dos conceitos evidencia a diferença que predomina entre um núcleo conceitual do passado e um núcleo conceitual contemporâneo, seja porque ela traduz o antigo uso linguístico, ligado às fontes, de modo a defini-lo para a investigação contemporânea, seja porque ela verifica a capacidade de rendimento das definições contemporâneas dos conceitos científicos. A história dos conceitos abrange aquela zona de convergência na qual o passado, com todos os seus conceitos, adentra os conceitos atuais. (KOSELLECK, 2006a, p. 116)

Assim, a história conceitual é um importante procedimento que permite tanto a análise de fatos cuja denominação nos foi herdada, pois eles já foram linguisticamente articulados e, por isso, podem estar nomeadamente presentes nas fontes; quanto a análise de fatos que não foram linguisticamente articulados no passado, e que, portanto, não estarão nomeadamente presentes nos documentos, mas que a partir dos vestígios históricos podem ser recuperados e fixados por categorias científicas definidas no presente.

É, portanto, o percurso que inclui a cunhagem de um termo, ou a ressignificação de um termo já existente, e os usos a ele atribuídos que constitui um conceito e que deve ser investigado. A constituição de um conceito, que inclui mudanças e permanências, pode indicar continuidades estruturais na realidade social (PEREIRA, 2005, p. 49). Sobre isso Koselleck (1992, p. 7) nos diz:

[...] da mesma palavra um novo conceito [pode ser] forjado, e portanto ele é único a partir de uma nova situação histórica que não só engendra essa nova formulação conceitual, como também poderá se tornar através dela inteligível.

Deste modo, a investigação histórica do conceito atualmente denominado de lazer pode nos permitir compreender melhor esse fenômeno ao longo do tempo, possibilitando-nos conhecer sua variação temporal e, assim, defini-lo mais precisamente nas investigações contemporâneas que realizamos do passado. Poderemos também, verificar a capacidade heurística de tal conceito, analisando o seu alcance temporal.

É justamente esse o intuito dessa pesquisa, discutir os usos do conceito de lazer realizados pelos atores de um contexto determinado, qual seja, a cidade de São Paulo no período 1828-1889. Mas fiquemos atentos, estou à procura do conceito de lazer, de seu significado. A palavra capaz de contê-lo, pode, no entanto, ser outra, ou até mesmo outras, é o que descobriremos.

O acesso heurístico à realidade passada, se deu através do conceito de lazer atualmente vigente, bem como de todo o léxico semântico a ele associado, como Koselleck

(2006a, p. 116) indica que seja feito. Deste modo, ócio, lazer, diversão, divertimento, recreação, distração e passatempo permitiram o primeiro acesso às fontes, e possibilitaram a identificação do conceito em voga naquele momento.

A escolha da cidade de São Paulo como *locus* da pesquisa, se deveu ao fato de ela ter sido a cidade brasileira em que a industrialização avançou mais veloz e intensamente, e onde, portanto, mais marcadamente existiram os elementos dela decorrentes, tidos como geradores do lazer, como vimos. Pois apesar de São Paulo não ser pioneira no processo de industrialização brasileiro, foi aí que este processo ganhou vulto, se desenvolveu em grande velocidade e conferiu identidade à cidade. No entanto, recuei no tempo em relação a este processo, na tentativa de apreender a lógica da mudança, a possível transição de um outro fato social qualquer para o lazer.

Se a princípio a escolha de São Paulo se deu a partir de um critério bastante lógico e objetivo, ao longo da pesquisa, quando o objeto a ser investigado foi de fato sendo construído, fui produzindo uma outra visão da cidade, nada lógica e objetiva. E foi justamente essa nova visão, que foi não apenas justificando, mas tornando necessária a investigação da capital paulista.

A historiografia da qual fui me apropriando, dizia sempre de uma São Paulo oitocentista acanhada, feia, pobre, sem vida e estática, em que a população não crescia, o dinheiro não circulava, por que não existia, as mulheres eram reclusas, os divertimentos inexistentes, os hábitos incivilizados, a alimentação precária, assim como o comércio.

Enfim, a imagem é de uma cidade que não inspirava o desejo do historiador de estudá-la, e que pode ser parte da explicação para o fato de serem quase inexistentes os estudos que tenham como tema os divertimentos e sociabilidades na cidade em tal período. Não havia dissonâncias, era sempre a mesma compreensão da cidade, produzida a partir do estudo dos mesmos temas e das mesmas fontes. Algumas daquelas que são também as minhas fontes, os relatos de viajantes.

Desconfiei dessa visão da cidade não apenas intuitivamente, mas também baseada, em alguma medida, nas fontes que estava analisando. Além disso, julgava insuficientes as teses explicativas da construção da São Paulo que conhecemos, de sua riqueza material, cultural e do lugar por ela ocupado no cenário econômico. E foi assim, num trabalho paralelo entre fontes e busca por bibliografia, que encontrei trabalhos que ao invés de ecoarem essa compreensão da cidade, dela duvidaram. Entre eles estão os trabalhos de Maria Lucília Viveiros Araújo, Maria Luiza Marcílio, Maria Odila Dias e Zélia Maria Cardoso de Mello. Fui assim, pouco a pouco, produzindo a visão de uma São Paulo instigante.

O ano inicial do recorte temporal da pesquisa é 1828, porque nenhum acontecimento, nem mesmo a Independência ou qualquer de suas consequências, foi tão importante para a cidade de São Paulo e seus divertimentos na primeira metade do século XIX, quanto a inauguração da Faculdade de Direito, em março deste ano². Até então, a vida da cidade era pacata, com ruas vazias, comércio apenas de bens essenciais, vida intelectual modesta, divertimentos escassos.

A partir do início do funcionamento do curso jurídico na cidade, esse quadro se modificou em grande medida. As ruas se tornaram mais movimentadas, assim como o comércio, que foi diversificado, vários jornais com duração mais larga do que a que teve o único jornal até então existente na cidade, começaram a ser publicados³, mais divertimentos passaram a ser promovidos, como a música, o teatro, os cafés, as livrarias, os bailes, os passeios, as festas, as reuniões, os jantares e as algazarras.

E a cidade passou a ser habitada, mais do que era até então, por homens⁴ de vários lugares do país, que levavam seus hábitos e valores, diversos dos existentes na cidade que os acolhia, e que geraram conflitos e expectativas, desejos de uma outra cidade, que eles acabaram ajudando a construir. Em seus primeiros vinte e cinco anos de funcionamento, a Faculdade de Direito formou 138 bacharéis paulistas (da capital e do interior), e 405 bacharéis de outras províncias do país (BRUNO, 1954, p. 809).

A inauguração da Faculdade de Direito imprimiu uma nova dinâmica à cidade, que se tornou mais agitada e com mais oportunidades de sociabilidade, sejam públicas ou privadas. Esse, digamos, ciclo da cidade, é fechado em 1867 com a inauguração de sua primeira linha de trem, que a ligava ao litoral, a *São Paulo Railway*. A partir daí a face da cidade se modificou enormemente, se dinamizou e modernizou, tendo os trilhos da estrada de ferro como o primeiro símbolo desse processo, que exibia orgulhosamente.

O desenvolvimento da economia cafeeira acelerou-se, levando mais dinheiro para a cidade e fazendo-a se expandir em ritmo acelerado. As opções de divertimento diversificaram-se uma vez mais com as novidades levadas em maiores velocidade e volume pela ferrovia, que facilitou o acesso às novidades europeias, através da ligação da cidade ao

² Não ignoro, entretanto, que a criação dos cursos jurídicos no Brasil foi uma das consequências da Independência, pois ela tornou necessária a formação da futura elite política-intelectual brasileira no próprio país.

³ Até então, tinha havido dois jornais na cidade. Um, manuscrito, instituído e extinto em 1823, com duração de aproximadamente três meses; e outro, impresso, fundado no mesmo ano da instalação da faculdade de Direito, 1827 e que foi publicado até 1831.

⁴ Digo homens, porque não havia mulheres entre os alunos da Faculdade de Direito nesse momento. Somente em 1898 a Faculdade de Direito matriculou a sua primeira aluna.

porto de Santos. A dinâmica da cidade foi aí novamente alterada, mas agora de forma brutal pelo binômio café-ferrovia.

Esse ciclo é fechado em 1889, quando tem início o processo de industrialização que conformou uma nova cidade. A riqueza do café financiou o maquinário e a importação de mão-de-obra, os fazendeiros de café diversificaram ainda mais seus investimentos, e a indústria paulistana deu seus primeiros passos. A vida cultural da capital paulista foi aí, mais uma vez, dinamizada e diversificada.

Deste modo, o que proponho para este trabalho é um recorte temporal temático, que considera os recortes mais convencionais, mas que é determinado pela especificidade do objeto estudado, por marcos que repercutiram mais diretamente sobre os divertimentos dos paulistanos. Tal escolha foi definidora da organização do trabalho, como se verá, pois ele tem essas periodizações como balizas para a definição de seus capítulos.

O *corpus documental* da pesquisa é constituído principalmente por periódicos impressos, publicados na cidade de São Paulo nesse período. Os jornais possuíam a função de mediar as relações entre a cultura oral e a cultura letrada no Brasil do século XIX (PINA, 2004), e em São Paulo, mais especificamente, eles possuíam uma importante função social. Eles eram formadores e divulgadores de opinião, comunicadores de acontecimentos, anunciadores dos serviços existentes na cidade, e difusores de literatura.

No entanto, que opiniões, que acontecimentos e que literatura eles comunicavam dependia de suas filiações políticas, de sua fonte de financiamento e de seus interesses, ainda que, no geral, os periódicos dissessem sempre do ponto de vista das elites. Os principais jornais investigados foram *A Aurora Paulistana*, *A Phenix*, *Correio Paulistano*, *Diário de S. Paulo*, *Ensaio Literários*, *O Acayaba*, *O Farol Paulistano*, e *O Novo Farol Paulistano*. Essa diversidade de jornais estudados, como se verá ao longo do trabalho, quando eles serão matizados, quando necessário, possibilitará uma leitura, senão multifacetada, ao menos mais complexa da cidade, dos interesses e dos atores nela presentes.

O uso de um arquivo digital, a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, foi o que permitiu o trabalho com um número grande de periódicos, trinta e quatro no total, num recorte temporal longo. Permitiu ainda a busca por palavras e o trabalho a partir de qualquer parte, onde estivessem disponíveis um computador e uma conexão de internet, dispensando o meu deslocamento até arquivos físicos. As perspectivas de pesquisa a partir desse tipo de arquivo são alvissareiras, mas exigem atenção a algumas questões.

Essa tecnologia, na medida em que permite a busca por palavra, por um conjunto delas, ou por radicais de palavras, pode ocultar a visão do todo da fonte histórica. Pode restringir o olhar do pesquisador a um pequeno fragmento da fonte, furtando-o da possibilidade de, ao ler todo o documento, ou ao menos uma parte maior do mesmo, encontrar vestígios inesperados. Pode, por consequência, levar à má compreensão do documento pelo pesquisador.

Esse ocultamento ou restrição da fonte, no entanto, pode ser evitado pelo próprio pesquisador, desde que ele não se limite à leitura dos resultados das buscas, do trecho específico da fonte onde se encontra a palavra por ele buscada. Foi deste modo que agi no desenvolvimento desta pesquisa. Apesar de obter resultados de buscas que indicavam não apenas a página, ou a seção do periódico, mas o trecho específico em que se encontrava o que eu procurava, não me furtei de folhear as páginas dos periódicos, de ler outras de suas partes e, por vezes, de lê-lo integralmente. Isso me permitiu conhecer melhor os documentos com os quais estava operando, e conhecer melhor o contexto do qual aqueles documentos diziam.

A instabilidade de arquivos digitais é uma característica que também deve ser considerada. Ela pode ou não acontecer, mas como não podemos garantir que ela não acontecerá, precisamos nos precaver. Uma fonte acessada hoje, pode amanhã simplesmente não estar lá, no arquivo, sem qualquer aviso prévio. Fontes novas também podem ser incorporadas ao acervo sem aviso. Por isso, é importante um levantamento prévio das fontes com as quais se irá trabalhar, um registro que permita o controle, ao longo do trabalho, dos documentos acessados. Isso tornará possível a identificação de ocasionais mudanças no acervo ao longo da pesquisa.

Há ainda uma questão, específica da Hemeroteca Digital, que precisa ser considerada. Apesar de fantásticos os tipos de buscas que ela nos permite, há uma certa falta de precisão nos resultados. A busca por uma determinada palavra, por vezes, retorna resultados que dizem de outras palavras, que tem a grafia parecida com a da palavra que procuramos. Um exemplo por mim vivido na feitura dessa pesquisa, diz respeito à busca pela palavra lazer, que retornou centenas de resultados, dos quais apenas seis eram efetivamente da palavra procurada. Os demais resultados, eram todos da palavra fazer. Para saber disso, no entanto, tive que verificar cada uma das centenas de ocorrências indicadas pelo resultado da busca.

Um outro exemplo desse tipo de problema, se refere à não identificação de resultados pelo sistema de buscas da Hemeroteca. Ao procurar por passatempo ou diversão, por exemplo, só foram indicadas duas ocorrências em uma edição qualquer de um dos

periódicos. Ao lê-la integralmente, no entanto, acabei por encontrar outras ocorrências da palavra pesquisada. Contra tal problema não nos resta muito a fazer, a não ser ler, sempre, o máximo possível os periódicos.

Também constituem-se como fontes para essa pesquisa, primordialmente para o primeiro período focalizado, a literatura produzida por viajantes estrangeiros que estiveram na capital paulista. Eles produziram descrições escritas e imagéticas da cidade, de sua geografia, vegetação, fauna, clima, organização do espaço, costumes, “caráter de seus habitantes”, religiosidade, política.

Quando o tema dos relatos são os costumes, as descrições vão dos hábitos alimentares, vestimentas, práticas religiosas aos divertimentos dos paulistanos. Esses viajantes eram comerciantes, cientistas, artistas, missionários e seus relatos eram endereçados, na maioria das vezes, aos europeus. Assim, temos através dessas fontes o olhar do outro, do europeu sobre São Paulo e seus habitantes. Olhar informado pelos valores, concepções e pensamentos europeus, mas que ainda assim nos fornecem descrições mais próximas da realidade local paulistana (LARA, 1984).

O trabalho está organizado a partir de seu objetivo, e do modo como foi pensado e desenvolvido. Fugirá ao modelo de possuir um capítulo introdutório, dizendo das escolhas teóricas e metodológicas realizadas, o que já foi aqui parcialmente realizado, assim como não contará com um capítulo dizendo do panorama da cidade no período investigado. Procurarei tratar de tudo isso de modo indissociado, em conjunto com as fontes que constituem a substância dessa pesquisa, numa tentativa de evitar a artificial separação entre pesquisa empírica e problemas teóricos.

O texto está estruturado em dois capítulos, definidos a partir da periodização já apresentada. Cada um deles focaliza um recorte temporal diferente, que em conjunto abarcam a totalidade do período investigado na pesquisa. O primeiro capítulo aborda o intervalo temporal compreendido entre 1828 e 1867, e o segundo trata do intervalo 1868-1889. Ambos estão estruturados em cinco partes, que foram construídas a partir da decodificação e contextualização das fontes, e da compreensão, construída a partir delas, das diferentes dimensões que constituíam o conceito em tela.

A primeira parte de cada um dos capítulos versa sobre a dimensão da linguagem, apresenta as diferentes palavras usadas para expressar o conceito, e as diferentes intensidades de seus usos, evidenciando a existência de disputa entre elas. A segunda parte trata das atividades culturais que eram englobadas pelo conceito e que dele diziam; a terceira focaliza as funções dos divertimentos, os papéis que eles desempenhavam na cidade; e a quarta parte

tem como tema a escala de valores, as sensibilidades e a moral existentes em torno dos divertimentos na capital paulista.

Cada capítulo permitirá, assim, conhecer o conceito de divertimento vigente em São Paulo no período focalizado, ao mesmo tempo em que revelará a dinâmica da cidade, o que será conclusivamente apresentado na última parte de cada capítulo.

CAPÍTULO 1

UM CONCEITO, QUATRO PALAVRAS (1828-1867)

A multiplicidade de palavras com uma mesma semântica, ou com semânticas muito próximas, tornou necessária a investigação de uma a uma, da compreensão dos sentidos, dos usos, dos sentimentos existentes em torno de cada uma delas, o que por vezes, levou a outras palavras e a outros usos. O conceito estava presente, ele estava ali, nas fontes, ainda que ora recebesse uma denominação, ora recebesse outra. A tarefa foi delinear o conceito, captá-lo com precisão e identificar a que palavra ele mais se fixava, de que termo ele era indissociável, ou foi assim se tornando.

Deste modo, a definição do símbolo linguístico usado para expressar o conceito e, portanto, constituinte do mesmo, já que significante e significado são indissociáveis nos conceitos, não se deveu a uma escolha arbitrária feita por mim, pesquisadora, mas só se deu ao final da investigação, quando foi possível concluir, a partir do trabalho empírico, a que palavra o conceito se ligava de modo indissociável.

Este capítulo aborda o percurso histórico do conceito de divertimento na cidade de São Paulo do século XIX, mais especificamente entre os anos 1828 e 1867. Seu objetivo é discutir os usos que foram feitos desse conceito pelos atores de tal contexto, a partir da reconstituição de uma mostra desses usos. O que será investigado, portanto, é um significado, um conteúdo, que é contido por uma palavra capaz de expressá-lo (KOSELLECK, 2006a). Desse modo será possível conhecer com precisão o significado histórico do conceito.

O capítulo está organizado em cinco partes, que juntas demonstrarão qual era o conceito de divertimento na São Paulo do período em tela. Na primeira parte que segue, os símbolos linguísticos capazes de expressar o conceito serão tratados, em seguida serão abordadas as atividades que eram englobadas pelo conceito de divertimento e que dele diziam.

Na terceira parte, a função e o lugar ocupado por esse conceito na São Paulo do Oitocentos serão enfocados. Em seguida, serão focalizadas a escala de valores, sensibilidades e a moral existente em torno dos divertimentos. A última parte do capítulo, apresenta o significado do conceito de divertimento na capital paulista entre 1828 e 1867, a partir do conjunto de atividades, estrutura de sentimentos, função e lugar ocupado por ele.

1.1 A disputa linguística

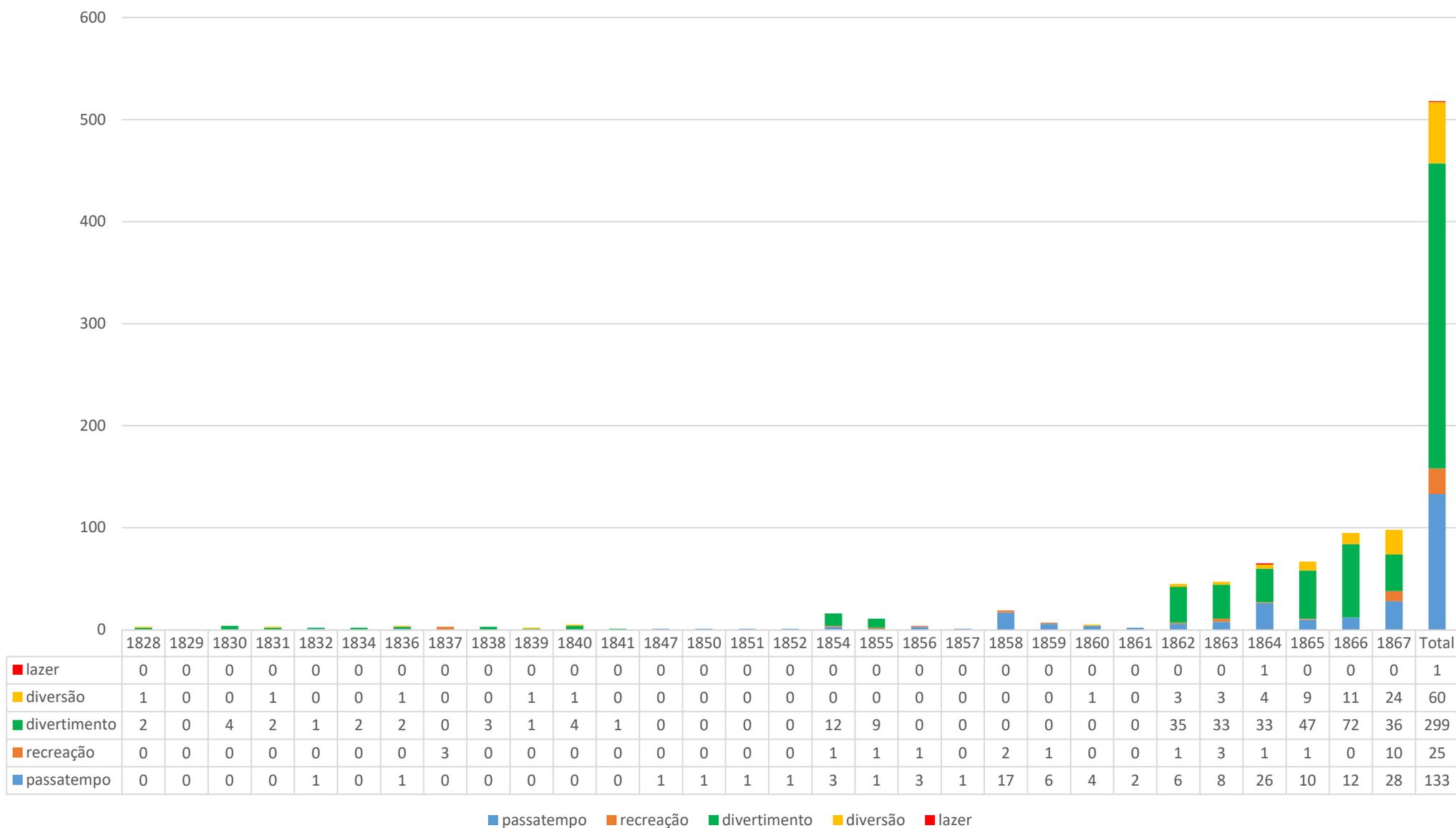
A investigação e cruzamento das fontes, permitiu perceber que o fato social aqui investigado já estava articulado linguisticamente no período estudado. Ou dito de outro modo, o conceito já possuía um uso linguístico a ele associado, já podia ser identificado nas fontes através de uma palavra. O que indica um certo momento do desenvolvimento do conceito, indica que ele já havia sido compreendido pelos paulistanos, pois somente assim ele pode ser articulado linguisticamente, seja através da ressignificação de um termo já existente ou da criação de um novo. No entanto, o conceito era expresso nesse contexto não apenas por uma palavra, mas sim por um conjunto delas.

Tal trabalho com as fontes, evidenciou que quatro diferentes palavras traduziam e expressavam o conceito de divertimento, pois possuíam um mesmo significado, estavam ligadas a uma mesma estrutura de sentimentos, e eram usadas para indicar e identificar um mesmo conjunto de atividades. Divertimento, passatempo, recreação e diversão eram usadas pelos paulistanos para expressar um único conceito, qual seja, o de divertimento. Houve ainda uma quinta palavra, lazer, que também compõe esse léxico semântico, mas cujo uso, no entanto, não se mostrou expressivo.

Essas palavras, portanto, eram sinônimas. Foram usadas separadamente, uma de cada vez, ou simultaneamente, em uma mesma frase ou diálogo. Elas se confundiam, se imbricavam nas falas dos paulistanos. Quando eram mobilizadas, era de um mesmo conteúdo que se falava. No entanto, ao longo do tempo, o conteúdo do conceito foi se ligando mais a uma palavra do que às outras, ainda que todas elas continuassem sendo usadas, com diferentes níveis de intensidade.

Apesar de simultâneo na maior parte do tempo, o uso dessas palavras não se deu na mesma medida. Algumas delas foram usadas de modo mais frequente e intenso ao longo do período, enquanto outras estiveram menos presentes, tiveram um uso menos recorrente e intenso, como demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Ocorrência das palavras (1828-1867)



Fonte: Jornais da capital paulista

A palavra lazer foi usada nos jornais paulistanos uma única vez, ao longo desses primeiros quarenta anos investigados. Ela demora a aparecer nos jornais, surge apenas no final do período, em 1864, com uma única ocorrência, e desaparece da mesma forma repentina como apareceu.

Recreação foi mobilizada pela primeira vez em 1837. Foram três ocorrências em tal ano. Depois disso, tal vocábulo só volta a ser usado em 1854, dezessete anos mais tarde, e a partir daí tem uma presença mais constante, apesar de pouco intensa. Recreação foi o vocábulo menos usado, depois da palavra lazer, para expressar o conceito de divertimento no intervalo temporal estudado. Foram 26 ocorrências ao longo de todo o período.

Diversão foi a terceira palavra menos mobilizada, com 60 ocorrências. Apesar de sua primeira aparição ter se dado logo no primeiro ano do período investigado, em 1828, suas presenças foram raras e intermitentes até 1862, a partir de quando ela passa a ser usada de modo constante e com níveis de intensidade crescentes, até o final do período.

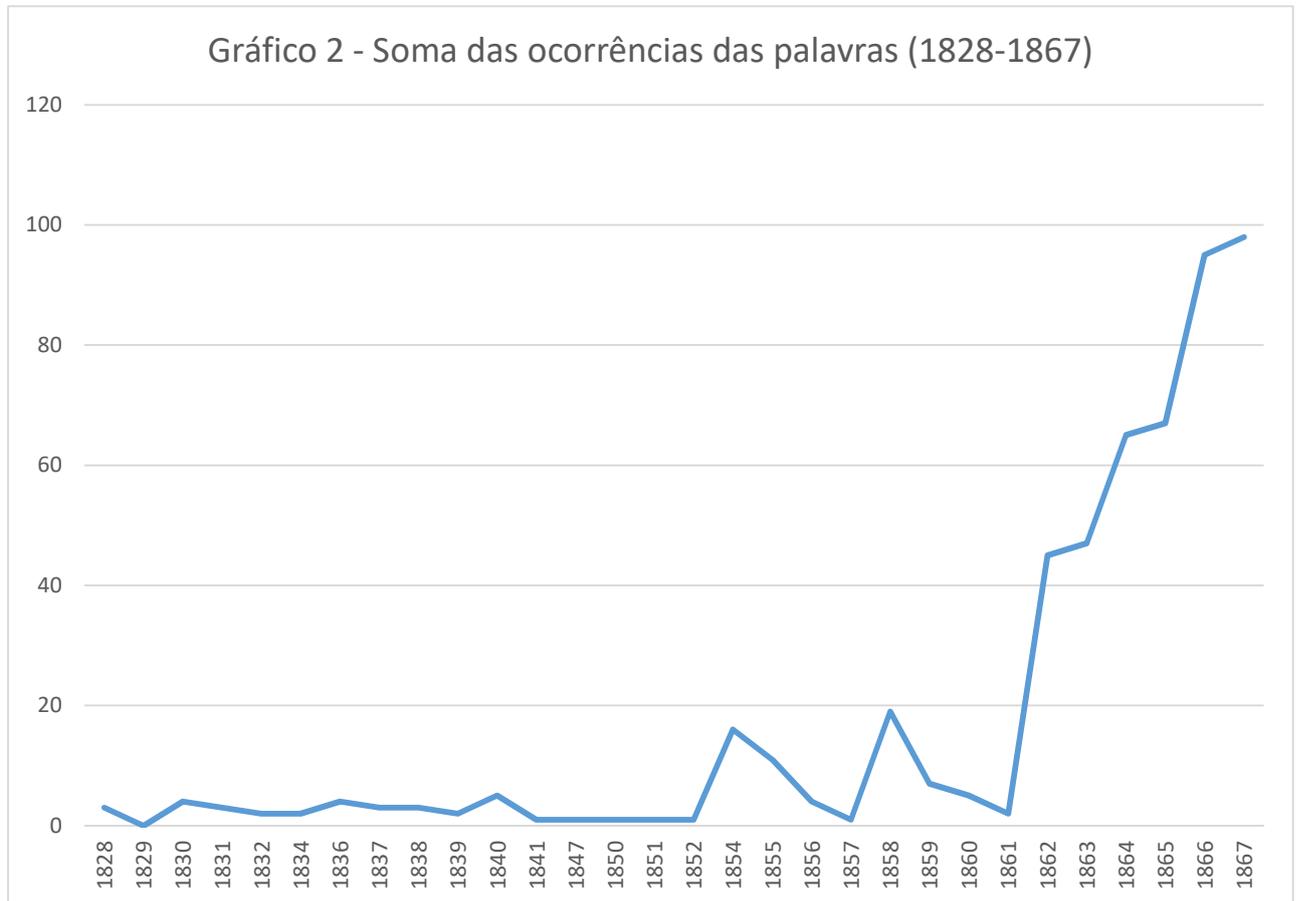
Passatempo foi vocábulo usado em 1832 e 1836, com uma ocorrência em cada um desses anos, e depois desaparece. Só volta a ser mobilizado pelas elites paulistanas, onze anos depois, em 1847, e a partir daí, mantém sua presença até o final do período, com diferentes intensidades de uso. Foi a segunda palavra mais usada nos jornais paulistanos para expressar o conceito de divertimento (133 mobilizações), e a palavra que possuiu presença mais constante, já que só não foi mobilizada em dez, dos quarenta anos investigados.

Divertimento foi o termo mais mobilizado, com 299 ocorrências. Teve, portanto, mais que o dobro do número de ocorrências do que a palavra passatempo, a segunda mais usada. Divertimento figura nos jornais desde o primeiro ano estudado, com intermitências que foram interrompidas em 1862. A partir de então, tal palavra foi usada sem interrupção e com grande intensidade, quando comparada aos demais vocábulos.

A soma dos usos de todas essas cinco palavras ao longo do período é igual a 518. A distribuição desses usos entre as palavras, entretanto, é bastante desigual, como vimos, assim como a distribuição desses usos ao longo dos anos investigados. O pequeno número de ocorrências das palavras nos anos 1860 e 1861, se deve, em alguma medida, à indisponibilidade nesses anos, de alguns dos jornais investigados.

Nos primeiros trinta e três anos, no intervalo 1828-1861, somando-se todas as mobilizações de todas as cinco palavras, temos 101 ocorrências distribuídas de modo bastante irregular ao longo dos anos, e sem uma tendência de crescimento ou de queda definida. Enquanto nos seis últimos anos do período, entre 1862 e 1867, foram 417 ocorrências,

distribuídas de modo crescente, ano a ano. O gráfico abaixo demonstra essas variações no uso das palavras ao longo do tempo:



Fonte: Jornais da capital paulista

Esses usos das palavras são reveladores da elaboração e da fixação do conceito. Entre 1828 e 1861 o conceito já existia, e as palavras que o expressavam também. No entanto, eles não estavam tão fixos entre si. O conceito não estava tão preso aos símbolos linguísticos que o expressavam e, por isso, eles não eram tão mobilizados. A partir de 1862, houve uma melhor fixação do conceito aos vocábulos, permitindo que seus usos se generalizassem.

As diferentes intensidades de uso de cada palavra, no entanto, evidenciam a existência de uma disputa entre os vocábulos. A constância da presença da palavra passatempo ao longo do período, indica a sua força nesse embate. Mas o conceito a essa altura, já estava compreendido e articulado de modo indissociável ao vocábulo divertimento, já precisava dele para se materializar linguisticamente. Daí a generalização do uso de tal palavra para expressar o conceito, em detrimento das demais.

O vocábulo divertimento é o que expressa o conceito, e é dele indissociável no período aqui estudado. O significado do conceito só pode ser compreendido por meio dessa palavra, pois ela reuni em si mesma diferentes sentidos, que sem ela não podem ser compreendidos, como veremos a seguir.

1.2 Um conjunto de atividades culturais

Março de 1828. Era o início de novos tempos na cidade de São Paulo. A Academia Jurídica acabara de ser inaugurada, e nada, nenhum dos importantes fatos ocorridos no século XIX brasileiro, foi tão perturbador para a capital paulista como esse até 1867, quando lá chegou a ferrovia. A recente Independência do Brasil – da qual a instalação da faculdade é uma consequência –, o deslocamento da primazia econômica das regiões agrícolas do norte para as do centro-sul, a decadência da cana-de-açúcar e o desenvolvimento do café só teriam repercussões marcantes sobre São Paulo a partir da década de 1870.

A inauguração da Academia Jurídica, ao contrário, teve repercussões imediatas. Causou a ampliação do centro urbano para as áreas vizinhas ocupadas por chácaras e matagais, pois não havia habitações desocupadas no centro urbano existente, que pudessem acolher os novos moradores (BRUNO, 1954, p. 559). Agravou os problemas de abastecimento de água e de gêneros alimentícios existentes na cidade (BRUNO, 1954, p. 629). Ampliou a necessidade dos serviços das lavadeiras, cozinheiras e costureiras (DIAS, 1995, p. 24; BONTEMPI JÚNIOR, 2004, p. 508). Fez surgir empresas de transporte de passageiros e bagagens, para as viagens Santos-São Paulo-Santos, que eram feitas pelo menos duas vezes por ano pelos estudantes da faculdade que eram de fora (BRUNO, 1954, pp. 592-595).

A presença da faculdade na capital paulista dinamizou de modo irreversível a vida intelectual paulistana (BRUNO, 1954; MORSE, 1970; CÂNDIDO, 1976; BONTEMPI JÚNIOR, 2004), que até então não possuía Escola Normal, criada somente em 1846⁵, e cujo ensino elementar começara a se organizar apenas três anos antes, em 1825 (MORSE, 1970, p. 83; BONTEMPI JÚNIOR, 2004, p. 530). Animou a vida da cidade com formaturas, recitais,

⁵ De vida efêmera, a primeira Escola Normal da cidade fechou em 1866, e formou ao longo de sua existência, menos de 40 professores. Em 1857 foi inaugurada a segunda Escola Normal de São Paulo que formou 44 professores antes de ser fechada, em 1878. São Paulo teve ainda uma terceira Escola Normal, inaugurada em 1880, de vida mais próspera que as anteriores (BONTEMPI JÚNIOR, 2004, pp. 530, 531).

arruaças, caçadas, banhos de rio e natação, flertes, bebedeiras, orgias, reuniões, repúblicas (CAMPOS, 2004a, pp. 252-255).

Foi nesses tempos, que o povo da imperial cidade de São Paulo⁶ compareceu ao Palácio do Governo, para participar das três noites de encamisadas que ali seriam realizadas. Tratava-se da comemoração do casamento de D. Pedro I com a princesa Amelia de Leuchtemberg, ocorrido no dia 29 de dezembro de 1829. Era um hábito, desde o Brasil colônia, a realização de festejos para celebrar datas importantes para a família real, como uma estratégia de difusão de símbolos da hierarquia metropolitana, e também de controle (MELO, 2013b).

A praça do palácio, assim como as casas da cidade, foram iluminadas com lampiões alimentados por azeite de peixe (TOLEDO, 2003, p. 337), ainda que com dificuldades, devido à escassez de recursos para esse fim. Fogos subiram ao céu, e duas bandas de música executaram variadas peças que muito agradaram “o grande número de povo” que ali compareceu. Em seguida, o presidente da província, José Carlos Pereira de Almeida Torres⁷, recebeu seus convidados com afabilidade em seu palácio para um baile, e os serviu refrescos e chá.

No dia seguinte, segundo dia de festas, houve uma celebração religiosa seguida pelo discurso do padre e professor de literatura, Francisco de Paula e Oliveira. Logo depois foi realizado no Palácio do Governo, com a presença de todas as autoridades da cidade, o cortejo ao retrato do imperador D. Pedro I, que se encontrava na principal sala do palácio. Os militares participaram prestando continência ao retrato, e realizando em frente ao palácio uma parada com a descarga de 101 tiros. Como encerramento dos festejos houve teatro à noite⁸.

Assim noticia esses acontecimentos, a edição do dia 2 de janeiro de 1830 do primeiro jornal impresso da província e da cidade de São Paulo, *O Farol Paulistano*:

Receberam os paulistas com indizível prazer a Fausta Notícia dos Augustos Desposórios de Sua Majestade o Imperador Constitucional do Brasil com a Sereníssima Senhora Princesa Amelia de Leuchtemberg, cujas sublimes virtudes eram por todos conhecidas, mesmo antes da certeza de se haver realizado tão venturoso Consórcio, que hoje nos afiança o aumento e perpetuidade da Prole Imperial. Apressaram-se por consequência os habitantes desta capital a demonstrar o

⁶ São Paulo recebeu o título de Imperial Cidade em 1823 (BRUNO, 1954, p. 441).

⁷ José Carlos Pereira de Almeida Torres era advogado, tendo se tornado visconde. Durante sua vida ocupou diversos cargos de importância no Império, dentre os quais destaca-se o cargo de presidente do Conselho de Ministros do Império do Brasil. Foi presidente da província de São Paulo por duas vezes, e de São Pedro do Rio Grande do Sul uma vez.

⁸ O Farol Paulistano, 2 de janeiro de 1830, pp. 2, 3. Ao longo desse trabalho, os documentos são transcritos respeitando-se a gramática e a pontuação originais, mas atualizando-se a ortografia das palavras.

seu regozijo por três noites sucessivas. Iluminando espontaneamente suas casas, e, concorreram depois cheios de prazer à Sé Catedral a fim de darem graças ao Ente Supremo por tão assinalado benefício, entoando o Exmo. Bispo Diocesano o *Te-Deum laudamus*, ao qual ato religioso assistiram também o Exmo. Presidente, Autoridades, e Empregados Públicos.

Seguiram-se três noites de encamisadas na Praça do Palácio do Governo, a qual foi preparada, e iluminada para esse fim, apresentando-se 24 cavaleiros, todos oficiais de primeira, e segunda Linha engraçadamente vestidos, e executaram esse **divertimento** com garbo, e destreza, e entre o aplauso geral do povo, que na melhor ordem, e sossego tinha concorrido, achando-se no Palácio do Exmo. Presidente, em consequência do seu convite, todas as senhoras distintas da capital, Autoridades, Cidadãos de todas as classes, aos quais se reuniram nas três noites dos ditos Cavaleiros depois de concluído o **divertimento** para serem servidos de refrescos com atenção, e delicadeza. (pp. 2, 3, grifos meus)

O Farol Paulistano começou a circular em fevereiro de 1827, com a chegada da tipografia em São Paulo. Inicialmente ele era publicado semanalmente, se tornando bissemanal em junho do ano de sua criação, e trissemanal em outubro de 1829. Esse aumento na frequência de sua publicação, se deu graças a aquisição de um novo prelo por sua tipografia, e ao desejo, expresso pelo próprio jornal, de abarcar temas e questões como as oscilações cambiais, o movimento do Porto de Santos, e os preços de gêneros de importação e exportação das províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2010). O periódico desejava, assim, ampliar os temas de que tratava e, conseqüentemente, ampliar também seus leitores.

Seu diretor era o magistrado liberal José da Costa Carvalho, que mais tarde tornou-se barão, visconde e marquês de Montalegre, e que ainda, com a abdicação de D. Pedro I, foi eleito membro da Regência Trina Permanente em 17 de junho de 1831. Fato que o levou, dias depois, em 30 de junho, a publicar a última edição de *O Farol Paulistano*, já que a conciliação de ambas as funções não seria possível. *O Farol* era liberal e defensor da monarquia constitucional (OLIVEIRA, 2010; CRUZ, 2004).

Tal periódico possuiu diversos redatores, entre eles seu já citado diretor, e Antônio Mariano de Azevedo Marques, que foi o criador do primeiro jornal da capital, o manuscrito *O Paulista*, de 1823. *O Farol* recebia colaboração de membros da Faculdade de Direito, como o padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, aluno destacado da primeira turma do curso, que veio a ser professor (1833) e diretor (1837) do mesmo, e também do padre Vicente Pires da Mota, igualmente aluno da primeira turma do curso, seu professor (1833) e diretor por duas vezes (1837, 1865).

O relato do jornal, transcrito acima, revela a programação festiva de ocasiões como esta, de comemorações públicas. Revela que um *divertimento*, as encamisadas, eram

parte importante dessa programação, visto que foram realizadas em todos os três dias de festas. Deviam estar, portanto, de acordo com os gostos e preferências, senão de toda a população paulistana daquele momento, ao menos de parte dela.

As encamisadas eram uma manifestação popular em que grupos mascarados, vestindo amplos e compridos camisolões e empunhando tochas, saíam às ruas (CAMPOS, 2008). A necessidade do jornal, de dizer que foi de modo ordeiro e calmo que as encamisadas se deram, já denuncia bem claramente que tal modo era uma exceção à regra geral. A regra geral, deveria ser a desordem e a agitação, pois se assim não fosse, se as encamisadas fossem sempre ordeiras, sossegadas e calmas, o jornal não precisaria dizer que nessa ocasião foi desse modo, ordeiro e calmo, que elas se deram.

Nessa comemoração, as encamisadas foram realizadas por vinte e quatro homens da força policial da capital, e assistidas pela população, o que talvez explique a ordem e a calma com que elas se deram. Parece que uma outra de suas características, para a qual as vestimentas contribuíam, era serem engraçadas. Elas provocavam alegria e regozijo, pois era essa a finalidade das atividades desenvolvidas em ocasiões como esta. Eram esses os sentimentos que deviam inundar a capital, para demonstrar à coroa que a sua alegria era também a alegria do povo paulistano. As encamisadas, portanto, divertiam os paulistanos, e eram deliberadamente denominadas por eles de *divertimento*.

A matéria não foi assinada, bem como a maior parte de tudo o que era publicado no *Farol*. Provavelmente foi escrita por um de seus vários redatores, que usou o vocábulo *divertimento* para designar as encamisadas, porque julgou que com tal palavra se faria entender, que ela permitiria aos paulistanos daquele tempo conhecer o que havia se passado naquela ocasião.

Festejos semelhantes ocorreram quando da maioridade de D. Pedro II. Nesta circunstância, foram realizadas cavalhadas e iluminações, sobre as quais se pronunciou um leitor do jornal *A Phenix*:

Ouçõ dizer que trata-se de festejar a maioridade de S. M. o Imperador com cavalhadas, iluminações, e outras coisas semelhantes.

Não condeno a lembrança, porque em fim, logo que um **divertimento** seja lícito e decente, é bem próprio para servir de demonstração de aplauso por motivos os mais importantes. Parece-me contudo, que a ideia do Sr. Presidente José Carlos Pereira de Almeida Torres, por ocasião do casamento do Sr. D. Pedro I, de saudosa memória, mereceu aceitação do público desta capital, porque conciliava as demonstrações de regozijo com o fim de uma utilidade muitíssimo real;⁹

⁹ A Phenix, 19 de agosto de 1840, p. 4, grifos meus.

O leitor demonstra conhecer a estratégia da coroa, de utilizar os divertimentos como forma de atualizar seus símbolos e sua importância. Não era, deste modo, de maneira inconsciente ou inocente que os paulistanos participavam desses festejos. Se não todos eles, ao menos uma parcela dos paulistanos conhecia os motivos que levavam à realização de tais divertimentos, e com eles concordavam.

As cavalhadas, que eram torneios e disputas à cavalo, teatralizadas e com regras, e as iluminações, que consistiam em iluminar o lugar onde se dariam os divertimentos, bem como as casas da cidade, eram usadas para agradar o povo – a precariedade da iluminação da cidade em sua vida cotidiana, fazia com que a iluminação desses dias festivos, se tornasse uma atração –, eram divertimentos bem aceitos, que alegravam os paulistanos.

Desde o Brasil colônia, havia como que uma programação, mais ou menos fixa, de divertimentos que era realizada quando de momentos festivos como esses, do segundo casamento de D. Pedro I e da maioridade de D. Pedro II. Uma atividade religiosa, o *Te-Deum*, sempre compunha a programação – essa ligação Estado-Igreja, somente foi rompida, ao menos oficialmente, na República, com a laicização do Estado –, assim como apresentações de teatro, de bandas de música, e alguma atividade, cortejo ou aplausos, dirigida ao retrato do imperador. Ocasões festivas como essa, serviam, portanto, como forma de afirmação da realeza. Ainda que fisicamente ausente, a família real fazia sentir a sua presença e afirmava o seu poder (SCHWARCZ; MACEDO, 1998, p. 253; CAPONERO, 2014, p. 262).

A cidade também precisava estar bonita, adornada, e era a iluminação das casas, de responsabilidade de seus próprios moradores, que cumpria esse papel de embelezamento. O governo incentivava a participação da população paulistana, e organizava os divertimentos, dando orientações e indicando o que deveria ser feito, como forma de demonstrar regozijo com o que era importante para a família real.

Ao contrário do que diz a maior parte da historiografia sobre São Paulo nesse período, senão toda ela (AZEVEDO, 2000; ARAÚJO, 1981; BRUNO, 1954; TOLEDO, 2003), bem como um certo conjunto de fontes, bastante utilizado nessa historiografia (RUGENDAS, 1972; SAINT-HILAIRE, 1976; MAWE, 1978; AZEVEDO, 1988), não eram raros e escassos os divertimentos na cidade. Havia muitas outras práticas de divertimento, além dessas, vividas por ocasião de comemorações de acontecimentos da realeza.

Ainda que acessível a poucos, devido aos baixos índices de alfabetização da população da capital, que em 1836 era de apenas 5%, e em 1872 de 30%, (MORSE, 1970, p. 215), a leitura era uma das possibilidades de divertimento e instrução para clérigos,

profissionais liberais, funcionários do governo, estudantes, professores e negociantes. Para os estudantes da Faculdade de Direito, os divertimentos que envolviam a leitura e a escrita chegaram a ser mais recorrentes do que outros tipos de divertimento a partir de 1860 (COSTA, 2012, p. 112).

Em 1803, a loja de Antônio José Dias Coelho possuía um dos maiores estoques de livros da capital paulista, com 844 volumes de 119 títulos diferentes. Em 1806, essa mesma loja possuía 446 volumes e 164 títulos. Estima-se que depois de 1821, quando se deu o fim da censura prévia dos livros, que era feita pela coroa portuguesa, eles tenham tido maior circulação em São Paulo (ARAÚJO, 2008). Nada pode ser seguramente afirmado quanto a esse assunto, circulação e consumo de livros na capital paulista, quando se trata dos três primeiros quartéis do Oitocentos, já que faltam estudos que nos permitam fazê-lo.

Mas é fato que o ato de ler compunha o conjunto de atividades das quais o conceito de divertimento dizia respeito:

Pode ser que este conto, que à presa traduzimos da Minerva Francesa, dê algum **divertimento** aos nossos leitores. Inocentíssima é a nossa oferta: se alguém a quiser envenenar, não é a culpa nossa, que só temos em vista mesclar o sério dos objetos que até agora temos tratado nesta folha com este acipipe de urbano gracejo.

O Redator¹⁰

O uso, pelo redator do *Farol Paulistano*, em sentido figurado da palavra acipipe¹¹ para designar o conto, evidencia o sentido do *divertimento*. Era para ser deliciado, apreciado, causava prazer e satisfação. E estava em oposição ao que era sério, sisudo, e que podia causar aborrecimentos. Esse mesmo sentido foi conferido à prática da leitura de diferentes materiais (jornais, livros), e de diferentes tipos de texto (prosa, poesia, textos jornalísticos), em vários outros momentos, ainda que tenha sido expresso por diferentes palavras.

A partir de 1837, há anúncios da venda de livros cujos títulos contavam com a palavra recreação. Uma maneira de dizer ao leitor, que a leitura seria aprazível, que trataria de temas amenos e agradáveis. Um deles foi *Recreação Moral e Científica*, vendido pela tipografia *Costa e Silveira* – que produzia o jornal *O Novo Farol Paulistano*, onde o anúncio foi feito. Com sete volumes, esse livro era uma compilação e tradução de escritos franceses de vários autores, sobre os princípios gerais das ciências. A leitura dessa obra era, assim, tida como recreação.

¹⁰ O Farol Paulistano, 3 de outubro de 1827, p. 4, grifo meu.

¹¹ De acordo com o dicionário de Rafael Bluteau (1716, p. 43), acipipe significava “iguaria delicada, e gulosa”.

Sua tradução e compilação foi realizada pelo então senador do império, José Saturnino da Costa Pereira, que neste mesmo ano veio a ser Ministro da Guerra. Bacharel em Matemática formado em Coimbra, José Saturnino alterou o título do último volume para *Recreação Moral e Científica ou Revista das obras mais modernas sobre a história, romances e as ciências em geral*, que foi composto de três contos (OLIVEIRA, 1997, p. 29).

Os títulos das obras compiladas, apesar de serem pistas singelas – já que somente o conteúdo dos textos poderia nos dizer com precisão dos assuntos tratados, e não foi possível acessá-los –, são indícios de que não apenas as ciências foram os objetos tratados nos livros. Os títulos das obras compiladas eram: Magazine universal, França Pitoresca, Museu das Famílias, As soirées europeias, Jornal dos estudantes, Jornal de conhecimentos úteis, Viagem Pitoresca, Revista de Paris¹².

Não é por acaso que os textos originais eram franceses, e que alguns deles, senão todos, falavam da França, como permite perceber os títulos, pois tal país a essa época já se constituía como exemplo de civilidade e progresso. Conhecer como eram os encontros e os comportamentos em uma reunião noturna (soirée) na França, como eram e o que faziam os estudantes franceses, ou ainda como eram as famílias francesas, poderia se constituir em uma fonte de inspiração, uma forma de conformação dos comportamentos, dos gostos, uma educação moral para os paulistanos.

Tanto é que esses livros foram dedicados por seu autor à D. Pedro II, e este, “reconhecendo sua grande utilidade se dignou a aceitar a sua dedicatória”¹³. Além disso, a comissão fiscalizadora do *Seminário das Educandas*, em 1836, indicou a aquisição de tal livro “para a educação moral das suas alunas” (BRUNO, 1954, p. 837).

Tudo isso demonstra que a leitura, o estudo, eram uma forma de diversão, e que essa diversão nada tinha de desinteressada, pois contribuía deliberadamente para a formação dos paulistanos. Não era por acaso, ou de forma não planejada que essa formação se dava. Ela era pensada e engendrada de acordo com os interesses hegemônicos vigentes. O divertimento aqui, portanto, se constituía em uma forma de educação.

¹² O Novo Farol Paulistano, 22 de fevereiro de 1837, p. 4, tradução livre.

¹³ Idem.

— RECREAÇÃO MORAL e SCIENTIFICA
 ou JORNAL DA JUVENTUDE: Dedicada a S.
 M. I. o Senhor D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRA-
 ZIL, que, reconhecendo sua grande utilidade
 se Dignou aceitar a sua Dedicatória: recopila-
 da dos melhores authores, cujo trabalho é di-
 rigido pelo Ex.^{mo} Sr. Senador José Saturnino
 da Costa Pereira, e ornada de estampas. As ma-
 terias forão escolhidas nas obras seguintes: —
 Magasin universel, La France Pittoresque, Mu-
 sée des Familles, L'Epoque, ou les Soirées Eu-
 ropéennes, Journal des E'coliers, Journal de
 Connaissances utiles, Voyage Pittoresque, Re-
 vue de Paris. &c. &c. Sahem á luz 4 volumes
 por'anno, e o 6.^o volume foi ultimamente ter-
 minado. O preço da subscrição é 4,000 por
 4 volumes, e 1,000 o volume em separado.
 Subscreve-se para a HISTORIA GERL DOS ANI-
 MAES e para a RECREAÇÃO MORAL E SCIENTIFICA,
 ou JORNAL DA JUVENTUDE, em casa de R. OGIER
 & C.^a Impressores e Livreiros Editores no Rio
 de Janeiro, ruas do Rosario n.^o 84, e detraz
 do Hospicio n.^o 51, e, n'esta Cidade na Typo-
 graphia de Costa Silveira rua de S. Gonçalo n.^o
 14, onde se recebe o importe das subscrições
 que deve ser adiantado. — N. B. N'esta Typo-
 graphia se achão a venda os 5 volumes já publi-
 cados.

O Novo Farol Paulistano, 22 de fevereiro de 1837, p. 4

Em matéria em que apresenta reflexões sobre a poesia brasileira, e a considera um *passatempo*, o primeiro número do jornal *Ensaio Literários*, produção “De uma associação de Acadêmicos”, como diz a capa do jornal, evidencia esses mesmos sentidos sendo conferidos à poesia:

A poesia é um dos mais preciosos dons, que a Divindade deixou cair sobre a terra, para compensar os males desta existência fenomenal, e precária; as magas ilusões da imaginação transportando para este mundo as delícias do Éden, são como um véu que encobre até certo ponto, quanto tem de mesquinha e de amarga a condição do homem. Mas ela não é só um mero **passatempo**, um refúgio onde vão as almas sensíveis, pôr-se em abrigo dos dissabores, e esquecer-se por um momento do mundo real perdidas, nos devaneios de uma imaginação caprichosa; não, compete-lhe também uma alta importância social, pois que tem representado um grande papel no desenvolvimento da humanidade. As mais altas máximas sociais, os princípios mais fecundos em grandes resultados foram muitas vezes apagados por sua doce voz; por meio dela popularizaram-se crenças e princípios civilizadores: seus acentos falando a fantasia e ao coração são mais bem compreendidos pelo povo, do que a voz grave e austera da filosofia; foram seus cantos melodiosos que embalaram no berço a sociedade nascente, ela, e não a filosofia, ensinou, e divulgou os dogmas da religião, apertou os laços da sociabilidade e despojou o homem primitivo de seus hábitos ferozes, substituindo costumes mais doces e humanos.¹⁴

¹⁴ Ensaio Literários, setembro, 1847, p. 13, grifo meu.

Forma de compensação e fuga dos aborrecimentos diários, de viver bons momentos, de experimentar as delícias do paraíso e, assim, encobrir, ainda que por momentos, as mazelas da existência humana. Esses eram os sentidos da poesia aí apresentados. Esses sentidos, no entanto, não eram tidos como tão importantes quanto a instrução e os ensinamentos proporcionados por esse divertimento.

Esses sim, possuíam *alta importância social*, pois contribuíam para o desenvolvimento da humanidade. A leitura de poesias não era, portanto, um divertimento desses que nada traz de útil para aquele que se diverte, e para a sociedade a qual ele pertence, mas ao contrário, era um divertimento repleto de uma nobre função.

O autor da matéria assina apenas como “S. G.”. Era comum nesse jornal, e também em outros, a prática de assinar apenas com as iniciais do nome, o que dificulta e as vezes inviabiliza a identificação do autor. Mas trata-se, quase indubitavelmente, de um estudante da Faculdade de Direito, pois esse foi mais um daqueles jornais literários produzidos pela comunidade acadêmica da faculdade.

Tal comunidade, tanto os estudantes quanto os professores, foram responsáveis pelo desenvolvimento da imprensa na capital. Agraciados pela feliz coincidência de a primeira tipografia da cidade ter sido inaugurada no mesmo ano da criação da faculdade¹⁵, eles produziram diversos jornais impressos, seja como redatores, fundadores ou colaboradores. Heloísa de Faria Cruz (2004, p. 353) afirma que “A verdade é que durante grande parte do século XIX, o jornalismo e a vida intelectual e letrada paulistana permaneceriam centradas na Academia de Direito.”

A autora ainda informa que “As publicações literárias e científicas, da mesma forma que as folhas políticas, eram também, em sua maioria, elaboradas por acadêmicas do largo de São Francisco, e constituíam produtos característicos da imprensa do período.” (CRUZ, 2004, p. 355). *O amigo das letras*, primeira produção jornalística dos estudantes, data de 1830 e era dedicado à literatura. Depois vieram, os também literários, *Sociedade Filomática* (1833), *Ensaio Literários* (1847), *Revista Mensal do Ensaio Filosófico* (1851),

¹⁵ A determinação da criação dos Cursos Jurídicos de São Paulo e de Olinda se deu em 1827, mesmo ano em que surgiu a primeira tipografia em São Paulo. Ambos esses fatos se deveram à Independência do Brasil, à autonomia, poderes e desejos do novo Estado que se gestava. Antes da chegada da tipografia, a capital possuiu um único jornal. Manuscrito intitulado *O Paulista*, produzido em 1823 por Antônio Mariano de Azevedo Marques, conhecido como Mestrinho. Era bissemanário, e durou apenas alguns meses, sendo extinto ainda em 1823 (TOLEDO, 2003, p. 314; OLIVEIRA, 2010, p. 295). Mestrinho continuou tendo participação importante na imprensa paulistana. Foi um dos redatores do primeiro jornal impresso da capital, *O Farol Paulistano*, conforme já foi mencionado.

Ensaaios Literários do Ateneu Paulistano e *O Acayaba* (1852). Esses são apenas alguns jornais, daqueles que contaram com a participação mais decisiva dos membros da faculdade.

A produção artística da capital, poesia, prosa e dramaturgia, se não foi fundação dos estudantes, foi por eles engrossada e através deles ganhou notoriedade (COSTA, 2012; MORSE, 1970; AZEVEDO, 2000). Antônio Candido chegou mesmo a afirmar que “só há literatura em São Paulo depois da Independência, e notadamente depois da Faculdade de Direito”. Antes disso, o que houve, segundo o mesmo autor, foi a gestação das condições necessárias à existência da literatura na capital, que produziu “manifestações literárias”, como os autos e poemas do padre José de Anchieta (CÂNDIDO, 1976, p. 147).

Ainda de acordo com Antônio Candido, “a criação da Faculdade de Direito, desempenharia papel decisivo na literatura em São Paulo”. A *Sociedade Filomática*, fundada em 1833 por alunos e professores da instituição, produziu uma revista e reuniões literárias. Foi um marco para a vida intelectual paulistana, estabelecendo na capital “a literatura como atividade permanente”, e se constituindo como mola propulsora para a literatura nacional, visto que a partir dela o indianismo teve uma de suas primeiras manifestações no país, com Firmino Rodrigues Silva¹⁶ (CÂNDIDO, 1976, p. 154).

Jornal não acadêmico, mas que contava com a contribuição dos estudantes, o *Correio Paulistano* publicou matéria sobre o teatro da capital paulista, assinada por “Um acadêmico”, que ao falar sobre uma atriz, de seus atributos, diz da leitura como seu *agradável passatempo*: “A Sra. Velluti é não só uma artista cheia de merecimentos como ainda uma Sra. instruída e que faz do estudo e da leitura dos bons livros o seu mais agradável **passatempo**.”¹⁷ O mesmo jornal, alguns meses depois, diz do imperador português Pedro V: “Mas a hora, em que tinha de trocar a **recreação** dos livros pelas cogitações do estado, a que se destinava, soou cedo.”¹⁸

Em uma publicação desse mesmo periódico, uma *carta particular* de um morador de Guaratinguetá, são apresentados mais explicitamente os tipos de leitura que divertiam:

Apenas nos **divertimos**, se a isso se pode chamar divertimento, com a leitura de jornais, que da corte e dessa capital nos vem. A propósito de jornal – devo dizer-lhe que o nosso *Ypiranga* tem aparecido por aqui bastante maçante. Nada mais nos

¹⁶ Indianismo foi uma tendência literária do romantismo. O poema *Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro*, do autor citado, é considerado o marco inicial da “escola brasileira” (CÂNDIDO, 1976, p. 155). Ele, Firmino Rodrigues Silva, foi estudante da Faculdade de Direito, e um dos primeiros frutos da Sociedade Filomática. Francisco Bernardino Ribeiro, a quem o poema foi dedicado, era professor da Faculdade e orientador de Firmino. O poema foi escrito quando da morte do professor, para homenageá-lo.

¹⁷ *Correio Paulistano*, 27 de janeiro de 1863, p. 2, grifo meu.

¹⁸ *Correio Paulistano*, 2 de julho de 1863, p. 2, grifo meu.

conta se não a vida de Cristovam Colombo, e os repetidos anúncios já tão sabidos com que, para encherem seu formato, assentam de maçar a paciência dos leitores.

Muitos já dizem, que deixam de assinar, e com razão. Nós cá pela roça, não somos como Vmcs., apreciamos mais aquelas notícias belas, e jocosas; que dantes nos dava o *Ypiranga*, cartas particulares e a interessante Chronica do Norte, que tanto nos **divertia**, e não artigos sérios e maçantes como aqueles com que nos está o *Ypiranga* hoje obsequiando.¹⁹

O leitor guaratinguetaense faz uma distinção entre os interesses daqueles que são das capitais, do país e da província, e daqueles que são do interior, da roça. Segundo ele, esses últimos tinham interesse em se divertir lendo os jornais. E não seria lendo sobre assuntos sérios e maçantes que isso se daria. Nem tampouco lendo o que já haviam lido, e que era republicado somente para preencher as quatro páginas do jornal.

A diversão se daria, se fossem publicados temas belos e espirituosos, e se houvesse diversidade e novidade nos assuntos tratados. A oposição entre sério e divertido aparece mais uma vez. A valorização da novidade pelos paulistanos, como desejo de se conectar ao novo, de escapar do velho e de um certo ordenamento rotineiro, captada pelos jornais e transformada em estratégia publicitária no último quartel do século XIX (MELO, SANTOS, 2017), já aparece aí, em 1854 e por parte de um interiorano.

Walter Benjamin (1939, pp. 27, 28), partindo das ideias de Baudelaire, explica que a novidade se torna uma qualidade de valor inestimável na modernidade. Tendo a moda como sua incansável fonte, ela contrabalança a desvalorização das coisas, provocada por sua transformação em mercadoria e por seu rápido envelhecimento, este último, característico da modernidade. A novidade, como qualidade, independe do valor de uso, do preço das coisas, e as valoriza. Essa qualidade aparece ligada a diferentes produtos anunciados nos jornais paulistanos, e também aos divertimentos, como forma de valorizá-los.

A seção dos jornais intitulada *Folhetim*, possuía justamente a função de tratar dos divertimentos. Sua característica principal era abordar amenidades, temas engraçados, anunciar os divertimentos da cidade e analisá-los, através de artigos de crítica e crônica, e também publicar literatura, seja prosa ou poesia. Livros inteiros eram publicados nos folhetins, e também nas seções *Variedades* ou *Literatura*, parte por parte, a cada número de jornal.

Na verdade, em seus primórdios na França, a literatura publicada nos folhetins era um gênero textual específico, a ficção em partes ou em série, batizada como *feuilleton-roman*,

¹⁹ Correio Paulistano, 23 de setembro de 1854, p. 3, grifos em negrito meus, em itálico da fonte.

que em português era o romance-folhetim²⁰. Tratava-se de uma produção literária específica para os folhetins, era uma literatura nascida do jornal e feita para o jornal (NADAF, 2009).

O *Folhetim* estava presente no *Correio Paulistano* desde a sua segunda edição, publicada em 27 de junho de 1854, e ao longo de sua existência foi composto por textos de diferentes naturezas, chegando a possuir subseções (TRIZOTTI, 2015). O divertimento dizia respeito à natureza dos folhetins:

Paro por aqui. Não desejo enfadar meus leitores com tanta coisa séria, pesada e imponente. Meu programa é rir e fazer rir. Como não vejo aberta para realiza-lo na forma de meus bons desejos, tomo a liberdade de pedir aos leitores, que deixem de parte o presente folhetim, como se não existisse, e procurem melhor **diversão** aos seus cuidados.

Vão, por exemplo, dar uma vista d'olhos ao Pavilhão Marinho. É aí, segundo a nova lei, que mora atualmente o rir e o folgar. Lá, ao pé de uma garrafa de cerveja, talvez possa, de viva voz, acrescentar ao presente folhetim o que lhe falta de risonho, faceto, e folgazão.²¹

Foi deste modo, que a leitura apareceu ao longo do período, como uma forma de divertimento, uma maneira de se esquivar das agruras diárias, de trazer leveza e graça à vida e, ainda, uma forma de desenvolvimento e aprendizado. Era, portanto, um divertimento útil e agradável.

A primeira biblioteca oficialmente pública da província de São Paulo foi fundada em 1825, em sua capital²². Instalada no mesmo modesto edifício onde foi o colégio e o convento dos jesuítas, a primeira edificação da cidade. Era onde também estava instalada a residência dos presidentes da província, o Palácio do Governo, e até mesmo uma fábrica de tecidos (HOLANDA, 1957, p. 293), e onde, mais tarde, foi instalada a Faculdade de Direito. São Paulo não havia ainda se desenvolvido fisicamente, por isso suas instituições públicas,

²⁰ O folhetim surgiu na França no século XIX, a partir da “necessidade de gerar prazer e bem-estar aos leitores ou ouvintes de jornais, cansados de verem os enfadonhos reclames oficiais ocuparem as páginas dos periódicos”. Eles ocupavam o rodapé da primeira página dos jornais, e eram compostos por “artigos de crítica, crônicas e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, comentários de acontecimentos mundanos, piadas, receitas de beleza e de cozinha, boletins de moda, entre outros assuntos.” (NADAF, 2009, p. 119). Em 1830 é que teve início, na França, o uso do folhetim para a publicação de literatura em partes. No Brasil, o folhetim constituiu-se dos mesmos tipos de textos dos folhetins franceses. As obras ficcionais nele publicadas, principalmente entre 1840-1850, eram as traduções dos romance-folhetim franceses. Quando surgem os autores brasileiros, eles imitam tão fortemente o modelo francês, que eles mesmos questionam sua falta de originalidade (NADAF, 2009).

²¹ *Correio Paulistano*, 24 de fevereiro de 1867, p. 1, grifo meu.

²² Digo, primeira biblioteca oficialmente pública, porque há notícia de que a biblioteca do convento dos franciscanos nessa época já estava à disposição do “proveito público”. E antes, no último quartel do XVIII, o bispo de São Paulo, D. Fr. Manoel da Ressurreição, colocou sua biblioteca, com quase dois mil livros, à disposição, não de todos, mas do clero e de estudantes (ELLIS, 1957, p. 391).

mas não somente elas, estavam todas concentradas nesta edificação, a melhor que a cidade possuía, ainda a essa altura.

Figura 1 - Pátio do Colégio em 1824



Fonte: Jean Baptiste Debret.

O acervo de tal biblioteca foi constituído pelos 1.059 livros que compunham a biblioteca do bispo D. Mateus de Abreu Pereira, falecido em 1824, e que foram arrematados pelo governo. Foram somados a eles, o acervo da biblioteca do convento dos franciscanos, deixado pelo bispo para proveito público, contendo 3.162 livros. Esse conjunto de obras, 4.221 livros, se constituiu no acervo da primeira biblioteca pública da província, e mais tarde no acervo inicial da biblioteca da Faculdade de Direito (ELLIS, 1957)²³.

Houve também, uma outra instituição que teve como fim proporcionar a leitura aos paulistanos. A sociedade *Clube Paulistano*, que parece ter sido inaugurada em abril ou maio de 1867, e ter tido vida curta, oferecia a seus sócios as atividades de leitura, conversação e jogos. Reuniu, pelo menos por algum tempo e com regularidade, em um mesmo lugar, a casa de José Maria de Andrade, sobre o qual não consegui informações, essas três

²³ De acordo com o inventário de tal acervo, construído pelo primeiro bibliotecário de São Paulo, o padre José Antônio dos Reis, os assuntos de tais obras eram: Escritura Sagrada e Santos Padres; Liturgia; Teologia Natural Dogmática e Moral; Direito Canônico; Direito Natural e Civil; Teologia Mística; Sermonários; Filosofia, Matemática, História Natural e Física; Retórica e Poética; Geografia; Dicionários e Artigos das Línguas; História Universal e Particular e Miscelânea (ELLIS, 1957, p. 394). Em 1839, segundo Daniel Kidder, quando de sua estada em São Paulo, tal biblioteca já possuía sete mil livros (2001, p. 217).

possibilidades de divertimento²⁴. Sua missão era “fornecer um **passatempo** aos seus sócios que o acham quer nos jogos, quer na leitura de jornais, quer na conversação.”²⁵

Os jogos e brincadeiras também foram dessas atividades que divertiam os paulistanos. Suas presenças nos jornais da cidade com essa compreensão, foram tão recorrentes quanto as presenças da leitura como atividade que divertia. Esta última, no entanto, teve sua primeira aparição, com essa compreensão, em 1847, enquanto os jogos e brincadeiras só apareceram em 1858. Mas ambas foram denominadas tanto de divertimento, quanto de diversão, de recreação e de passatempo.

Sob o título de jogo, estavam os jogos de cartas e de bilhar²⁶, dominó, xadrez, dama²⁷, críquete²⁸, esporte ainda em gestação na cidade, o jogo de parselhas²⁹, que eram as corridas de cavalos, e também o arremesso de lanças³⁰ ou de laranjas³¹, além do jogo d’água, praticado no entrudo. Todas essas práticas, exceto o jogo d’água, estiveram sempre, em suas aparições nos jornais, ligadas aos adultos, eram eles que jogavam, e o desejo era que eles fossem mesmo os únicos a se divertirem jogando. Qualquer notícia de que as crianças, por ventura, estivessem envolvidas com essas atividades, eram repletas de críticas e censuras. O jogo não era para elas, ao menos não esses jogos.

Quando o tema eram os jogos, os jornais não se dirigiam de forma explícita aos homens ou às mulheres, assim, não foi possível saber quem jogava. No entanto, ao trabalhar com processos de divórcio, Alzira Campos afirma que “As mulheres não estavam infensas ao hábito de jogar. Em menor número, é certo, a documentação registra mulheres jogadoras”. Estas, no entanto, eram taxadas de mulheres “de má vida”, ao acompanharem os homens em tal divertimento (CAMPOS, 2004a, pp. 266 e 267, respectivamente).

Já as brincadeiras, não eram necessariamente atividades, mas na maior parte das vezes eram uma certa intenção, um sentido, uma forma de fazer ou de falar. Atividades mesmo, foram apenas cinco. A cabra-cega³², brincadeira ainda atual, as rodas de fogo, cuja dinâmica não consegui identificar, e o boizinho, que consistia em alguém se vestir de boi, e se

²⁴ A única referência dos jornais paulistanos ao *Clube Paulistano*, é feita em notícia sobre o seu funcionamento e a sua finalidade, na edição do dia 11 de maio de 1867 do *Correio Paulistano*. Não encontrei nada mais. Esse *Clube Paulistano* de que falo, não é o mesmo *Clube Atlético Paulistano* surgido em 1900.

²⁵ *Correio Paulistano*, 11 de maio de 1867, p. 1, grifo meu.

²⁶ *Diário de São Paulo*, 24 de agosto de 1865, p. 3.

²⁷ *Correio Paulistano*, 27 de agosto de 1867, p. 3.

²⁸ *Correio Paulistano*, 6 de setembro de 1864, p. 2.

²⁹ *Correio Paulistano*, 14 de agosto de 1864, p. 3.

³⁰ *Correio Paulistano*, 12 de março de 1862, p. 3.

³¹ *Correio Paulistano*, 5 de julho de 1862, p. 1.

³² *Correio Paulistano*, 20 de julho de 1866, p. 2.

pôr a dançar e a tentar chifrar as pessoas que estavam em volta a gritar e atirar o boi³³. Essas três atividades foram praticadas por adultos. Já as brincadeiras de pião³⁴, e de imitar a guerra, simulando as batalhas, foram desenvolvidas por crianças³⁵, essa última no contexto da Guerra do Paraguai.

Mas na maior parte da vezes, as brincadeiras consistiam em rir de alguém, zombar, ter alguma atitude oposta ao que era sério, ou ainda, fazer algo que comumente era tido como sério, grave, com sentido de divertimento. Nesses casos, brincadeira raramente foi a palavra empregada, o que se dizia era que “por divertimento”, “por passatempo” fez-se ou diz-se essa ou aquela coisa. Vejamos alguns exemplos.

Na seção *Variedades* do *Correio Paulistano*, estava sendo publicado, dividido em partes, um conto no qual consta a seguinte passagem: “Este signatário o havia obrigado a passear pelas ruas da cidade em traje de réprobo, com a túnica preta e o chapéu amarelo; e isto com o fim de servir de divertimento aos marinheiros da frota espanhola.”³⁶

Situação muito semelhante, aparece em um romance publicado na mesma seção *Variedades*, de uma outra edição do *Correio Paulistano*: “O acanhamento das suas maneiras, a inflexão tremida das suas poucas palavras, denunciariam uma inculta rapariga d’aldeia, a quem por passatempo aparamentaram de vestidos senhoris. Na grande roda seria fértil assunto de risos e gracejos.”³⁷

As situações vexatórias pelas quais passaram o homem e a mulher dos episódios acima, eram tidas como engraçadas e divertidas. Divertidas para quem as assistia, obviamente. O sentido do divertir-se aqui, é o de zombar, de rir de uma situação cômica. Um paulistano serviu de divertimento na corte, devido ao seu modo de falar. Tratava ele de assunto sério, mas caçoaram de sua fala “quando queriam fazer diversão do sério e mover o riso.”³⁸

Também se roubava ou perturbava a ordem por brincadeira, para se divertir. Atitude que era, quase sempre, recriminada, e por isso chamada de “divertimento de mal gosto”³⁹ ou “ridículo divertimento”⁴⁰. Exemplo disso, foi a notícia publicada no *Correio Paulistano* de 16 de dezembro de 1865:

³³ Diário de São Paulo, 28 de julho de 1866, p. 1.

³⁴ Diário de São Paulo, 8 de dezembro de 1867, p. 1.

³⁵ Correio Paulistano, 8 de maio de 1867, p. 2.

³⁶ Correio Paulistano, 14 de junho de 1862, p. 2.

³⁷ Correio Paulistano, 8 de outubro de 1863, p. 3.

³⁸ A Phenix, 17 de junho de 1840, p. 4.

³⁹ Correio Paulistano, 16 de dezembro de 1865, p. 2.

⁴⁰ Correio Paulistano, 27 de abril de 1864, p. 3.

Roubo – Consta-nos que em uma destas noites foram roubadas duas torneiras de metal de duas pipas empregadas na venda d'água pela cidade.

Realmente é admirável que até as torneiras não escapem aos rapinadores, isto é, se tal desaparecimento não é fruto de algum **divertimento** de mau gosto. (p. 2, grifo meu)

O roubo pode ter sido cometido, não pelo interesse, por parte daquele que roubou, no objeto roubado, no seu valor monetário ou utilidade. Mas, segundo o noticiário, pode ter sido cometido por divertimento, como uma brincadeira, uma forma de zombar e rir dos vendedores de água, que teriam dificuldades em negociar sua mercadoria sem as torneiras das pipas. Também nessas brincadeiras, lá estavam eles, os estudantes, a perturbarem a cidade:

Consta-nos que alguns estudantes para gracejarem com certos colegas, postam-se em algumas esquinas à rua da Glória, parecendo pessoas suspeitas.

Não deixa de ser perigoso esse **divertimento**; além de tomar inutilmente o tempo à polícia, e patrulhas do respectivo quarteirão, pode acontecer que se tome em sério o que não passa de gracejo.

Consta-nos que por parte da autoridade policial deu-se as necessárias ordens para que, em um caso destes se tome conhecimento não na mesma noite, mas no outro dia, depois da participação do carcereiro.⁴¹

A brincadeira, segundo o noticiário, era entre os estudantes. Uns desejavam fazer piada com os outros, rir-se deles ao provocarem o susto de serem abordados a noite, em uma das esquinas mal iluminadas da cidade. A má qualidade da iluminação em São Paulo, assim como a do calçamento de suas ruas, foi tema da observação e de reclamações de muitos daqueles que viveram ou passaram pela cidade (BRUNO, 1955, pp. 538, 550; TOLEDO, pp. 336, 337; ASSUNÇÃO, 2006; AZEVEDO, 1988; SAINT-HILAIRE, 1976).

Esse divertimento, no entanto, não agradou aqueles que não eram estudantes, e que o consideravam perigoso. O descontentamento foi tamanho, que a polícia decidiu deixar aquele que fosse pego a divertir-se desse modo, preso por pelo menos uma noite. A intervenção policial nesses casos, se dava com a justificativa de manter a tranquilidade dos paulistanos⁴².

Esses fatos endossam o que disse o viajante Augusto Zaluar, nessa mesma época, 1860-1861, quando de sua estada em São Paulo, e o que mais tarde foi dito por Antônio Cândido (2006) e Eurípedes de Paula (1954), sobre a estrutura dual existente na capital

⁴¹ Correio Paulistano, 5 de maio de 1862, p. 2, grifo meu.

⁴² Correio Paulistano, 22 de maio de 1864, p. 1.

paulista nesses tempos. Havia tensões constantes entre os estudantes e o restante da comunidade paulistana (ZALUAR, 1863; CÂNDIDO, 2006; PAULA, 1954), que resultavam em frequentes choques com a polícia (CAPONERO, 2014, p. 346). Choques e tensões essas, reconhecidas pelo próprio governo, que para mediar a situação nomeou e manteve por muitos anos no cargo de delegado de polícia, um professor da Faculdade de Direito (CÂNDIDO, 2006, p. 156).

Certas atitudes e comportamentos também divertiam os paulistanos dessa época. “Falar mal da vida particular das famílias é matéria em que acha divertimento”⁴³, um certo homem da cidade:

Por meus pecados achei-me um dia destes em uma roda de homens, que em vez de falarem mal da vida particular das famílias, matéria em quanto a mim mais **divertida**, ocupam-se em negócios políticos, em censurar os atos dos empregados públicos, andam sempre ralhando a não se poder suportar.⁴⁴

Segundo esse homem, falar mal da vida alheia era leve, ameno, divertia. Conversar sobre política e criticar o trabalho dos funcionários públicos, por outro lado, era um sofrimento, tal qual pagar pecados. O autor dessa correspondência enviada ao jornal, assinou como “Um que não descorça”. Se assumia ele, então, como alguém que não perde a coragem, o estímulo, alguém que possui ânimo⁴⁵. Revelava, com essa assinatura, seu espírito alegre e sua inclinação aos prazeres e animações, sua inclinação aos divertimentos.

A correspondência prossegue, dizendo do próximo assunto dos homens da roda de conversa da qual participava o nosso interlocutor. Falaram eles da chegada de um rapaz da Bahia à capital, para estudar na Faculdade de Direito, e dos trâmites e dinâmicas da faculdade para aceitar novo aluno. Disseram do lugar em que o rapaz se assentava nas aulas, de onde colocava o seu chapéu. Eles discutiram os mecanismos de atestação dos conhecimentos do aluno novato, que deviam ser usados pela faculdade. Há opiniões diferentes quanto a isto na roda de conversas:

Foi nesta roda que apareceu a notícia de haver chegado a esta um moçoquinho da Bahia para estudar no Curso Jurídico, e obter os grãos de formatura [sic]; mas que como chegou tarde, e já achou fechada a matrícula, propõe-se a aparecer pela aula até o fim do ano, e então alcançar um aviso do Ministério para fazer o ato, e seguir depois as mais aulas.

⁴³ O Farol Paulistano, 14 de junho de 1828, p. 2.

⁴⁴ O Farol Paulistano, 7 de junho de 1828, p. 3, grifo meu.

⁴⁵ Não consta no dicionário de Rafael Bluteau (1716) as palavras descorça ou descorçoar. No entanto, consta a palavra descorçoado (p. 401), cujo significado, segundo esse mesmo dicionário, é o mesmo da palavra desacoraçar (p. 383): “fazer perder o ânimo”.

Um dos da roda disse então, que o que havia era uma carta do Ministro (não disse qual, mas eu creio que seria o do Império) a não sei quem, empenhando-se, para que o moço fosse matriculado, mas que o Sr. Lente disse que isso não podia fazer, e que seria melhor que o moço frequentasse a sua aula, porque no fim lhe passaria uma atestação, pois com ela talvez conseguisse o aviso para fazer o ato. Disse mais o mesmo sujeito, que na verdade o moço vai à aula, e que põe o seu chapéu no cabide nº tal, e que se assenta no banco nº tal, como se já estivesse matriculado em nº tal mas que não sabia ao certo, se ele dava as lições, nem se entrava em sorteio para as sabatinas, nem se estava obrigado às horas marcadas, nem às dissertações, nem a outras quaisquer obrigações da aula.

Outro d'ali começou então a parafusar sobre o caso e a dizer: “Pois que atestação há de passar o Sr. Lente ao moço, uma vez que pelas lições e outras experiências não saiba a quantas anda ele? Bastará por ventura atestar que via o moço todos os dias na aula? Então aí temos pronto para fazer ato o padre capelão de caçadores, e o porteiro do Curso Jurídico, os quais por sua devoção ou por gosto pelas ciências vão ouvir todas as lições.”

“Mas esses, diz um mais prudente, não poderão fazer o ato, e o moço talvez possa; e como o que se quer é o conhecimento das matérias que aprendem no Curso, pouco importa a falta de frequência na aula, com tanto que se faça o ato.”

A conversa continua, com outras opiniões sobre esse mesmo assunto sendo colocadas. O debate travado pelos homens da roda, as informações que eles apresentam, os detalhes quanto ao comportamento do aluno novato em sala de aula, permitem pensar que eles eram estudantes da Faculdade de Direito, bem como o autor da correspondência, participante da roda.

Em sua maioria vindos de outras províncias⁴⁶, algumas vezes até mesmo com experiências internacionais⁴⁷, os estudantes possuíam costumes e valores diversos dos costumes e valores dos paulistanos, o que torna possível que eles não vissem nada de errado em se divertir falando mal da vida alheia. Disposição para divertimentos, os estudantes tinham de sobra, mesmo para aqueles divertimentos, e talvez principalmente para estes, que perturbassem a capital paulista, seus valores, sua vida sossegada.

Já os paulistanos e aqueles que se identificavam com sua mentalidade, não compreendiam como alguém podia se divertir desse modo:

⁴⁶ Dos 33 alunos matriculados na primeira turma do curso, apenas dez eram paulistanos. Os demais provinham do interior da província de São Paulo e do Rio de Janeiro, da Corte, de Minas Gerais e da Bahia. (TOLEDO, 2003, p. 316). Num balanço da origem dos estudantes formados nos primeiros 25 anos de funcionamento da faculdade, os dados são os seguintes: 138 eram paulistas (logo, eram da província de São Paulo), 181 eram fluminenses (ou seja, eram da corte ou do interior da província do Rio de Janeiro), 100 eram mineiros, 56 baianos, 48 gaúchos, 11 maranhenses e 9 mato-grossenses (BRUNO, 1954, p. 809). Portanto, enquanto 405 estudantes vinham de fora da província de São Paulo, apenas 138 eram paulistas.

⁴⁷ Daniel Kidder, em seu relato da viagem que fez de Santos à São Paulo em janeiro de 1839, diz de um jovem fluminense que viajou em sua companhia para matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo, e que “tinha passado diversos anos em Paris” (2001, p. 179). Almeida Nogueira e Rafael Aguiar Paes de Barros também são exemplos de alunos do curso jurídico que moraram na Europa (COSTA, 2012).

Não se pode em tão poucas linhas vender tanta imoralidade! Que pretende Sr. Um que não descorça, paralisar a consciência do homem, quer despojá-lo dos laços sagrados, que o prendem à sociedade? quer degradá-lo, abafando a voz divina, que fala em seu coração – ama o teu próximo –? quer corromper o povo Paulistano, plantar e nutrir em seu seio doutrina tão perversa? Falar mal da vida particular das famílias é matéria em que acha **divertimento**? Ah quanto é depravado o seu coração para avançar posição tão odiosa! Sr. Correspondente, ouvir falar mal das famílias, e de tanto gostar, é crime, é transgressão da lei primária, gravada pelo sábio Dedo da Onipotência em caracteres indelévels no coração do homem, que é homem.⁴⁸

Havia, portanto, um julgamento moral dos divertimentos. O que para um divertia, para outro era imoral e inaceitável a ponto de ser incompreensível. Como pode alguém se divertir ao falar mal da vida alheia? Era essa uma questão sem resposta para o Sr. Francisco de Paula Oliveira, autor do trecho acima, publicado no *Farol Paulistano*. Essa falta de consenso em torno de se divertir falando mal da vida alheia, é expressa nas poucas ocorrências de tal prática. Foram cinco menções a essa forma de divertimento, uma sob o signo linguístico *passatempo*, e as demais sob o signo *divertimento*.

Podemos perceber, deste modo, que a chegada dos estudantes à São Paulo gerou repercussões de outras naturezas, que não apenas a material. A mentalidade, a sensibilidade, a moralidade, os hábitos e costumes dos paulistanos foram pela primeira vez contrapostos com o diferente, num âmbito mais amplo que o das relações individuais. Essa contraposição gerou tensões, resistências e conseqüentes permanências, gerou perturbações, incômodos, alegrias e criou o novo. Criou uma cidade mais dinâmica.

Maria Cristina Caponero (2014), ao analisar as transformações sofridas pelas festas na capital paulista durante o império, enfatiza o papel dos estudantes não apenas nesse processo, em que as festas foram perdendo em sacralidade e devoção, mas em toda a dinâmica da capital. Segundo ela, a partir de 1828 “A presença dos estudantes na cidade foi cada vez mais alterando velhos costumes e práticas sociais que há muito vinham ocorrendo...” (p. 342).

De “conduta turbulenta e invasora”, os estudantes transformaram a capital paulista em uma cidade universitária (ALMEIDA JÚNIOR, 1952, p. 274). As aulas eram o que proporcionava o encontro dos estudantes entre si, e destes com os demais moradores da cidade, pois a obrigatoriedade de frequentá-las, obrigava-os também a morar na capital, e a conviver uns com os outros⁴⁹.

Mas as aulas foram o fator menos importante para a formação dos estudantes (ALMEIDA JÚNIOR, 1952, p. 280), e para a transformação da capital. O que os alunos

⁴⁸ Farol Paulistano, 14 de junho de 1828, p. 2.

⁴⁹ A partir de 1879 a frequência às aulas deixou de ser obrigatória (ALMEIDA JÚNIOR, 1952, p. 277).

faziam depois das aulas, isto sim, se constituiu em possibilidade de formação mais ampla, e abriu-lhes maior variedade de perspectivas profissionais, ao mesmo tempo em que agitou a cidade:

Uns se encontram nesta ou naquela república, para dizer versos, discutir, mostrar ensaios filosóficos; outros fazem política no pátio da escola, vão a escritórios em que possam redigir artigos de jornal; à noite recitam nos salões, representam no teatro, examinam em lojas maçônicas os problemas nacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 1952, p. 280).

Conversar de maneira geral, e não especificamente falando mal das pessoas, foi prática de divertimento mais comum, e mais aceita entre os paulistanos. Os folhetins falavam desse costume⁵⁰, bem como os moradores de São Paulo se divertiam conversando em bailes⁵¹, na rua, e nas associações⁵², que desde pelo menos a década de 1840 já estavam presentes na cidade. Sob o título de diversão, passatempo e divertimento é que as conversas, ou *conversações*, como eram chamadas, estiveram presentes nos jornais da capital paulista.

Conversas sobre temas engraçados, cômicos eram as preferidas. Quando a conversa possuía um objetivo sério, um fim, não era divertimento, mas se era despreziosa, aí sim, tinha esse significado. Exemplo disso, é a carta enviada por uma moça a um rapaz, a quem desejava namorar. Ela lhe adverte que “se as conversas são por divertimento é uma coisa, e se são para casar é outra. (...) querendo cumprimentar na vista das minhas manas pode cumprimentar, mas a respeito de conversas é isto que acabo de lhe escrever.”⁵³

Muitas outras atividades foram englobadas pelo conceito de divertimento da São Paulo Oitocentista, e dele diziam, como demonstra o gráfico abaixo:

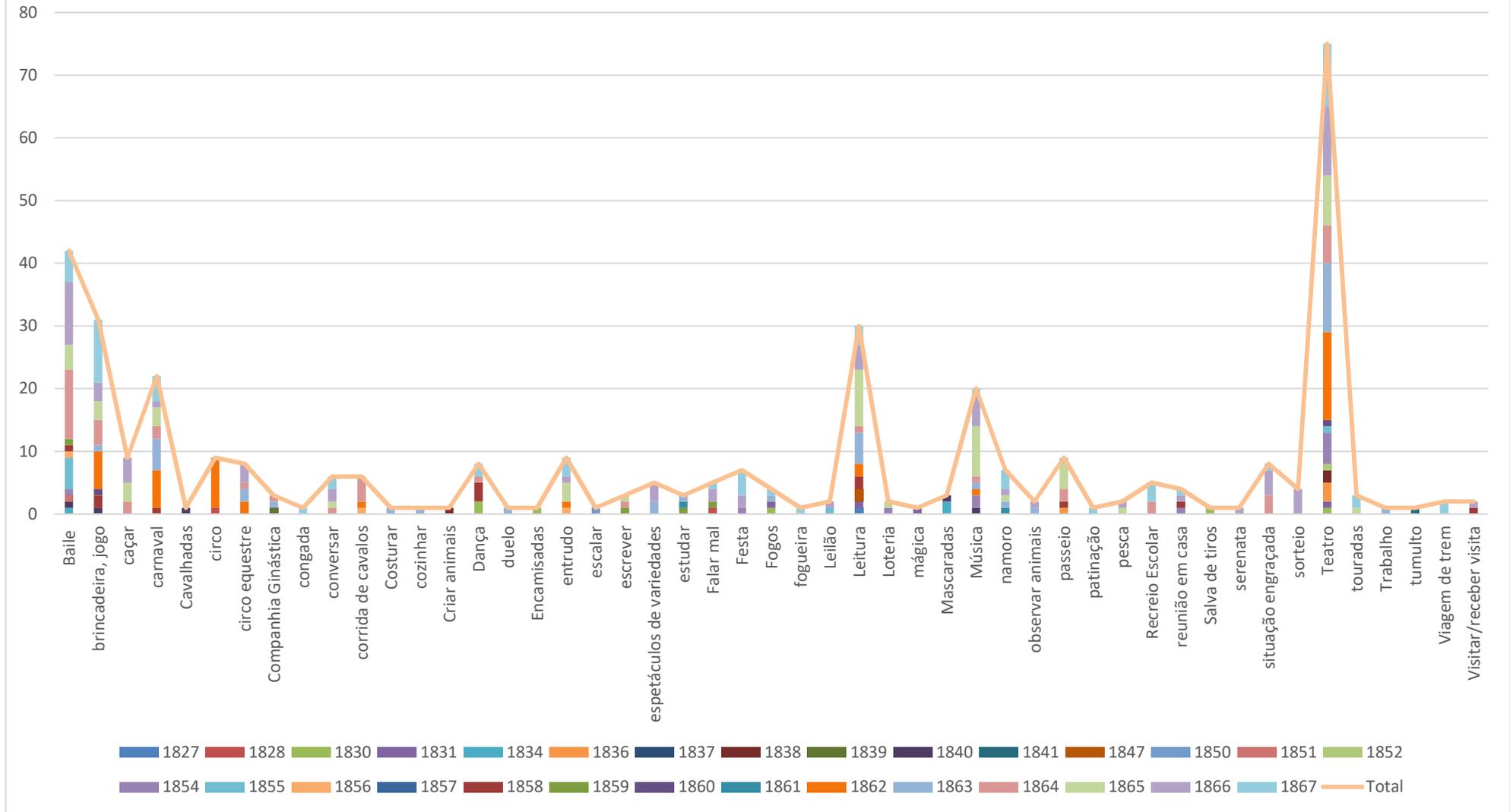
⁵⁰ Correio Paulistano, 20 de julho de 1867, p. 1; Correio Paulistano, 29 de janeiro de 1864, p. 1.

⁵¹ Correio Paulistano, 20 de julho de 1867, p. 1.

⁵² Correio Paulistano, 11 de maio de 1867, p. 1.

⁵³ Diário de S. Paulo, 7 de agosto de 1866, p. 2. A carta da moça foi divulgada no jornal, para evidenciar como ela, “professora de primeiras letras”, escrevia mal, já que a mesma estava repleta de erros ortográficos. No entanto, como o objetivo aqui é outro, os erros foram corrigidos.

Gráfico 3 - Atividades englobadas pelo conceito de divertimento



Fonte: Jornais Paulistanos

Duas atividades chamam a atenção no gráfico acima, devido às suas recorrentes e intensas presenças entre os anos de 1828 e 1867. Os bailes e o teatro foram as atividades mais consideradas como divertimentos pelos paulistanos nesse período. Falemos delas, a começar pelos bailes.

Mascarados ou não, os bailes foram daquelas atividades que tiveram presença marcante nos jornais paulistanos. Compreendidos explicitamente como divertimentos, eles foram chamados de passatempo, diversão e divertimento. O trecho a seguir, nos permite perceber como os paulistanos esperavam se divertir nos bailes:

O Baile de fantasia no Hotel das Quatro Nações

Estivemos na noite de 6 do corrente no baile que deram os proprietários do Hotel do Comercio, na casa sita no largo do Palácio.

Pelo anuncio logo esperamos que o **divertimento** não mentisse as suas promessas, os proprietários do Hotel do Comércio são bastante conhecidos do público pela excelência do que vendem e pela delicadeza do que fazem.

Fomos; os salões não estavam com esse incomodo amontoado de gente, que não deixa ninguém dançar, nem ver nada; não havia também ali essa gritaria infernal que se encontra em tais lugares e que só serve para adoentar a quem foi **divertir-se**.

Gente em número bastante, alguns belos máscaras, uma sociedade delicada, música excelente, muito riso, bons ditos e um bem acabado serviço por parte dos proprietários do Hotel do Comercio, tal foi o baile do dia 6 no salão do Hotel das Quatro Nações.

Pertencemos ao número dos que querem **divertir-se**, por isso esperamos da amabilidade dos proprietários do Hotel do Comercio, outras noites de baile tão boas como foi a de sábado passado.⁵⁴

O autor da matéria não se identifica, não assina nem mesmo com siglas, iniciais de seu nome ou pseudônimo. Mas trata-se de pessoa de hábitos refinados, tipo de gente que a São Paulo dos poderosos se esmerava em construir a essa altura. Gente sem nenhum apreço por tumulto e gritaria, e com gosto pelo belo, pela delicadeza. Ver e ser visto, dançar, rir, apreciar as belezas, era assim que os paulistanos se divertiam nos bailes.

Mas nem sempre era essa refinação que reinava em tais divertimentos. Principalmente se se tratasse de um *baile popular*. Brigas e desentendimentos levavam a polícia a intervir, e até mesmo a suspendê-los quando eles já estavam acontecendo⁵⁵. Fato esse que desagradava principalmente os empresários promotores dos bailes, devido ao prejuízo que lhes causava. Esses bailes, no entanto, tiveram presença escassa nos jornais. É

⁵⁴ Correio Paulistano, 9 de janeiro de 1866, p. 2, grifos meus.

⁵⁵ Diário de S. Paulo, 12 de setembro de 1866, p. 2.

sabido que eles aconteciam em São Paulo, em bairros como o da Penha, mas faltam maiores informações sobre eles, o que, entretanto, já era esperado, tendo em vista a natureza das principais fontes desse trabalho, os periódicos.

Difícil encontrar atividade ou assunto em que os estudantes da Faculdade de Direito da cidade não estivessem envolvidos. No terreno dos divertimentos, talvez seja mesmo impossível não encontrar vestígios de sua participação em qualquer das atividades. Não apenas frequentadores, mas também organizadores dos bailes (MORSE, 1970, pp. 121, 135, 136; COSTA, 2012, p. 72), os estudantes dinamizaram essa atividade na capital paulista:

Esta cidade presenciou a galhardia, que a mocidade acadêmica mostrou no baile que nos deu na noite de 11 de agosto último, e recentemente testemunhou outro dado pelos mesmos na de 7 de setembro atual, aniversário da nossa Independência.

Neste **divertimento** viram-se harmonizadas a elegância no vestido, a decoração da sala e a profusão no serviço do chá e da ceia, em ordem que nada faltou, cujo concurso desse mais graça à fisionomia daquele **passatempo** patriótico.

S. Ex. o Sr. presidente da província encetou o baile que foi muito concorrido. A concorrência resulta da delicadeza, da magnitude e da decência que em todos os tempos formaram o timbre que caracteriza os jovens de futuro e de esperanças.

Sentimos vivo prazer em transmitir aos leitores os encômios que ora endereçamos a esses mancebos, que um dia serão chamados para a direção do país, em que descerrarão os olhos.

Deploramos que a casa, em que se deu aquela função fosse tão acanhada em sua capacidade, que nos roubasse o melhor do prestígio que poder-nos-ia franquear outra que tivesse dimensões mais amplas.⁵⁶

Nesse caso, como atendiam aos padrões de civilidade e estavam de acordo com o que desejavam as elites paulistanas, os estudantes foram por elas elogiados e o divertimento organizado obteve o respeito e a participação, até mesmo do presidente da província. O baile foi em homenagem a uma data nacional, o que já depunha a favor dos estudantes, pois demonstrava que eles se importavam com o que era sério, e que eram patriotas. Além de demonstrar também, que eles estavam de acordo com os anseios e interesses da coroa, pois contribuíram, através da realização do baile, para a atualização dos valores da realeza, visto que essa era a finalidade de se comemorar com divertimentos, datas como essa.

Além de tudo isso, o baile organizado pelos estudantes foi elegante e refinado em tudo, nas vestimentas, na decoração e nos comportamentos. Esses estudantes sim, eram dignos de se tornarem os futuros governantes do país. Pois apesar de ter sido com essa finalidade que os cursos jurídicos haviam sido instituídos no país (AZEVEDO, 2000, p. 27;

⁵⁶ A Aurora Paulistana, 13 de setembro de 1851, pp. 1, 2, grifos meus.

MOTA, 2004, p. 11; BOMTEMPI JÚNIOR, 2004, p. 507), para os paulistanos nem todos os seus estudantes estavam a altura de tal missão.

Não apenas o governo e os estudantes promoviam bailes na capital. Houve uma instituição que deles se ocupou exclusivamente, promovia bailes mensais, tão elegantes e refinados quanto os organizados pelos estudantes. Tratava-se da *Concórdia Paulistana*. As matérias sobre os bailes de tal sociedade, também evidenciam que essa era mais uma daquelas atividades que compunham o conceito de divertimento, tendo sido nomeadas não apenas de divertimento, mas também de passatempo, diversão, recreio e distração. Essa sociedade funcionou entre 1837 e 1863, pelo menos, e tinha “por fim ajuntar em uma noite de cada mês as famílias mais respeitáveis desta cidade em um divertimento de baile.”⁵⁷

Nesse caso, não era necessário haver um motivo, uma data nacional por exemplo, para que se desse um baile. O motivo era simplesmente o fato de os paulistanos daquela época gostarem de se divertir dançando, conversando, comendo, bebendo, enfim, festejando. Esse gosto era tamanho, que fez com que a *Concórdia Paulistana* tivesse uma duração considerada recorde pelos próprios paulistanos daquele tempo.

O romance *Alberto*, publicado no folhetim do *Correio Paulistano*, em seu capítulo primeiro, denominado *O Baile da Concórdia*, analisa um dos bailes de tal sociedade:

Corria o mês de outubro de 18... e a Concórdia Paulistana – única sociedade de baile, que em S. Paulo tem podido zombar do tempo – celebrava a sua partida mensal. Modesta, e muito bem dirigida, essa boa sociedade oferece uma vez em todos os meses, um agradável **passatempo** aos filhos do seu seio, bem como àqueles a quem em suas sábias determinações lhes apraz convidar.

Mas desta vez, esse agradável **passatempo**, tinha alguma coisa acima do comum: excessivamente concorrida, e além disso abrilhantada pela presença de novas pessoas, a Concórdia prometia uma noite de completo prazer, e de embriagante alegria. (...) Havia-se dançado a primeira quadrilha; e agora que a mocidade calorosa trançava as salas em busca de seus pares para a segunda...

(...)

Vamos agora a outra parte do pavimento.

Aí reina a confusão: uns passeiam, outros jogam, este discute política, aquele fala da atualidade, enfim seria um nunca acabar se quiséssemos contar ao miúdo tudo o que se faz nessas três salas que formam a segunda parte do edifício.⁵⁸

Firme em seu propósito, a duradoura *Concórdia Paulistana*, que a essa altura já possuía mais de vinte anos de existência, proporcionava prazer e alegria aos paulistanos com seus bailes. Eram essas, portanto, características dos bailes. Eles divertiam justamente porque

⁵⁷ A Phenix, 20 de maio de 1840, p. 2.

⁵⁸ Correio Paulistano, 13 de outubro de 1858, p. 1, grifos meus.

provocavam alegria e prazer, com suas músicas, danças, conversas, encontros. Ao mesmo tempo em que eram importantes para o desenvolvimento da civilidade entre os paulistanos (CAMPOS, 2004a, p. 285).

João Maurício Rugendas, pintor alemão que esteve em São Paulo em algum momento entre 1822 e 1825, já havia dito do gosto dos paulistanos pela dança, música e conversação, e chegou mesmo a retratar tais gostos na imagem que segue abaixo (figura 2). Segundo ele, esses divertimentos substituíam o jogo no gosto dos paulistanos. O mesmo foi dito por outros dois viajantes, os pesquisadores alemães Johan Spix e Karl Martius, que estiveram em São Paulo em 1818 (SPIX, MARTIUS, 1938, p. 186).

Essa pesquisa, no entanto, não confirma a compreensão desses viajantes, mas ao contrário a contesta. Pois os jogos foram das atividades mais presentes nos jornais, compreendidas como divertimento. Foram a terceira atividade mais associada ao conceito de divertimento no período estudado nesse capítulo. Assim, a dança não substituíam os jogos em São Paulo, mas com eles convivia, como formas de divertimento⁵⁹.

Os jogos estavam, deste modo, muito presentes na capital paulista, talvez não tão presentes nos jornais, pelo fato de serem considerados pouco ou nada úteis, e de serem tidos como atividades que levavam a vícios⁶⁰. Alzira Campos (2004a, p. 286), chega mesmo a afirmar que o jogo de bilhar era o passatempo predileto dos homens paulistanos, e que em 1822 a cidade já possuía duas casas de bilhares, que se multiplicaram mais tarde, com a instalação da Faculdade de Direito.

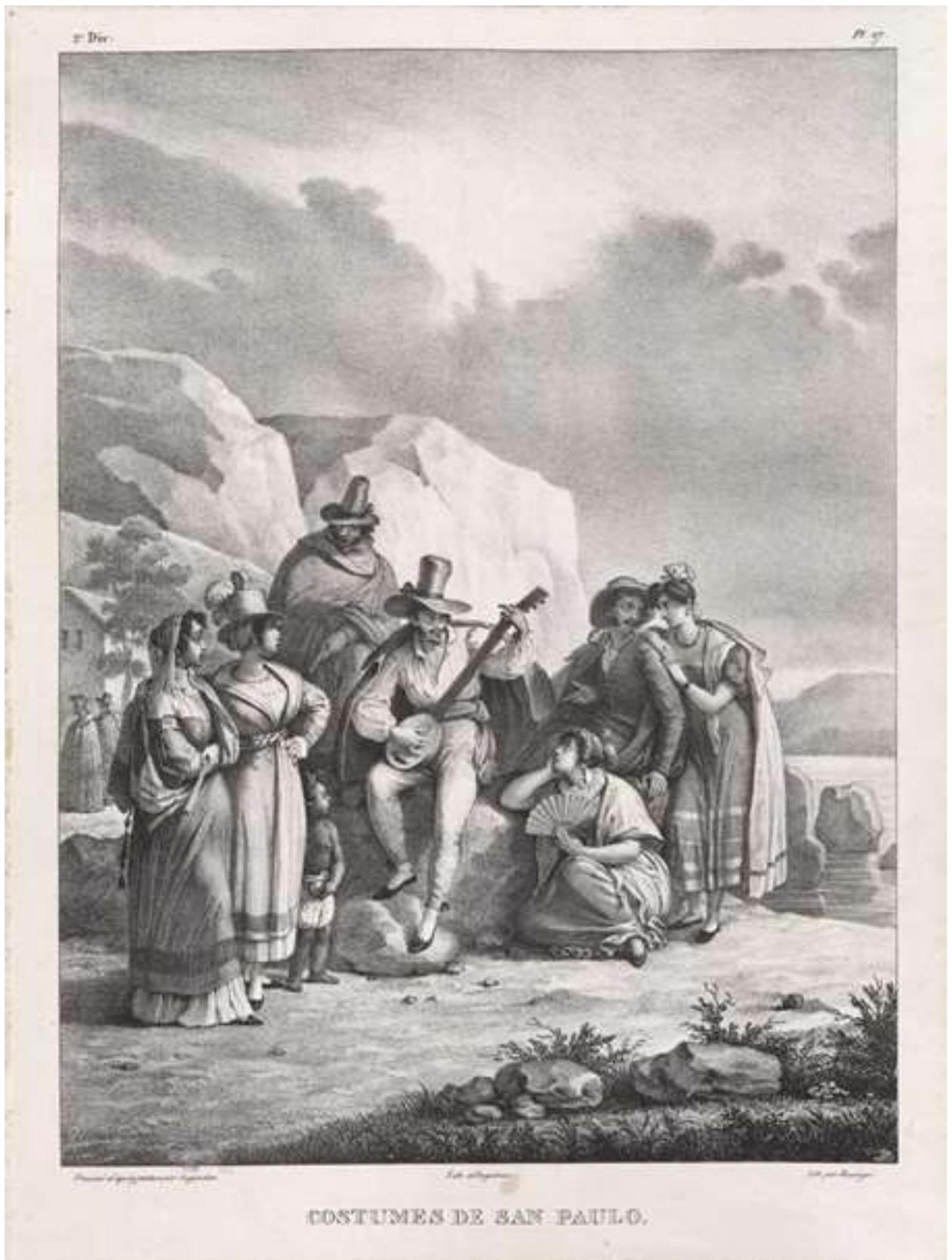
Apesar de esses viajantes dizerem de um período anterior ao aqui investigado, não é provável que os gostos dos paulistanos tenham mudado tão rapidamente, no intervalo de três a cinco anos. O mais provável, por outro lado, é que os viajantes tenham sido apressados em suas conclusões, e que tenham tido compreensões bastante parciais dos divertimentos paulistanos.

Esse entendimento é corroborado por um outro viajante, o comerciante inglês John Mawe, que esteve em São Paulo em período anterior, entre 1807 e 1811, e que nos diz que nesse período os jogos de cartas já eram um hábito entre os paulistanos, tal qual a música e a dança (MAWE, 1978, pp. 72, 73).

⁵⁹ Considerando que o que aqui pretendi foi realizar uma história conceitual, é possível que se se tratasse de uma história social a presença dos jogos fosse ainda mais acentuada.

⁶⁰ Correio Paulistano, 9 de novembro de 1858, p. 2; Correio Paulistano, 1 de março de 1863, p. 5; Correio Paulistano, 22 de março de 1867, p. 1.

Figura 2 – Costumes de São Paulo



Os bailes da *Concórdia Paulistana*, que também contavam com os jogos⁶¹ como uma de suas atrações, foram objeto da atenção de um paulistano. Indignado com a falta de participação e de apoio à essa sociedade, ele publicou matéria de uma página e meia no jornal *A Phenix*, em que usa como sinônimas as palavras divertimento, passatempo, recreio e distração ao se referir aos bailes:

O partido, que se arroga indevidamente o título de *paulista*, e que seguramente devia sob tal título ser o mais empenhado em sustentar tal associação, desertou inteiramente este âmbito de inocente **divertimento**, sem ter aliás proporcionado um outro ao indispensável **passatempo** honesto de suas famílias; (...) Embora não compreendam elas o motivo real, por que se não devem achar na mesma sala congregateiras com suas irmãs das famílias opostas, embora não vejam elas na dança, no chá, e nos mais **recreios**, que ali se lhes proporcionam, razão para repugnarem o contato de qualquer outra; cumpre que sigam a mesma sorte, e que aparentem ao menos a mesma disposição de animosidade de seus despeitosos patronos. E contudo este **divertimento**, em uma só noite, no decurso de cada mês, é o único que conhecemos em uma cidade já de alguma consideração por sua crescida população, e sabem todos, que a **distração** honesta é tão útil e mesmo necessária à nossa constituição, como o pão com que nos alimentamos, e que em sua falta ocupam seu lugar os vícios e danosas propensões. (...) Nada ali falta do que se possa precisar para o cômodo **recreio** de uma noite.⁶²

Percebemos a existência de um conjunto de palavras que pertenciam a um mesmo campo semântico, o dos divertimentos. Campo esse, no qual se encontravam os bailes. Eles serviam de passatempo, recreio, distração, enfim, divertimento. Permitiam o encontro, o congregateamento, a sociabilidade.

No trecho acima, o divertimento aparece, explicitamente, como uma necessidade equivalente ao alimento. Os paulistanos necessitavam se divertir, tal qual necessitavam se alimentar, pois esses dois elementos eram igualmente tidos como seus constituintes. O que evidencia o lugar de importância ocupado pelo divertimento em tal contexto. Ele não era algo que vinha depois, em segundo plano, ou que estava subordinado a essa ou aquela necessidade, mas, ao contrário, estava em equivalência a uma das mais elementares necessidades humanas.

Nem toda atividade, portanto, era digna de ser considerada divertimento pelos paulistanos, de pertencer ao conjunto de práticas englobadas por tal conceito. Os bailes eram tidos como honestos e úteis, por isso eram divertimento necessário. Já os vícios e qualquer outra atividade tida como danosa, não eram desejadas e tão pouco eram consideradas divertimento, isso, é claro, de acordo com as elites produtoras e leitoras dos jornais.

⁶¹ Correio Paulistano, 13 de outubro de 1858, p. 1.

⁶² A Phenix, 20 de maio de 1840, p. 2, grifos meus.

Os bailes, no entanto, não eram, de modo algum, o único divertimento paulistano em 1840, como afirma a matéria acima, e muito menos em 1867, como diz uma notícia sobre a mesma *Concórdia Paulistana*: “Esperamos ainda que com este diretório não morrerá a antiga sociedade, que tem durado mais de 30 anos. Com algum esforço do novo diretório e a coadjuvação dos sócios que o compõem, não ficaremos privados do único divertimento que há atualmente em S. Paulo.”⁶³

Essa afirmação mais que exagerada, era na verdade uma estratégia persuasiva usada em defesa não apenas dos bailes, mas de qualquer divertimento que compreendia-se estar em risco de extinção ou com queda de público. Basta observar os anúncios dos jornais, bem como seus folhetins, para percebermos que São Paulo já contava com alguma variedade nas opções de divertimento em 1840, e que em 1867 essas opções haviam se ampliado consideravelmente.

O mesmo foi dito, várias vezes, da atividade que mais frequentemente foi entendida como divertimento pelos paulistanos: o teatro. Esse foi o divertimento mais caro para eles. As falas, os argumentos em torno do teatro eram sempre positivos, sempre em seu favor. Ele era tido como o melhor divertimento, senão o único digno de assim ser considerado: “único passatempo digno deste nome que temos em S. Paulo.”⁶⁴ O que revela a importância dos divertimentos, pois nem toda atividade era digna de assim ser compreendida.

Em 1863⁶⁵ e depois, em 1866⁶⁶ e 1867⁶⁷, quando a cidade já possuía vida com destacada dinâmica, e um mercado de divertimentos em gestação, o teatro ainda foi tido como *único divertimento* da capital. Temos algumas opções quanto à forma de compreender essa afirmação. Desespero, visão limitada da vida cultural paulistana pelos próprios paulistanos daquele tempo ou, ainda, estratégia para conseguir apoio.

Por tudo o que foi até aqui apresentado, a última opção é a que possui sustentação empírica. Apresentar um quadro de suposta decadência de um divertimento, dos bailes ou do teatro, esperando receber apoio para restabelecê-lo, pode ser mais eficiente se ele for a única opção, se o seu fim significar o fim de tudo, de toda e qualquer possibilidade de diversão.

Apesar do prestígio gozado pelo teatro, nem sempre suas plateias estavam cheias. Então, lá iam os seus defensores pedir socorro, convidar a todos que comparecessem, para que não tivesse fim o *único divertimento* da capital. Mais honestos, no entanto, eram aqueles que

⁶³ Correio Paulistano, 19 de fevereiro de 1867, p. 1.

⁶⁴ Correio Paulistano, 4 de julho de 1863, p. 3.

⁶⁵ Correio Paulistano, 13 de agosto de 1863, p. 2.

⁶⁶ Correio Paulistano, 30 de dezembro de 1866, p. 2; Diário de São Paulo, 27 de maio de 1866, p. 2.

⁶⁷ Correio Paulistano, 7 de julho de 1867, p. 2.

pediam ajuda dizendo não que o teatro era o único divertimento da cidade, mas sim o *único utilíssimo divertimento* com o qual podiam contar os paulistanos.

Havia outros divertimentos na capital paulista, entretanto, nenhum deles se igualava em utilidade ao teatro:

Reorganizou-se a companhia dramática e vamos ter noites agradáveis.

Uma companhia dramática é, especialmente nos lugares civilizados, uma necessidade.

E se algum **divertimento**, se alguma empresa merece a proteção do governo e do público, sem dúvida nenhuma – estas companhias tem todo o jus a esta proteção. O teatro, quanto a nós, não é só uma escola de moralidade, um elemento de progresso e civilização, é também um refúgio onde acham sempre **distração** os habitantes das populações, onde há esses **divertimentos**, e um paradeiro a muitas faltas que se cometem e vícios que se adquirem por falta deles.

Quando o teatro, conserva fechadas as suas portas, ide ver o que faz uma grande parte da população (a masculina) jogam o lasquinet, o pacão, o voltarete, e o vispera.⁶⁸

Presente na cidade desde sua fundação, com as encenações religiosas dos franciscanos, e tendo instalações próprias desde 1765, o teatro foi a atividade mais identificada pelos paulistanos como divertimento. Chamado de recreação, passatempo, diversão, divertimento e distração, foram 75 referências ao teatro. Referências feitas pelas elites, é bom lembrar, não apenas pela natureza das principais fontes dessa pesquisa, os periódicos, como também pelo teor das mesmas, como se pode perceber pelo trecho acima citado.

O teatro era o único meio de comunicação de massa do século XIX – já que saber ler era um privilégio reservado a poucos⁶⁹ –, tinha função moral, cívica e política, e era frequentado por todos, ou quase todos, já que algumas exigências podiam impossibilitar a presença dos pobres⁷⁰. Os estudantes de Direito formavam a maior parte de sua plateia, mas “o governador da província, famílias, escravos, padres disfarçados, crianças de colo, prostitutas” também o frequentavam (AZEVEDO, 2000, p. 178).

Desde 1765 a cidade possuía uma casa destinada a receber apresentações teatrais. E entre 1828 e 1867 a cidade possuiu quatro teatros, nem sempre de modo simultâneo: a Casa

⁶⁸ Correio Paulistano, 31 de agosto de 1862, p. 1, grifos meus.

⁶⁹ Por exemplo, em 1836 a cidade de São Paulo, com suas zonas rurais, possuía 21.933 habitantes, dos quais apenas 1009 sabiam ler e escrever (MORSE, 1970, p. 106), o que representava 4,6% da população.

⁷⁰ Em julho de 1850, a Câmara determinou que era proibida a entrada no teatro daqueles que estivessem descalços, sem casaca, sobrecasaca ou farda, sob pena de serem multados (SILVA, 2009, p. 27).

da Ópera, chamada de Teatro São Paulo a partir de 1840, que ficava no pátio do colégio e funcionou entre 1770 e 1870; o Teatro do Palácio que funcionou entre 1813 e 1860 no porão do Palácio do Governo, e que em 1832 passou a se chamar Teatro Harmonia Paulistana; o Teatro Bатуíra que teve menor período de funcionamento, entre 1860 e 1870 e localizava-se na Rua da Cruz Preta, antiga rua do Príncipe, e o Teatro São José (1858-1898) que ficava no Pátio São Gonçalo (SILVA, 2008).

Todos esses teatros ficavam dentro dos limites do triângulo, da chamada colina histórica, onde a cidade teve origem⁷¹. Essa ainda era, mesmo no início da segunda metade do Oitocentos, a parte propriamente urbanizada da cidade, o que é um indicativo dos níveis do seu desenvolvimento.

Figura 3 – Cidade de São Paulo em 1827



Charles Landseer. Cidade de São Paulo em 1827. Desenho a lápis.
Fonte: MACHADO, 1972.

⁷¹ Triângulo era o espaço, uma elevação de terra, limitado pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú e pela Várzea Grande, que ficava 25 a 30 metros acima dos terrenos que estavam a sua volta. Foi aí que teve início a cidade, com a chegada dos jesuítas, foi onde eles se instalaram, e onde se concentrou por muito tempo sua população urbana, as instituições públicas e o comércio. Foi somente a partir de 1870 que esses limites foram decisivamente expandidos pelo crescimento da cidade urbanizada.

O Teatro São José foi a maior obra, a maior construção de São Paulo no século XIX, até a construção das ferrovias. Mas ele era pouco espaçoso, com acústica e acomodações dos artistas ruins, e o espaço da plateia era de chão batido, tendo seus espectadores que levar cadeiras de casa, durante os primeiros tempos de seu funcionamento (SILVA, 2008, p. 37).

É que o São José foi inaugurado antes de ficar completamente pronto, o que só aconteceu em 1877, depois que Antônio da Silva Prado – futuro prefeito da cidade – firmou acordo com o governo da província para terminar a obra e, assim, obter o direito de explorar o teatro (COSTA, 2012, p. 67). Portanto, era bem modesta a maior construção da cidade, o que dizer, então, das menores construções que a cidade possuía?

Figura 4 – Teatro São José em 1862



Fonte: Foto de Militão Augusto de Azevedo.

Se a vida era enfadonha, o teatro era o melhor refúgio. “Que bonita e graciosa diversão é o teatro para os enfados desta vida!”⁷² Tido como “um passatempo tão útil ao espírito cansado”⁷³, ou “passatempo e recreio ao espírito”⁷⁴, era nele que podiam os paulistanos se entreter e se distrair. Não era essa, todavia, a compreensão da maioria dos paulistanos:

Quereis saber porque não houve espetáculo?

Adivinhe; ou se não escute.

Em primeiro lugar, não foi por falta de teatro. Aí está a vista de todos o barracão do S. José.

Nem também porque faltasse petróleo aos lampiões, ou bancadas e bancadas ao vasto recinto da plateia.

A razão foi outra, e curiosa: não houve espetadores!

Pois havia de dar-se a representação somente às bancadas vazias, aos lampiões, aos empresários, aos músicos e à polícia?⁷⁵

A falta de espectadores, que não foi fato isolado, mas ao contrário, recorrente⁷⁶, é um indicativo de que nem todos compreendiam que o teatro era o melhor divertimento, pois se assim fosse, a plateia estaria sempre cheia. O preço dos ingressos não era um impedimento, já que havia como que um valor único para os ingressos de qualquer divertimento na capital durante o século XIX. Eles custavam sempre 1\$000. Quando havia diferenciação de lugares, como nas touradas (SANTOS, MELO, 2014) e na patinação (MELO, SANTOS, 2017), os ingressos mais caros custavam 2\$000, e os mais baratos custavam sempre 1\$000.

O impedimento era mesmo outro: “O gosto do público tendeu para importações de companhias dramáticas insípidas, pastichos musicais, espetáculos de circo, malabaristas e acrobatas.” (MORSE, 1970, p. 197). Gosto esse não apenas do público paulistano, mas dos brasileiros em geral, conforme críticas feitas mais tarde, por Machado de Assis (SILVA, 2008, p. 227).

⁷² Correio Paulistano, 6 de janeiro de 1867, p. 1.

⁷³ O Acayaba, 1852, p. 73.

⁷⁴ Correio Paulistano, 14 de agosto de 1854, p. 1.

⁷⁵ Correio Paulistano, 6 de janeiro de 1867, p. 1.

⁷⁶ Correio Paulistano, 11 de novembro de 1864, p. 2; Diário de São Paulo, 27 de maio de 1866, p. 2; Correio Paulistano, 20 de janeiro de 1867, p. 2.

Essa falta de gosto pelo teatro em São Paulo causava incômodo, como expressa a matéria, não assinada, cujo autor reclama do não comparecimento das famílias aos espetáculos:

Pois é pena o abandono a que entregam esse **divertimento** tão útil, especialmente agora, que a companhia está ótima e a escolha das peças é excelente.

O que falta pois!? Porque não frequentam as famílias o teatro?!

(...)

Não há gosto para essas coisas: se se tratasse de uma companhia de cavalinhos, de ver saltimbancos pendurados em cordas, trapaças, haveria um entusiasmo louco, camarotes, plateia, tudo regurgitaria; ir ver, porém, os grandes sentimentos do coração traduzidos por um talento chamado Joaquim Augusto, ou Julia Azevedo, ora isso é maçada, por tais insignificâncias não vale a pena apertar um vestido, deixar de ouvir mexericos de uma comadre do copote, beber o chá às 8 horas da noite e dormir às 9.⁷⁷

Mas o incômodo não era apenas com a falta de gosto dos paulistanos pelo teatro, com a falta de valorização dessa atividade por eles, mas também com a preferência que eles tinham por atividades outras, como as companhias de cavalinhos e os saltimbancos. O que evidencia a existência de uma escala de valores que classificava os divertimentos, atribuindo-lhes maior ou menor valor. Essa escala, no entanto, não era única para todos os paulistanos. Se para as elites o teatro era o melhor divertimento, para as camadas populares o mesmo parece não se aplicar, tendo em vista a falta de público no teatro e as críticas nos jornais.

Os estudantes de Direito tiveram um papel primordial também no teatro da capital paulista (SILVA, 2009, p. 25). Antes deles, as produções eram ocasionais e a maioria folclóricas (MORSE, 1970, p. 140), e a partir de 1870, quando eles passaram a se dedicar mais aos trabalhos acadêmicos e às questões políticas⁷⁸, e menos aos trabalhos literários, essas produções enfraqueceram, ficando a cidade por algum tempo sem companhia própria e vivendo da visita de companhias de fora da cidade (AZEVEDO, 2000, p. 179).

Os estudantes foram, além de público assíduo, autores e atores das peças, fazendo até mesmo papel de mulheres (COSTA, 2012, p. 67; SILVA, 2009, p. 25; SILVA, 2008, p. 30; AZEVEDO, 2000, p. 40). Tanto que os espetáculos eram realizados sempre às vésperas dos dias em que não havia aula, para não atrapalhar os estudos (SILVA, 2009, p. 29; SILVA, 2008, p. 30). Tal medida, no entanto, parece não ter sido suficiente, pois com o mesmo

⁷⁷ Correio Paulistano, 17 de maio de 1863, p. 1, grifo meu.

⁷⁸ Temas como a república e a abolição da escravidão passaram a estar no escopo dos estudantes (COSTA, 2012, p. 55). Esse último tema os mobilizava especialmente, como demonstra Cristina Yokaichiya (2008).

objetivo, em 1830, o governo proibiu o teatro durante o ano acadêmico, o que, obviamente, não foi obedecido pelos estudantes (MORSE, 1970, p. 141).

E pensar que um dos motivos, um dos argumentos usados pelos deputados paulistas para que a Faculdade de Direito fosse instalada em São Paulo – quando da decisão de onde deveriam ser instalados os primeiros cursos jurídicos do Brasil –, foi o de que o ambiente da cidade “carecia de maior vivacidade e distrações, por isso mesmo era mais propício aos estudos” do que a Bahia, por exemplo, que “é a segunda Babilônia do Brasil, as distrações são infinitas e também os caminhos da corrupção. É uma cloaca de vícios.” (TOLEDO, 2003, p. 312). Não contavam os senhores deputados, que os estudantes mesmos iriam produzir divertimentos e tornar a cidade mais dinâmica.

Em 1829 os estudantes formaram a companhia *Teatro Acadêmico* e arrendaram o *Teatro da Ópera* por cinco anos, e em 1832 fundaram o *Teatro Harmonia Paulistana*, que era o antigo *Teatro do Palácio* (SILVA, 2008, p. 25; MORSE, 1970, p. 140). Em meados do século, eles dominavam o teatro na cidade, que teve como seu maior nome Álvares de Azevedo. Paulistano de nascimento, e carioca de criação, voltou à sua cidade natal em 1848 para cursar Direito⁷⁹. Passou todo o tempo que viveu em São Paulo se lamuriando da cidade, de sua falta de divertimentos, e sentindo saudades do Rio.

Na peça teatral *Macário*, Álvares de Azevedo explicita sua visão da capital paulista, através da fala da personagem Satã, que diz a Macário, seu interlocutor: “Daqui a cinco minutos podemos estar à vista da cidade. Há de vê-la desenhando no céu suas torres escuras e seus casebres tão pretos de noite como de dia, iluminada, mas sombria como uma eça de enterro.” (AZEVEDO, 1988, online).

Adiante, Satã prossegue descrevendo São Paulo: “Demais, essa terra é devassa como uma cidade, insípida como uma vila, e pobre como uma aldeia. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de **spleen**⁸⁰, ou alumiar-te o rolo, não entres lá. É a monotonia do tédio. Até as calçadas!” (AZEVEDO, 1988, online, grifo no original).

A década de 1860 é tida como marcante para a vida da Academia, devido à sua efervescência cultural, pois proliferaram as associações literárias e demais agremiações (COSTA, 2012, p. 55). Em 1860, os estudantes fundaram o *Instituto Dramático*, que

⁷⁹ Antes disso, em 1845, permaneceu cinco meses em São Paulo. Durante esse tempo, também reclamava da cidade.

⁸⁰ *Spleen* foi termo difundido por Charles Baudelaire, e significa um estado de desencanto e melancolia, que resulta em apatia e indiferença e pode levar à transgressão e perversão. Caracteriza o ser romântico (ANFORA, pp. 13-15).

objetivava desenvolver a educação teatral entre os estudantes, e a *Revista Dramática*, que foi a primeira revista do gênero surgida na capital (SILVA, 2008, p. 30).

A medida tomada pelo governo nesse mesmo ano, de proibir que os estudantes representassem no teatro oficial, com o argumento de que era para manter a boa ordem no meio teatral (SILVA, 2008, pp. 29, 30), denuncia o papel preponderante dos estudantes e a intensidade de sua atuação no teatro paulistano. Evidencia também, que a vivacidade cultural não era a marca desejada pelo governo para a Academia. Tal vida cultural, extrapolava as atividades acadêmicas formais, e ainda podia, na visão do governo, atrapalhá-las.

As proibições governamentais, portanto, demonstram uma certa compreensão da formação universitária, restrita às atividades formais da Academia, bem como o intuito de manter a ordem acadêmica. Nesse sentido nos diz Marina Costa (2012, p. 59): “Com relação à diversão dos estudantes, percebe-se um esforço contínuo dos professores e diretores no sentido de cerceá-las, tanto que os mesmos não podiam sair de casa a não ser nos dias previamente estabelecidos.”

1.3 Alegria, prazer, regozijo

Num país, onde estão consagrados pelo Pacto Fundamental, todos os princípios republicanos; num país onde a lei é igual para todos, onde estão proscritos todos os privilégios pessoais, onde ninguém nasce melhor que os outros, senão quando a natureza, assim o quer; num país, cujo Pacto Fundamental só necessita de ligeiras alterações para todo ele ficar em perfeita harmonia com as teses (...) consagradas no Tit. 8; num país tal, dizemos, é indispensável que os hábitos, que a moral pública, que os gostos, que **até mesmo** os brincos e festejos, tenham alguma coisa da majestade e severidade Republicana, é indispensável que tudo quanto é fatuidade, impostura e palavreado xoxo ceda o terreno a adoção prática dos eternos princípios da razão universal.

As palavras acima foram publicadas no *Farol Paulistano* de 21 de maio de 1831, e foram escritas por um de seus redatores ou colaboradores que, mantendo o hábito da época, não se identificou. Esse autor anônimo defendeu a adoção de hábitos e a construção de gostos que estivessem ligados aos valores republicanos, ainda que num país monárquico, pois segundo ele não seria a mudança de nome da forma de governo, de monarquia para república, então reivindicada no país, que faria dele uma república de fato. Para que isso acontecesse, o autor diz que seriam necessárias mudanças nos hábitos, no modo de ser dos brasileiros, em sua cultura:

Brasileiros, quereis ser republicanos de fato? Sede, porque é isso muito fácil, e só de vós depende. Sede virtuosos, sede bem livres, bem independentes de caráter; não aduleis o poder; não ligueis valor algum a frioleiras; prezai a justiça, a liberdade, a igualdade; prezai acima de tudo a qualidade de cidadão brasileiro; respeitai-a também nos outros; e desafiái depois a um déspota, ou a muitos déspotas (porque o despotismo pode partir tanto de um, como de muitos,) para que calquem aos pés, se forem capazes, a Nação Brasileira livre e independente. Brasileiros, trabalhemos por desmonarquizar tudo de fato, e não de nome.

Portanto, os hábitos, a moral pública, os gostos, o vocabulário e *até mesmo* as brincadeiras e festejos deviam se adequar aos novos princípios, e assim substituir tudo o que fosse insensato e inadequado à moral republicana. O autor evidencia o desejo de formatar ou enquadrar também os divertimentos – que como ele deixa perceber através da expressão *até mesmo*, não eram comumente associados à normatizações e à severidade – a uma certa moral e a uma certa razão. *Até mesmo* as brincadeiras e os festejos, diz o autor, precisavam, de modo *indispensável*, ter alguma coisa da majestade e severidade republicanas. Nem mesmo elas, as brincadeiras e os festejos, podiam escapar à esse novo ordenamento do país.

E o anônimo prossegue:

Os foguetes, as luminárias, as farsas, e mascaradas, servem para **divertir** a multidão por momentos; servem para desviar o povo do estudo de seus direitos, e de seus verdadeiros interesses; servem para acostuma-lo a ver num trono um altar ocupado por um ídolo a quem deve incensar, ou (o que é mil vezes pior) uma Divindade tremenda prestes a despejar raios sobre aquele que desobedecer ao mínimo aceno seu.

Em 1820, quando já se temia que lavrassem pelo Brasil todo, as ideias liberais, que conseguiriam regenerá-lo, um Bachá mandado para São Paulo pela corte de D. João VI, expressamente para sufocar o nascente espírito de liberdade, explicava desta maneira aos seus amigos o motivo de umas festas muito extemporâneas, de umas cavalhadas e de uns combates de touros, que mandava fazer:

‘É preciso, dizia ele, **distrain** o povo dessas ideias revolucionárias, e o meio é fazer festas.’ Verdade seja, que apesar das festas proclamou-se a Constituição, fez-se a Independência: mas com a Independência misturou-se a Aclamação, e os bailes, as luminárias, os foguetes, as farsas, e poesias muito servis, encheram meses em todo o Brasil; ninguém se lembrou então, que um ato de beneficência podia ser um festejo. O resultado foi manter-se o espírito de frivolidade, e os mesmos brasileiros tomarem gosto pelas guardas de honra, pelas fitas, pelas chaves, pelas casacas bordadas, e por todas as mais ridículas pavonadas, que tanto contrastam com a modesta juventude do solo americano. O resultado foi, que no fim de dez anos de liberdade a causa da verdadeira civilização pouco avançou; nada de sólido se estudou; quer-se sim república, democracia, federação, mas não se sabe o que estas palavras significam; responde-se a todos os vivas, a todos os morras, tudo por função, tudo por festejo, e das funções e festejos sai-se com disposição para atacar os mais preciosos direitos, as mais sagradas garantias dos cidadãos, para pregar a guerra civil e os massacres;⁸¹

⁸¹ O Farol Paulistano, 21 de maio de 1831, pp. 1, 2, grifos meus.

Assim, segundo esse autor, os divertimentos tiravam o foco do que realmente importava e, por isso, serviam aos governantes como forma de distrair o povo de objetivos mais sérios, ligados à construção de um país republicano. Através dos divertimentos, disse ele, se construía gostos e preferências muito frívolos, que em nada contribuía para a construção da república, e se imbecilizava a população, que sem saber diferir princípios republicanos de monárquicos, dava vivas e apoiava tudo que lhe fosse colocado.

O autor demonstra ter consciência de que a família real usava os divertimentos como forma de difundir seus símbolos, e de atualizar sua importância. Ele alertava para o perigo de tais práticas, que eram usadas como uma forma de controle do povo pelo governo. E foi fazendo tal uso dessas práticas que, segundo ele, quase dez anos após a emancipação política, o país pouco havia avançado. Para que os divertimentos não continuassem a ser usados de tal modo, e deixassem de servir à monarquia, é que eles deviam ser moralizados, a partir de princípios republicanos.

Mas ora, o que queria tal autor ao prescrever que era indispensável adequar as brincadeiras e os festejos à moral republicana? Não seria também usar os divertimentos para alcançar objetivos que ele tinha como caros, a construção de uma nova ordem? Percebe-se aí, portanto, que o problema não era o uso dos divertimentos para alcançar objetivos, para obter esse ou aquele fim, o problema era que finalidades e objetivos eram esses, e que interesses eles atendiam.

São duas escalas diferentes, senão opostas, de valores em torno dos divertimentos. Entretanto, ambas os tinham como importantes na dinâmica social. A primeira usava os divertimentos para distrair o povo e tirar-lhe a atenção dos fatos políticos, negligenciando o potencial transformador e subversivo da cultura. A outra os tinha como fundamentais para a construção de uma nova ordem, e por isso eles deviam se adequar às normas dos novos tempos, não ficando às margens das mesmas e, deste modo, contribuindo para a sua fixação.

Havia prescrições realizadas por ambas essas formas de compreender e usar os divertimentos, presentes ao longo de todo o período estudado. Cada uma delas indicava o que melhor lhe convinha, prescrevia os divertimentos que deviam ser vividos e os que deviam ser abandonados pelos paulistanos. Alinhado à postura que tinha os divertimentos como importantes para a construção da nova ordem, o *Correio Paulistano* publicou:

É o fato – uma pequena festa que houve no colégio, dirigido pelo Rev. Padre Mamede, na noite de quinta-feira, dia de S. Pedro.

Todos conhecem mui bem como se festeja o dia de certos Santos, protetores dos prazeres e das folias.

Reuniões em chácaras, muito fogo queimado, e as vezes muitas pessoas queimadas, descuidosos no meio do furor da foguetaria, bailes, sortes, ceias, muito rir e folgar, brincos e jogos de toda a sorte – eis em que, as mais das vezes, consiste a santificação desses dias.

Em um colégio, em uma reunião numerosa, composta de meninos e rapazes, esquentados pelos brincos, só vendo o prazer que deles resulta, e nunca o mal que infelizmente quase sempre daí lhes provém, não há por certo meio mais útil, mais cômodo e mais proveitoso por mil lados do que uma pequena representação, um teatrinho em que possam aparecer o talento e a habilidade desses mancebos.

Seria bem escusado abriremos aqui porta para longas considerações sobre a utilidade do teatro e das representações nos colégios, considerações mais escusadas ainda – porque não são novidade para nenhum dos nossos leitores.

Em toda a parte onde se presa a boa educação e a morigeração dos mancebos, e onde se procura o desenvolvimento intelectual, o cultivo da memória, o exercício da declamação, o estudo da eloquência prática, para o trato do mundo e mesmo para as simples conversações, – aí se não despreza essa sorte de **divertimento**.

É sabido que em todos os colégios da Europa, procura-se infundir esse gosto, essa tendência para a arte dramática, para as representações teatrais aos jovens que os frequentam. Aí até se representam peças latinas e gregas! Que incentivo não é este para o amor das letras, que estímulo para o progresso e desenvolvimento dos estudos! É inegavelmente uma base bem sólida para o futuro esplendor dos oradores, dos escritores, e dos dramaturgos. Quantos poetas, e oradores não reconheceram a sua vocação nessas singelas representações colegiais?!

Aquí se efetua o *utile dulci*.⁸²

A matéria provavelmente é do redator do jornal, que indica a substituição das festas de junho, realizadas pelas escolas em comemoração aos dias de santos da igreja católica, como São João e São Pedro, pelo teatro, por ser ele um divertimento *mais útil, mais cômodo e mais proveitoso*.

As festas, com suas brincadeiras, fogos e jogos traziam prazer aos alunos da escola, mas traziam também *o mal que infelizmente quase sempre daí provém*. Já o teatro, *Que estímulo para o amor das letras, que estímulo para o progresso e desenvolvimento dos estudos! É inegavelmente uma base bem sólida para o futuro esplendor dos oradores, dos escritores, e dos dramaturgos. Em toda a parte onde se presa a boa educação (...) aí não se despreza essa sorte de divertimento*.

Tentava-se impor o teatro como o melhor divertimento na capital paulista. Ele era prescrito, indicado a todos, homens e mulheres, jovens e adultos, em detrimento de outras práticas, como os jogos. Era tido como o divertimento mais apropriado para uma cidade que se queria civilizada, pois ao divertir ele também educava, ensinava quais os melhores hábitos

⁸² Correio Paulistano, 4 de julho de 1854, p. 2, grifo meu.

e comportamentos: *excelente passatempo e ao mesmo tempo escola de boas lições*. Cumpria, portanto, uma dupla função, pois divertia ao mesmo tempo em que ensinava bons hábitos, por isso era um útil divertimento, considerado único na cidade.

No entanto, nem todo teatro cumpria essas funções. Havia restrições e condições para que isso se desse. Para tanto, as peças encenadas deviam ser adequadas, precisavam transmitir a mensagem correta:

Com o mais vivo desgosto vimos escrever as seguintes reflexões que nos suscitou o último espetáculo a que assistimos no teatro desta cidade: são reflexões de quem estima e deseja o progresso desse estabelecimento, e que se consterna quando o vê caminhar para seu descrédito e ruína. Aludimos, como será fácil descobrir, a algumas representações que tem havido profundamente indecentes e imorais, recheadas de visíveis obscenidades, e entretecidas de frequentes anfibologias grosseiras. Bem sabemos que essas farsas aqui não foram feitas, e que vieram de fora; não importa porém isso, nem é razão de defesa: o público, as famílias honestas, as pessoas capazes tem direito de serem sempre respeitadas, e um teatro público deve ser tal que ninguém se vexa de estar nele.

Não queremos ofender com estas palavras os senhores diretores do teatro, acusamos só de alguma irreflexão, e essa irreflexão é toda em prejuízo próprio. Lembrem-se esses senhores de que a última farsa representada desagradou sumamente a diversas pessoas dignas de apreço e consideração, e que se for generalizando esse desgosto, o teatro ficará em breve desacreditado, e entregue só a gente ordinária. É interesse do estabelecimento que as pessoas gradas do país o protejam.

Além disso essas farsas são em geral de muito mau gosto; e deste modo quem não fugir da indecência, fugirá da insipidez.

Tomem os senhores diretores do teatro o conselho que lhes damos, como apaixonados que somos por esse inocente **passatempo**; façam representar peças tais que se lhes possa dar aplauso sem pejo. Há tanta farsa bonita e decente! Há tanta coisa honestamente engraçada! Não suponham que só dessas indecências gosta a plateia; não façam tão ruim ideia do nosso povo: o povo vai sempre para onde o encaminham, tudo está em bem encaminha-lo.⁸³

O teatro, portanto, não era por si mesmo o melhor, o único e útil divertimento. Ele poderia ou não sê-lo. Isso dependia das peças encenadas, do cumprimento ou não, por elas, da função de moralizar e de educar o povo. As que figuravam nos jornais, eram sempre as que agradavam as elites e que difundiam seus valores. Sobre essas, havia matérias, sempre elogiosas, e o incentivo para que o público comparecesse às suas encenações.

Quase não se falava, por outro lado, das peças que não agradavam às elites. Dessas, podemos saber mais pelos silêncios, pelas ausências, do que pela presença. A matéria acima, provavelmente do editor do jornal, que não a assina, revela algumas das compreensões

⁸³ O Novo Farol Paulistano, 10 de agosto de 1836, p. 2, grifo meu.

em torno das mesmas. Seus títulos não são revelados, assim como seus autores e atores. Provavelmente, porque não se queria fazer delas propaganda.

Elas eram indecentes, imorais, obscenas, e causavam constrangimentos a quem as assistia, segundo o autor da matéria. Além disso, elas eram de mau gosto e, por isso, atraíam *gentes ordinárias*, a quem nosso autor não gostaria que o teatro fosse entregue. Deste modo, a matéria também revela que nem todos eram bem-vindos ao teatro. Não se fala das impressões das chamadas *gentes ordinárias* sobre as peças, essas gentes não interessavam. Fala-se apenas do que pensavam e sentiam sobre as peças, aquelas *pessoas dignas de apreço e consideração*.

Ao mesmo tempo, a matéria nos permite entrever os motivos do esvaziamento, tão denunciado, dos teatros paulistanos em alguns momentos. O que era encenado atendia aos interesses de uma certa parcela dos paulistanos, de moralizar o povo, de *bem encaminhá-lo*. Os interesses do restante da população, por outro lado, eram ignorados, o que fazia com que esse restante, que era a maioria em termos quantitativos, não comparecesse ao teatro.

Quase trinta anos mais tarde, uma outra matéria, confirma os usos que eram feitos do teatro, e a função que se desejava que ele cumprisse:

Teatro: Hoje representa-se os dramas *Os homens sérios* e *O fidalgo pobre*. Por qualquer destes dois dramas pode o público ter algumas horas de utilíssimo **divertimento**. “Os homens sérios” merece a atenção de todos que conhecem a vida à parte de nossa sociedade moderna; é a história desses especuladores que vão ao casamento procurar na mulher um degrau para sua fortuna, e como degrau fazem da mulher uma manivela; não é tudo isso. “Os homens sérios” é a verdade sem rebuços do homem hipócrita, que no salão, entre os cortesãos ou seus parasitas trata a mulher como um anjo, e atrás do reposteiro faz dela um simulacro. Nos grandes lances dramáticos, aparecem para os sustentar os artistas que se incumbirão dos principais papeis. Se, porém, não estivesse no gosto do público esse drama, recorrer-se-á ao “Fidalgo Pobre”, assunto inteiramente novo em nossa cena.

Estamos com um teatro semelhante ao Gymnasio; temos tido de semana a semana composições novas. Cumpre ao público afluir ao teatro e não esquecer-se que nenhuma noite é perdida.⁸⁴

O anúncio, da primeira página do jornal, é mais um exemplo de como as peças teatrais tinham uma função moralizadora. *Os homens sérios*, segundo a descrição do jornal, diz de uma sociedade não moderna, que era exatamente o que São Paulo não queria ser a essa altura, cujos homens aproveitavam-se de mulheres para construir fortunas, e que eram, por isso, chamados de hipócritas e de especuladores. Portanto, o enredo da peça trazia tudo o que a cidade, ou melhor, o seu poder institucional, não queria que ela fosse e tivesse.

⁸⁴ Correio Paulistano, 28 de junho de 1862, p. 1, grifos em negrito são meus, em itálico são da fonte.

Contava a história de um mal exemplo, que não deveria ser seguido. Era a evidenciação do mal, justamente para dizer que ele era mal e não devia ser copiado. O título do drama é que parece revelar o tipo de homem que a sociedade paulistana queria ter, e não o seu enredo. Por tudo isso, é que podemos compreender o fato de a peça ser considerada um *utilíssimo divertimento* pelo jornal. Não era o divertimento pelo divertimento apenas, mas era o aprendizado, a inculcação de valores, de sentimentos, de uma certa moralidade.

O *Correio Paulistano*, neste momento, estava vinculado ao Partido Conservador e ao governo provincial⁸⁵, aos quais interessava a manutenção da ordem, o que incluía a manutenção dos valores morais. Assim, talvez seja também por isso que o jornal tenha dado destaque à peça *Os homens sérios*, e não à *O fidalgo pobre*, cujo enredo não nos foi permitido conhecer.

Nesse mesmo ano, uma outra matéria evidencia esses mesmos usos sendo feitos do teatro, e essa mesma função moralizadora que se desejava que ele cumprisse:

Mas, veio o Sr. Joaquim Augusto e aqueles que apenas consideram o teatro um mero **passatempo** deram um suspiro que parecia dizer: - Ora graças, já temos onde passar as noites! E aqueles que fazem mais do que esses, e julgam que o teatro realiza o útil e agradável instruindo, moralizando e **divertindo**, deram também um suspiro, que traduzia o prazer que lhes causava a existência dessa poderosa alavanca da civilização de um povo. Finalmente aqueles, que mais do que os outros enxergam isso tudo, e desejam (nobre e patriótico desejo!) gozar dos foros de povo culto e mostrar a Europa, que já podemos ocupar um lugar distinto na hierarquia das letras e das artes, possuindo um teatro nacional, um teatro que nos interesse mais, contando-nos, sob as cores da poesia, da arte, as nossas cenas, os nossos costumes, a nossa vida enfim, ou a de nossos antepassados (...) esses... levantarão um brado de contentamento e de esperança, e preparam-se para concorrer...⁸⁶

O Sr. Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, a quem a matéria se refere, era um famoso ator e diretor de teatro da época, que havia chegado da corte à São Paulo com sua esposa, também atriz, Maria Velluti, e que em momento anterior, entre 1854 e 1855, já havia estado na cidade (AZEVEDO, 2000, p. 39). Segundo o jornal, o que a chegada de tal artista representava para a capital paulista, variava de acordo com o olhar que se tinha do teatro.

Para uns, podia ser um *mero passatempo*, para outros uma *poderosa alavanca da civilização de um povo*. Para esses últimos, o teatro instruía, moralizava e divertia. Realizava,

⁸⁵ O *Correio Paulistano* se aliou a diferentes poderes políticos e partidos políticos ao longo de sua história, de acordo com suas necessidades financeiras. Neste momento, 1862, ele estava vinculado ao Partido Conservador e recebia subvenção do governo provincial. Seu proprietário, José Roberto de Azevedo Marques, havia anunciado que trocava a linha liberal pela conservadora por “circunstancia de caráter financeiro”, já que o jornal que era diário até 1855, passaria a ser bissemanal por falta de recursos (THALASSA, 2007, p. 26).

⁸⁶ *Correio Paulistano*, 11 de junho de 1862, p. 2, grifos meus.

assim, *o útil e agradável*. E mais, esse divertimento era para os *cultos*, e para aqueles que desejavam dar mostras aos europeus, de que os brasileiros já possuíam um teatro nacional.

E adiante, há as já mencionadas lamúrias quanto à falta de público, ao seu não comparecimento ao teatro.

Concorrer! Algures é no concurso que se fazem as grandes exposições; em S. Paulo, é por causa dele talvez, que tudo morre! Mas a expectativa parece que não teve realidade, pois a parte os primeiros dias de entusiasmo, que hora nos parece que foi de convenção e não espontâneo, e por isso esvaeceu-se como as nevoas a aproximação do sol, acalmou-se como o mar depois de aguaceiro; à parte diremos, esses prelúdios, as coisas voltaram ao seu antigo estado.

Qual será a razão? Qual será o sol, ou o aguaceiro? É deveras incompreensível.⁸⁷

Era realmente *incompreensível* para as elites, o fato de o público não comparecer ao teatro. Pois, o teatro oferecia

a todas as classes da sociedade uma bela escola de moralidade e civilização. Nos países, onde os homens políticos não afagam o pobre só nas épocas eleitorais, uma ideia que mais os preocupa, é dar ao pobre ocasiões de **recreios**, que ao passo que o deleitam possam também dar-lhe uma escola, onde ele vá aprender aquilo que uma educação aperfeiçoada só podia ensinar-lhe, e que naquele momento se veja nivelado com o opulento, que com ele gozam ao mesmo tempo um espetáculo, com a única diferença, que o pobre não terá um lugar distinto, que o rico comprou com muito dinheiro, mas, o único efeito desejado dessa escola, ambos apresentam; o rico recostado no seu coxim de veludo, e o pobre no banco duro de madeira. (...) por que na cidade de S. Paulo não deve haver um teatro nas condições de sua civilização, e de uma já crescida população, que vive sem um **recreio**, onde passar alguns momentos de distração. (...) o teatro é uma escola, onde o pobre vai **divertir-se** e aprender aquilo que o rico já sabe por que teve dinheiro para frequentar academias, e aulas onde ilustrasse seu espírito.

Mas repitamos, não são os interesses da empresa do teatro de S. José, que falam, são os desejos de ver florescer em meu país todas as instituições que nas nações cultas, e mesmo nas menos cultas que o Brasil, atestam civilização e progresso.

Já é tempo de compreender que o teatro não é uma ostentação de riqueza, mas que sendo um **passatempo** é também uma escola que produz tão bons efeitos como as academias, e aulas, que os governos sustentam para educação pública.⁸⁸

O teatro é apresentado como um divertimento para todos, mas cumpria uma função especial para os pobres, pois permitia-lhes aprender aquilo que o rico já sabia. Era portanto, uma instituição que atestava civilização e progresso, era uma escola que produzia tão belos efeitos quanto as academias e aulas. Portanto, merecia o investimento dos governos, era o que argumentavam as elites paulistanas.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Correio Paulistano, 12 de março de 1863, p. 3, grifos meus.

Assim, os divertimentos eram também formatadores dos comportamentos, dos modos de ser. Pela observação do que faziam e diziam os atores, pela mensagem que eles transmitiam, o público podia aprender o que era bom, podia *ilustrar o seu espírito*. Deste modo, a conformação do comportamento se daria a partir da ação sobre o intelecto.

Um outro divertimento também servia como escola, também educava as sensibilidades e os comportamentos. *Escola em que a mocidade de ambos os sexos aprenda a portar-se em público com gravidade e decência*. Não bastava ensinar esses comportamentos através de leituras, discursos, observações, ou do teatro. Era necessário ter deles experiência, pois *É só pelo uso, que podemos aprender, e nas ocasiões é que se podem apresentar os erros a corrigir, e dar a conveniente direção a nossas ações*.

Era no divertimento de baile que esse uso se daria, que a experiência formadora dos comportamentos e dos sentidos poderia ser vivida. Aqui a ação conformadora se dava diretamente sobre os comportamentos:

Aquele **divertimento** nada tem em si de repugnante, pois que ele se mantém com toda a decência. O luxo é dele desterrado por sua própria instituição, e as famílias ali comparecem com seus atavios usuais. Ele acaba a meia noite, bastante cedo para não incomodar a boa ordem e repouso das famílias, que a ele concorrem, e sempre muito antes do que conviria, se consultássemos o gosto das belas e graciosas, que nunca acham longo o tempo em que exibem na dança seu saber e graça. Nada ali falta do que se possa precisar para o cômodo e **recreio** de uma noite. Esta reunião bem regida, como o tem sido até hoje, pode até servir de escola, em que a mocidade de ambos os sexos aprenda a portar-se em público com gravidade e decência, e a respeitar-se reciprocamente em uma doméstica familiaridade. É só pelo uso, que podemos aprender, e nas ocasiões é que se podem apresentar os erros a corrigir, e dar a conveniente direção a nossas ações. Longe portanto de isolar os sexos, que foram criados para viverem mais tarde unidos, cumpre uni-los na idade, em que mais facilmente se aprende, a fim de que, assim aproximados sob a convinável correção, saibam como se devem comportar com decência e dignidade.⁸⁹

Familiar e bastante regrados eram os bailes aí retratados. Eles eram decentes, desprovidos de luxo e com horário para acabar, o que explica o incentivo à participação da *mocidade de ambos os sexos*, para aí conviverem e aprenderem *a portar-se em público com gravidade e decência, e a respeitar-se reciprocamente*. Quando não o fizessem, seriam corrigidos, teriam, assim, a oportunidade de aprender, de aperfeiçoar seus modos e de se prepararem para a convivência futura, que viria com o casamento. Os bailes eram, deste modo, civilizatórios, funcionavam como uma escola de boas maneiras, de comportamentos, em que os corpos e as sensibilidades eram submetidas à normatizações.

⁸⁹ A Phenix, 20 de maio de 1840, p. 2, grifos meus.

Mas os divertimentos também cumpriam um outro papel, menos interessado em política e na educação dos comportamentos. Eles tinham para alguns o fim de fazer aproveitar a vida, de fruir o que ela tinha de melhor: *A existência é curta, aproveita-la quanto mais, é a melhor filosofia. É o que diz o anúncio do Grande baile e divertimento em regozijo do Natal*⁹⁰.

Se divertir como forma de aproveitar a vida, era uma máxima, um ditado ainda hoje presente entre nós, paulistanos ou não. Tal ideia é reveladora dos sentidos positivos existentes em torno dos divertimentos. Aproveita-se a vida fazendo o que é agradável, o que provoca bons sentimentos, alegria, prazer, regozijo.

Os divertimentos só apareceram em relação ao trabalho e aos estudos, como uma forma de aliviar as agruras por eles causadas, uma única vez, no ano de 1862. Trata-se de matéria publicada a pedido, portanto, não são escritos dos redatores do jornal, mas de algum leitor que solicitou a publicação. Seu intuito foi pedir auxílio para o teatro, como fizeram tantos outros. Mas ao fazê-lo, o leitor revela uma certa compreensão das relações entre trabalho e divertimento.

A subvenção do teatro

Ninguém hoje desconhece a necessidade que tem a nossa capital de um teatro, que preenchendo a sua missão nos domínios da arte, dê uma ideia do nosso grau de civilização, e ao mesmo tempo sirva de **passatempo** para o povo, constantemente preocupado com os trabalhos da vida.

Esta necessidade se torna mais palpitante quando notamos, que existe no meio de nós uma academia composta de jovens, que carecem sem dúvida alguma, amenizar as fadigas do estudo, com algumas horas de **recreio**. Este **recreio** jamais se encontrará com vantagem em qualquer outra parte que não seja o teatro; o qual bem dirigido e encaminhado é uma verdadeira escola de instrução e de moralidade, reunindo o útil ao agradável.

(...)

Cumpra pois que a assembleia, reconhecendo a necessidade que tem a capital de um bom teatro, em vista do seu grande desenvolvimento; consigne uma subvenção afim de que a atual empresa, dispondo desse recurso remova as dificuldades com que tem lutado, e possa manter-se oferecendo-nos um **divertimento** honesto, e digno da nossa capital.⁹¹

Aquele que trabalha tem necessidade de divertimento, bem como aquele que estuda, para aliviar o cansaço. O trabalho, portanto, é o que torna o divertimento necessário. Para os jovens estudantes, tal necessidade é ainda mais premente. Talvez, porque a esse tempo

⁹⁰ Correio Paulistano, 22 de dezembro de 1864, p. 4.

⁹¹ Correio Paulistano, 11 de maio de 1862, p. 3, grifos meus.

da vida, a juventude, estivessem ligadas a alegria e a sociabilidade. Talvez, porque os estudantes da Faculdade de Direito já tivessem, a essa altura, construído uma imagem de si mesmos, que os ligava aos divertimentos. Porque já tivessem demonstrado que esse assunto, e as atividades a ele ligadas eram de seu interesse, e contavam com sua participação.

Mas não era qualquer divertimento, que cumpria a função de aliviar as agruras do trabalho e do estudo, no entanto. Tal função cabia ao teatro, que era tido como o único capaz de divertir, moralizar e instruir ao mesmo tempo. Ele unia, portanto, o útil ao agradável, segundo esse nosso leitor/escritor, e também segundo todos aqueles que se pronunciavam nos jornais sobre o teatro, conforme já vimos. Quanto aos demais, aqueles cuja voz não está contida em tais documentos, não se pode dizer o mesmo. A população paulistana, nem sempre comparecia ao teatro, o que tornava o tipo de apelo acima apresentado, para que o teatro fosse ajudado, recorrente.

Essa relação divertimento-trabalho, no entanto, não parece ter tido presença marcante na capital paulista, já que essa foi sua única ocorrência no período estudado. Portanto, os divertimentos não eram definidos na relação com o trabalho, e em função dele, mas ao contrário, os divertimentos gozavam de autonomia em relação ao trabalho.

Apesar de tudo isso, de para alguns os divertimentos cumprirem esta ou aquela função de modo explícito e deliberado, a diversidade e natureza das diversões vividas pelos paulistanos indica que essas funções não eram suas preocupações. Eles não escolhiam as atividades a que se iam entregar para se divertir, porque elas educavam, ensinavam boas maneiras ou atualizavam os símbolos e valores da monarquia.

Seus motivos eram outros, mais ligados à alegria, ao prazer e ao regozijo que as atividades de divertimento lhes proporcionavam. Daí o gosto pelas companhias ginásticas e de cavalinhos, pelos saltimbancos e trapaças⁹², e também pelos jogos e bailes, como vimos.

1.4 Uma capital que se queria civilizada: a nova moral daqueles tempos

Vários autores apontam os anos de 1850 como um marco para a história nacional, pois estariam aí, as origens mais remotas do processo de modernização do país (IANNI, 1990; CHALHOUB, 2012; CARVALHO, 2012). A capital paulista, entretanto, no final da década de 1840, já vivia transformações nos comportamentos, valores e mentalidade de seus

⁹² Correio Paulistano, 17 de maio de 1863, p. 1; Correio Paulistano, 22 de outubro de 1864, p. 2.

habitantes, embora elas ainda não se fizessem sentir na materialidade da cidade⁹³. Pois sua estrutura física, suas ruas⁹⁴, seus serviços de abastecimento de água⁹⁵, iluminação⁹⁶, controle de enchentes, e mesmo o abastecimento de alimentos ainda eram precários (TOLEDO, 2003, p. 335; ARAÚJO, 2006, p. 41; BRUNO, 1954, pp. 629, 649, 657; ARAUJO, 2015, p. 46; DIAS, 1995, p. 75; CAMPOS, 2004, p. 192). As casas e seus interiores, mesmo as das elites, também revelavam senão precariedade, falta de refinamento e luxo (D'ORBIGNY, 1841, p. 200; SPIX, MARTIUS, 1938, p. 186; BRUNO, 1954, p. 469).

Segundo os viajantes alemães Spix e Martius, que estiveram em São Paulo em 1818,

Entre os moradores de São Paulo, o gosto pelo luxo europeu nem de longe se desenvolveu tanto como entre os ricos baianos, pernambucanos e maranhenses. Cuida-se mais do asseio e do conforto na disposição das casa do que de elegância e suntuosidade, e, em vez do mobiliário leve americano e dos espelhos franceses daquelas províncias, encontram-se nas salas cadeiras pesadas, enfileiradas, que datam de longos decênios, e um espelho pequeno com sua moldura da manufatura de Nüremberg, no qual um alemão imaginará reconhecer um compatriota. Em vez de grandes lâmpadas de vidro ou castiçais com velas de cera, campeia no meio da mesa um lampião de latão, no qual se queima, em geral, azeite de mamona. (1938, p. 186)

⁹³ Podemos, na verdade, falar da presença de tais valores na cidade já algumas décadas antes. Ainda que concentrados em autoridades ilustradas, que tentavam impor comportamentos à moda europeia através da legislação. Franca e Horta, em 1810, por exemplo, proibiu certas vestimentas femininas, pois queria reforçar “aparências mais europeizadas” (DIAS, 1995, p. 100). José de Souza Martins (2004, p. 8), diz, por outro lado, que já no século XVIII São Paulo vivia essas transformações, mas que eram poucos aqueles que as percebiam. Pois elas chegaram fragmentária e marginalmente, justapondo-se aos costumes existentes e criando ilhas de racionalidade econômica e política.

⁹⁴ Apesar de já na década de 1830, a capital passar pela modernização de seu ambiente urbano, com os melhoramentos nas estradas e a construção de pontes (CAMPOS, 2004a, p. 301).

⁹⁵ O abastecimento de água na cidade de São Paulo foi um problema que perdurou por muito tempo. Em 1868, o então presidente da província, Joaquim Saldanha Marinho, ainda procurava encontrar meios de resolver tal questão, e assim descreveu o quadro do abastecimento de água na cidade:

Abastecimento de água potável na capital

Desde que me acho na administração desta província recebo reclamações para providenciar em bem deste melhoramento.

Na verdade, os habitantes da capital estão péssima e escassamente servidos de água.

Os mais ricos podem abastecer as suas casas empregando em tal serviço escravos que assim distraem quase completamente de outras ocupações. Os outros compram-na má e por preço elevado; todos se queixam com razão de que não tem água, nem suficiente, nem perfeitamente potável para seu uso. (Relatório da Presidência, Diário de S. Paulo, 9 de abril de 1868, p. 1.)

⁹⁶ A iluminação sistemática da cidade teve início em 1841, e era precária. Contava com cem lampiões alimentados com óleo de baleia, que eram mantidos pelo governo da Província (CAMPOS, 2004, p. 192). Eles eram “acesos desde o terceiro dia depois da lua cheia até o quarto dia depois da lua nova, a partir da entrada da noite até a meia noite se mais cedo não sair a lua” (DONATO, 2004, p. 609). Daí a fama de cidade mal iluminada, gozada por São Paulo.

O naturalista francês Alcide D’Orbigny (1841, p. 200), fez observações muito parecidas em 1826, quando esteve na capital paulista: “O gosto pelo luxo europeu ainda não chegou à São Paulo no ponto em que se encontra nas ricas cidades litorâneas do Brasil. Eles preferem a limpeza à elegância, o antigo conforto às mudanças da moda.”. O que demonstra que os paulistanos ainda estavam em processo de adesão à modernidade, já que ainda não haviam incorporado modos de ser moderno, como a estilização dos interiores das casas, criando um estilo moderno, o que era tido como um tipo de arte, e ainda não buscavam as novidades da moda (BENJAMIN, 1939).

Os paulistanos, mesmo os ricos, ainda não tinham apreço por certos confortos e luxos europeus. Não se tratava de falta de dinheiro para adquirir o mobiliário e os objetos de luxo vindos da Europa, mas da não valorização de tais bens, pois “a elite paulista não criara, ainda, um estilo de vida refinado proporcional à sua riqueza (ARAÚJO, 2006, p. 169).

Um outro viajante, Daniel Kidder, esteve em 1833 em uma das fazendas de uma rica mulher paulistana, membro do pequeno grupo dos mais ricos do país, Gertrudes Galvão de Oliveira e Lacerda, viúva do brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão (ARAÚJO, 2006, p. 153). Ao escrever sobre o serviço de mesa, o mobiliário, a louça e as roupas de cama e banho da casa da fazenda de tal senhora, esse viajante evidencia que, por lá *o contraste imperava por tudo*, pois o luxo e a riqueza conviviam com a simplicidade, a pobreza, e a falta de refinamento:

Era rico e farto o serviço de mesa, mas reinava certa confusão entre as dez ou doze copeiras que poderiam ser perfeitamente substituídas por apenas duas que conhecessem bem o *métier*. A baixela era das mais finas e caras. As mesas e cadeiras, miseráveis. A roupa de cama, as fronhas e toalhas dos dormitórios eram de algodão mas ornadas com largos babados de cambraia. Parecia que o contraste imperava por tudo. (KIDDER, 2001, p. 209)

Ao mesmo tempo em que havia abundância de criadas, elas não sabiam servir a mesa com a elegância a que estava acostumado o europeu viajante. Enquanto a baixela era fina e cara, as mesas e cadeiras eram miseráveis. As roupas de cama e banho combinavam um tecido fino com outro, mais grosseiro. É certo que não se tratava de falta de dinheiro para aquisição de móveis e roupas de cama sofisticadas, e para o ensinamento dos escravos. Tratava-se, era da falta de valorização ou mesmo conhecimento, de tais bens e hábitos.

Esse mesmo contraste, foi encontrado por Daniel Kidder em casa de um também europeu, como ele. Tratava-se de um ourives francês que morava no bairro da Penha e era casado com uma brasileira, e cuja casa “era destituída de soalho e da maioria dos objetos considerados indispensáveis à decência e ao conforto, e, entretanto, só o ouro que pendia das

orelhas da senhora, era suficiente para adquirir todo o necessário, inclusive mobília.” (KIDDER, 2001, p. 216).

Esse modo de viver, que combina riqueza e pobreza, do francês residente em São Paulo, fez com que Daniel Kidder (2001, p. 216) afirmasse que ele “parecia inteiramente identificado com a terra e seus costumes”. Assim, ao mesmo tempo em que esse viajante possuía um olhar universalizante, que considerava serem, ou terem que ser, iguais no Brasil e na Europa as necessidades e gostos quanto ao que era preciso para se viver bem e com conforto, ele percebia que os paulistanos possuíam costumes que lhes eram peculiares e, portanto, diversos dos costumes europeus.

Segundo os alemães Spix e Martius, os paulistanos se sentiam ricos não pelos luxos que podiam exhibir e ostentar, mas pelo tamanho de seus rebanhos, de suas propriedades. Os bens valorizados eram de outra natureza. Eles sequer conheciam muitas das necessidades europeias, às quais os objetos de luxo estavam ligados (SPIX, MARTIUS, 1938, p. 188). Nesse mesmo sentido, Maria Odila Dias (1995, p. 95) nos diz que os paulistanos ricos e em processo de enriquecimento, se preocupavam mais em ter aprovação social e em imitar os grandes, do que em escandalizar sua riqueza⁹⁷.

Até então, a precariedade do espaço urbano também acabava por impor certos costumes e impedir a ascensão de outros. A tão falada ausência das mulheres pelas ruas da cidade, podia dever-se menos à mentalidade patriarcal de seus moradores, e mais às condições físicas e estruturais da cidade (DIAS, 1995, p. 96). Como podiam as mulheres, e até mesmo os homens, circular pelas ruas mal calçadas, sujas, cheias de homens armados, tropeiros, com disparadas de cavalos, tiroteios e escravos domésticos que saíam para comprar e vender alimentos e pegar água nas poucas fontes da cidade?

Essa interpretação evidencia a mentalidade e os preconceitos daquele tempo. O espaço urbano era assim, mal cuidado, justamente porque era destinado aos grupos subalternos da sociedade paulistana, aos quais as elites não desejavam se misturar. Assim, enquanto estas permaneciam reclusas nos seus espaços privados, aos pobres e escravos era destinado o espaço da rua, sujo e mal cuidado.

Por outro lado, no entanto, analisando os inventários *post-mortem* de moradores de São Paulo, Maria Lucília Araújo (2006, p. 168) encontrou na primeira metade do século XIX, bens que indicavam novos hábitos e gostos na capital paulista: instrumentos musicais,

⁹⁷ O viajante Daniel Kidder (2001, p. 200), por outro lado, nos diz das senhoras que cuidavam em bem vestir suas escravas, que exibiam joias pelas ruas da cidade, como uma forma de demonstrar a riqueza das famílias a que pertenciam.

bibliotecas, móveis para escrita e leitura, arte e decoração, peças de higiene e iluminação, veículo de transporte, peças de jogo, aumento dos cômodos e serviços das casas. O que já revelava algum refinamento do modo de vida paulistano.

Nesse mesmo sentido, Eudes Campos (2004, p. 198) nos diz que ao longo das décadas de 1830 e 1840 “São Paulo foi sofrendo influências de nova corrente cultural”, que causaram modificações nos costumes, na arquitetura e nos usos dos espaços domésticos.

O fato é que a partir da década de 1840 já se faziam presentes na cidade a europeização, o refinamento, os códigos de urbanidade, e a educação cavalheiresca como valores a serem alcançados, como já pudemos perceber pelo exposto até aqui nessa pesquisa. Esse ideário já estava presente na cidade, ainda que somente mais tarde, pelos idos dos anos 1870, esses valores viessem a se concretizar de modo irreversível na vida dos paulistanos, ganhando materialidade.

Um dos redatores do *Correio Paulistano*, em matéria sobre os bailes à fantasia realizados no carnaval de 1856, nos permite perceber a presença desses valores e o desejo de que eles se enraizassem na sociedade paulistana:

No horizonte de nossos costumes pouco a pouco se vão rarefazendo as embaciadas⁹⁸ caligens⁹⁹ de que os usos lusitanos impregnaram a atmosfera de nossa educação.
(...)

Quem pensava em bailes, cumprimentos, apertos de mãos, sociedade de recreio, quadrilhas, valsas, schottisches, no tempo em que benziam-se quando se falava nos pedreiros livres?

Não nos demoramos no quadro; nossas donzelas já tem liberdade; nossas companhias se animam, nossos bailes se povoam, são frequentados nossos teatros, apuram-se nossos gostos, o espírito se desacanha, nossos lábios se entreabrem, e o progresso moral espezinha o vício e hábitos rotineiros.

Por várias vezes temos apresentado algumas considerações acerca do desenvolvimento que vai tomando o espírito público a vários respeitos, mas o fato inesperado presenciamos, coroado por tão feliz resultado, mostra que se daqui a 50 anos estivermos na mesma relação, em que nos achamos, a tempo igual que tem decorrido anteriormente, será esta capital a mais adiantada que o Brasil encerre.

Na corte depois de muitos anos de ensaio e de expectativa pode realizar-se a introdução do carnaval em 1855; até esse tempo os esforços da polícia para extinguir o entrudo foram baldados. No seguinte ano sem a menor dificuldade a mascarada substituiu em S. Paulo o jogo d'água; o auxílio e boa vontade das famílias paulistanas acoroçoaram a iniciação das cavalgadas: a elas mais do que a ninguém se deve o triunfo que alcançou a sociedade carnavalesca.
(...)

⁹⁸ De acordo com o dicionário de Rafael Bluteau (1716, p. 467), embaciado significava sem brilho, embaçado.

⁹⁹ No dicionário de Rafael Bluteau (1716, p. 218), caligem está definida como “nuvem delgada que escurece a vista”, “escuridão”.

O Brasil, nem toda a América podia fornecer matéria neste gênero para um baile desta ordem; hoje somos franceses no vestir, no falar, no tratar: nossos antepassados eram portugueses no viver;

(...)

Damo-nos pois parabéns por haver conseguido mais este novo **passatempo**, usado apenas nas cidades mais adiantadas dos países civilizados.¹⁰⁰

Estava aí retratado, o desejo presente na sociedade paulistana de se afastar do modo de ser dos portugueses, e de se aproximar dos costumes, hábitos e valores dos franceses. São ditos, claramente, que hábitos se desejava incorporar: os cumprimentos, o divertimento de baile, as músicas e danças, as sociedades de recreio, uma certa liberdade para as mulheres, os modos de vestir, de falar.

Mais que isso, a realização de bailes a fantasia no carnaval da capital paulista revelava a incorporação pelos paulistanos de costumes e divertimentos europeus, tidos como civilizados. Tal incorporação não significou, no entanto, o fim do entrudo, visto que em 1856, e ainda por mais muitos anos, ele se desenrolou na capital. Ao contrário do que diz o redator do *Correio*, ele não foi substituído pelos bailes, mas coexistiu ao lado deles.

Foi imbuído e motivado por esses valores de refinamento e educação, e desejoso de que São Paulo se parecesse, ao menos um pouco, com a Europa civilizada, que o incógnito “A. L.” pediu o fim do jogo d’água durante o entrudo em matéria que escreve para o *Correio Paulistano* de 22 de janeiro de 1856 (p. 3, grifos meus):

Seria pois uma tirania proibir-se toda e qualquer **distração** que o povo desejasse nos únicos dias em que se acorda. O que anhelamos¹⁰¹ é ver extinto esse uso mal fadado do jogo d’água, cujos resultados calamitosos estão ao alcance de todos, mas que todos olvidam nessas estações de loucura.

(...)

Mas é tempo de extinguir-se tal costume. Em todos os países civilizados, há muito tempo que as mascaradas, as cavalgadas, as danças, cantorias, flores, e confeitos tem sido os variados meios de que se não servido para dizerem o último adeus aos dias gordos.

A polícia mesmo, efetivando a postura de fevereiro de 1832, recomendada em 1853, não se deve também opor a outro modo de **recreação** decoroia (sic), qualquer que ela seja, porque além da inconveniência, não conseguiria senão exasperar a população, que por fim saltaria por todas as considerações, pela menor aberta que pressentisse.

Tal jogo era uma brincadeira em que as pessoas atiravam, umas nas outras, frutas feitas de cera cheias de água perfumada e que era, para o autor da matéria, um *estólido e funesto divertimento*, que já havia sido substituído na corte pelas mascaradas, aos moldes do

¹⁰⁰ Correio Paulistano, 28 de março de 1856, p. 4.

¹⁰¹ Do espanhol, anhelar significa almejar, ansiar.

que acontecia nos países civilizados. Ele recomenda à polícia, entretanto, que *não se deve também opor a outro modo de recreação, qualquer que ela seja*, pois isso só exasperaria a população.

Deste modo, o autor não era contra todo e qualquer divertimento que acontecia nos dias que antecediam a Quaresma, mas apenas, especificamente, contra o jogo d'água, que, segundo ele, trazia más consequências e não era adequado *à idade em que vivemos e à uma cidade civilizada*. Mas ele não diz que más consequências eram essas, trazidas pelo jogo d'água. Ele até intercede à polícia que não oponha-se a *outro modo de recreação*, e acaba nos dando, assim, mais um exemplo do uso das palavras divertimento e recreação como sinônimas.

Ele continua:

Porque nossos jovens patrícios, requisitando uma força policial, que os defenda da injúria e das águas, não percorreram as ruas de nossa capital trajando a fantasia e servindo-se de pequeninos ramalhetes de flores, em vez de reprovados limões?

O **divertimento** será dessa maneira menos prejudicial, e até mais poético; a batalha dar-se-á frente a frente, e a reciprocidade de flores conservará lembranças mais agradáveis, do que as consequências desastrosas que formam o séquito do entrudo português.

Solícitos em procurar o bem de nossa terra, oferecemos essas linhas aos nossos patrícios e à polícia. Substitua-se o jogo d'água por qualquer outro **divertimento** público decente, e nosso apoio será franco.

Há aí uma tentativa de construção de uma nova sensibilidade em torno dos divertimentos. Sensibilidade essa que se incomodava com o jogo d'água, que o considerava bárbaro, e que tinha nas mascaradas, nas trocas de flores um divertimento agradável. É o delineamento de uma nova moral e de uma nova sensibilidade em torno dos divertimentos.

O que evidencia que a moral e a sensibilidade não são fixas e eternas, mas, ao contrário, elas se delineiam ao longo do tempo. Nessa época, a moral dos países tidos como civilizados adentrava São Paulo, levando seus habitantes a questionarem seus próprios hábitos, sua cultura. Não era necessária nenhuma explicação, bastava dizer que um costume era comum num país civilizado, para que ele se tornasse bom e necessário imediatamente.

A Europa era a baliza, era de lá que vinham os padrões de civilidade. Mas não de toda a Europa:

Apenas encontramos em Portugal o costume altamente revoltante de se bombardearem as casas, ferindo-se muitas vezes, matando-se os pobres habitantes com centenas de ovos arremessados pelos pulsos bem conhecidos dos filhos daquele país.

Descendentes dos portugueses não podíamos furta-los ao recebimento das usanças a que nos instigavam; mas o caráter brasileiro, menos áspero que o dos nossos colonizadores, apenas contentou-se com limões de cheiro, apesar de todas as ameaças da medicina.

(...)

O uso das mascaradas, hoje admitidas nos países civilizados, remonta à Ásia, aos judeus. Passando à Europa vemo-la nos primeiros séculos da era cristã em Constantinopla. Os carnavais de Roma, Veneza e Paris são bem conhecidos.

Na tentativa de convencer seus leitores e a polícia, a quem intercedia pelo fim do jogo d'água, nosso pretense civilizado "A. L." foi buscar *a origem do entrudo* e das mascaradas. E o simples fato de o entrudo ser uma prática portuguesa, e as mascaradas uma prática de divertimento presente no carnaval de Paris e de Veneza – isso segundo a pesquisa de nosso interlocutor –, indicava que o primeiro devia ser substituído pela segunda. A essa altura, e já há algum tempo, os brasileiros responsabilizavam Portugal por tudo aquilo que o Brasil tinha de ruim e atrasado, em relação ao progresso e à modernidade.

O olhar de um estrangeiro, vindo de um país civilizado, sobre o jogo d'água praticado na capital paulista coincide com o sentimento de inadequação do mesmo, com a forma civilizada de compreender e sentir tal divertimento demonstrada pelo anônimo autor da matéria do *Correio Paulistano*. O inglês John Mawe, que esteve em São Paulo entre o final de 1807 e o início de 1808, imbuído de seus valores morais e sensibilidades, assim descreve os folguedos desenvolvidos nos dias em que esteve em São Paulo – provavelmente em 1808:

Costume singular não devo omitir, é o de atirar frutas artificiais, tais como limões e laranjas, feitas de cera, com grande habilidade e cheias de água perfumada. Nos primeiros dias da quaresma, comemorados com grandes festividades, pessoas de ambos os sexos **divertem-se** jogando, uma sobre as outras, essas bolas; as senhoras, em geral, começam o brinquedo, os cavalheiros revidam com tanta animação, que raramente param antes de trocarem dúzias, e ambas as partes ficam tão molhadas como se tivessem sido pescadas de um rio. Nestes dias de carnaval, os habitantes percorrem as ruas mascarados, e a brincadeira de atirar frutas é praticada por pessoas de todas as idades. Considera-se de grande impropriedade um cavalheiro atira-las sobre outro. (...) O costume (posso garantir) é muito desagradável aos estrangeiros, e não raro provoca brigas, de consequências graves. (MAWE, 1978, p. 73, grifo meu)

A descrição do visitante inglês, comerciante que veio tentar fazer fortuna no Brasil, evidencia o gosto dos paulistanos pelo divertimento do entrudo. A animação das pessoas, a participação de todos, homens e mulheres de todas as idades, evidencia que o jogo d'água não era tido como inadequado ou impróprio pelos paulistanos na primeira década do século XIX.

Já para ele, estrangeiro, vindo de uma outra sociedade, e não de qualquer outra, mas da inglesa, símbolo de refinamento e de civilidade, o jogo era desagradável, pois não

estava de acordo com sua moral, com sua sensibilidade. Se sua nacionalidade fosse outra, russa, japonesa, argentina, talvez seu olhar fosse diferente, não é possível saber.

Assim, décadas antes do brasileiro “A.L.” ter demonstrado, no jornal, seu descontentamento com o jogo d’água e sua inadequação a um país civilizado, um estrangeiro já havia feito a mesma constatação. No entanto, da constatação de John Mawe até a matéria no jornal se passaram quarenta e oito anos, durante os quais o jogo d’água esteve lá, no entrudo paulistano.

Durante esse intervalo de tempo, já circulava por São Paulo o ideário de civilização e progresso dos países europeus tidos como civilizados – ainda que com variações de intensidade. A presença do entrudo na cidade nesse período, demonstra que a construção dos gostos precisa de tempo para se dar. Ainda que já houvesse o desejo de civilidade na capital, o desejo de romper com certas práticas, abandonando-as, ele não foi imediatamente realizado, visto também que esse não era o desejo de todos. A mudança dos valores morais e sensibilidades dos paulistanos foi sendo engendrada, e precisou de tempo para se concretizar.

Ainda aliado a forças conservadoras e ao governo da província, em 1863 o *Correio Paulistano* publicou matéria assinada por “Um velho”, em que alguns dos divertimentos existentes na cidade foram focalizados. O autor realiza uma análise da moralidade e da adequação desses divertimentos:

Divertimentos públicos

A nossa capital acha-se atualmente invadida por uma multidão de **divertimentos**: Alcazar Lyrico, Companhia equestre e gymnastica, Caçador Paulistano e Teatro.

Tanto **divertimento** dá lugar a que, cada appetite encontre quitute próprio ao seu paladar, mas em resultado nenhum dos empresários, realiza o que necessita para manter-se, isto é, enchentes, senão repetidas, ao menos intermediárias.

Os que apreciam a arte vão ao teatro, são estes os que atestam melhor gosto, mais rígido e severo pensar, que aprimoram os costumes e dispensam menos dinheiro.

O teatro, quase reunião familiar, exige maneiras urbanas e cavalheirescas – os seus frequentadores, no geral, possuem-nas e por isso – essa bendita instituição floresce sempre, animada pela melhor sociedade dos lugares onde ela se estabelece.

O teatro deve sempre ser o **divertimento** predileto do povo.

O teatro ilustra, moraliza e instrui; recebe a educação nas obras concebidas pelas inteligências privilegiadas e transmite-as cheias de vida aos seus espectadores. Dá nome ao escritor, celebra o artista, educa e regenera o povo. Eu te saúdo, oh arte sublime! Tu és a única **distração**, que outorgas aos que te confiam o seu tempo, os frutos benditos do aproveitamento intelectual!

Vejamos agora o que são as companhias equestres: a luta da agilidade e da força, os equilíbrios arriscados, os saltos impossíveis – a desgraça a cada instante em frente

do espectador, que sente confranger-se lhe o coração. Consomem-se algumas horas na quase sempre dolorosa expectativa: interrogam-se as consciências em busca da moralidade colhida: tempo perdido, dinheiro inutilizado, e a sensibilidade afetada.

Vejamos ainda o “Alcazar”: a música, parte mais notável deste **divertimento**, deleita os ouvidos mas não seduz os sentidos: as peças aí exibidas são ligeiras canções; agradam no momento sem deixarem uma recordação.

A prestidigitação, sempre velha, sem um elemento de interesse, serve, quando muito, para dar tratos às imaginações mais fracas, que se extasiam ante o portento das maquinas.

“O Caçador Paulistano”, o que será? Uma rede de imoralidade, onde ostentam a desregrada levandade os já pervertidos, e onde vão perverter-se os que ainda conservam qualquer dose de pundonor: mercado ostensivo da devassidão: vergonha dos que os assistem e origem de males que todos conhecem!

Eis com as verdadeiras cores, o quadro dos **divertimentos** públicos em S. Paulo!

Que digamos homens sensatos qual deve ser o preferido, e felizmente é, senão o teatro?

Entretanto, como já o dissemos há divergência de paladares e o povo dissemina-se sempre, pelos diferentes **divertimentos** que se matam mutuamente.

Qual subsistirá a invasão? Qual abandonará o campo em primeiro lugar? Não o avançamos. Mas cremos que o teatro será o Noé que escapará do inevitável cataclismo que se prepara.

Um velho.¹⁰²

Tanto a bibliografia que tem São Paulo como tema e que trata, de algum modo, dos divertimentos (AZEVEDO, 2000; ARAÚJO, 1981; BRUNO, 1954; TOLEDO, 2003; DIAS, 1995), quanto os relatos de viajantes que estiveram na cidade nos três primeiros quartéis do século XIX (RUGENDAS, 1972; SAINT-HILAIRE, 1976; MAWE, 1978; ZALUAR, 1863), a literatura (AZEVEDO, 1988) e as cartas de Álvares de Azevedo (AZEVEDO, 1976) afirmam justamente o contrário do que diz a matéria acima, sobre a abundância de divertimentos na cidade.

De acordo com estas fontes e com esta bibliografia, os divertimentos eram raros em São Paulo no século XIX. Uma ressalva deve aqui ser feita. Os relatos de viajantes dizem respeito à primeira metade do século XIX, e na bibliografia não há nenhum trabalho especificamente sobre os divertimentos da cidade nesse período. O que há são trabalhos sobre o cotidiano da cidade, que incluem os divertimentos, e esses trabalhos estão concentrados no quartel final do século XIX e na transição desse século, com raras exceções.

Uma outra questão a ser considerada é o olhar de fora, tanto de Álvares de Azevedo quanto dos viajantes. Não é que São Paulo não possuísse divertimentos, como

¹⁰² Correio Paulistano, 29 de julho de 1863, p. 3, grifos meus.

disseram eles, é que quando comparada à cidade do Rio de Janeiro ou à cidades europeias, realmente São Paulo era reduzida a uma tediosa cidade. Até mesmo o Rio de Janeiro foi tido como uma cidade provinciana, devido aos seus poucos divertimentos, quando comparada à Inglaterra (MELO, 2010, p. 51).

Álvares de Azevedo evidencia tal comparação já na primeira carta que enviou à sua mãe, em 30 de agosto de 1844, quando de sua primeira permanência em São Paulo: “Segunda-feira fui a um baile dado pelo Sr. Souza Queiroz. Todas as salas estavam com lustre, o ar embalsamado de mil cheiros tanto de flores como de essências, mas contudo São Paulo nunca será como o Rio.” (AZEVEDO, 1976, p. 35).

Em 1849, essa comparação explícita aparece novamente em carta de Álvares de Azevedo enviada à sua mãe em 12 de junho, quando cursava o segundo ano de Direito em São Paulo e tinha, então, 17 anos de idade:

Enquanto no Rio reluzem esses bailes a *mil e uma noites*, com toda a sua magia de fulgências e luzes, por aqui arrasta-se o narcótico e cínico baile da Concórdia Paulistana.

Nunca vi lugar tão insípido, como hoje está S. Paulo – nunca vi coisa mais tediosa e mais inspiradora de spleen – se fosse eu só que o pensasse, dir-se-ia que seria moléstia – mas todos pensam assim – A vida aqui é um bocejar infinito.

Nem há passeios que entretenham, nem bailes, nem sociedades – parece isto uma cidade de mortos – não há nem uma cara bonita em janelas, só rugosas caretas desdentadas – e o silêncio das ruas só é quebrado pelo ruído das bestas sapateando no *ladrilho* das ruas.

Esse silêncio convida mais ao sono que ao estudo – enlanguesce, e entorpece a imaginação e pode-se dizer que a vida aqui é um sono perpétuo.

Passam-se dias e dias sem que eu saia de casa – mas que hei de fazer? As calçadas não consentem que um par de calos – como os meus – possam andar vagando pelas ruas – Fico em casa, e contudo por isso não estudo mais do que quando no ano passado eu ia todas as noites conversar em alguma casa de família, ou num baile.

Estudo sempre, contudo – porém é como a martelo, é unicamente à força de vontade. (AZEVEDO, 1976, p. 110, grifos do original)

Assim, ser considerada uma cidade sem opções de divertimento, tediosa, ou efervescente com múltiplas opções, dependia da referência adotada. A versão dos estudantes sobre a cidade, “formou uma imagem negativa da vida em São Paulo, transmitida em suas cartas e outros escritos” (CAMPOS, 2004a, p. 257), para a qual contribuiu também as versões dos viajantes e a historiografia, que não criticou essas fontes.

No caso de Álvares de Azevedo, especificamente, essa sua visão da cidade talvez se deva ainda, a um estado de espírito a que ele se entregava eventualmente, coisa típica dos

românticos da época. Pois mesmo quando estava na corte e participava dos divertimentos que lá havia, o tédio era o sentimento que se sobressaía.

Além disso, ficar em casa e se privar das sociabilidades e dos divertimentos era uma escolha do poeta, mesmo quando estava no Rio, onde o motivo não poderia ser outro, já que falta de opções de divertimento não poderia ser. Em carta escrita, quando passava férias na corte em 1850, ao amigo Luís Antônio da Silva Nunes, diz Álvares de Azevedo:

Ontem estive numa *soirée*. Nada aí, como sempre, me diverti. Quando o tédio vem de dentro, não é o sorrir dos bailes que possa adoça-lo. Quando a mágoa é funda e erma, quando o coração ressicou, não é o banho de fogo nem um olhar que possa revivê-lo.

(...)

O meu viver solitário, fechado só no meu quarto, o mais das vezes *lendo sem ler*, escrevendo sem ver o que escrevo, cismando sem saber o que cismo... (AZEVEDO, 1976, p. 147, 148, grifos do original)

Além do mais, em todas as cartas que o poeta escreveu à sua mãe entre agosto de 1844 e fevereiro de 1845, primeiro período em que esteve em São Paulo, há referências a divertimentos de que participou: baile, jantar, passeio de domingo, chá em casa de amigos, procissão. Nas cartas da época de sua segunda permanência em São Paulo, também há referências constantes a divertimentos.

Nestas últimas, Álvares de Azevedo diz das apresentações da Filarmônica a que assistia, das procissões de que participava, dos bailes da *Concórdia Paulistana* que frequentava somente se seus pares de dança, as belas, ricas e aristocráticas moças estivessem presentes, dos bailes particulares em casa de amigos e conhecidos, das *soirées*, festas, da caçada, do teatro, e do jantar de que tomou parte (AZEVEDO, 1976).

Deste modo, a afirmação com a qual a matéria do *Correio Paulistano* é iniciada, de que *A nossa capital acha-se atualmente invadida por uma multidão de divertimentos*, somada aos demais indícios já aqui apresentados, são indicativos de que tais trabalhos e fontes precisam ser considerados com vagar quando o assunto são os divertimentos da São Paulo do século XIX. É um indício também de que não apenas os divertimentos, mas toda a dinâmica da cidade nesse período precisam ser melhor compreendidos.

Essa matéria do incógnito “Um velho”, é também mais uma prescrição dos divertimentos, que demonstra uma certa moralidade, que indica o que é bom e é feito pelos que são bons, *pela melhor sociedade*, pelos que tem melhor gosto e *mais rígido e severo pensar*, e indica o que é imoral, *origem de males*, que traz como consequência *a sensibilidade afetada*, e que se destina a *imaginações mais fracas* e aos *perversos*.

Depois de associar divertimentos bons a pessoas boas, e divertimentos ruins a pessoas também ruins, o autor interroga seus leitores: *Que digamos homens sensatos qual deve ser o preferido, e felizmente é, senão o teatro?* O autor sabe, no entanto, que os gostos, as preferências são variadas em São Paulo, que os paulistanos escolhem os divertimentos que melhor lhes convém, que lhes agrada, e então ele diz: *Entretanto, como já o dissemos há divergência de paladares e o povo dissemina-se sempre, pelos diferentes divertimentos que se matam mutuamente.*

O autor deixa evidente, deste modo, que não havia uma São Paulo monolítica, com valores, sensibilidades e gostos únicos. Pelo contrário, havia *divergência de paladares*, e era de acordo com essas divergências e preferências que os paulistanos se avaliavam uns aos outros, e determinavam a posição de cada um na escala social. Foi justamente o que fez o autor da matéria, ele classificou os paulistanos em dois grupos distintos a partir do julgamento que fez das sensibilidades que possuíam.

Apesar de considerar os diferentes gostos dos paulistanos, nosso interlocutor acredita que o teatro é o divertimento que prevalecerá, pois ele é o melhor. O teatro *ilustra, moraliza e instrui; recebe a educação nas obras concebidas pelas inteligências privilegiadas e transmite-as cheias de vida aos seus espectadores.*

1.5 Um conceito, quatro palavras

As palavras diversão, passatempo, divertimento e recreação foram usadas pelos paulistanos com um mesmo significado, para dizer de um conjunto de atividades culturais que tinham em comum um mesmo sentido, e que eram informadas por uma mesma estrutura de sentimentos e intencionalidades.

Apesar de mobilizadas com diferentes intensidades ao longo do período, houve um padrão na ocorrência dessas palavras. O único período temporal em que todas elas foram usadas sem interrupção e ao mesmo tempo, foi nos anos finais do período, entre 1862 e 1867. E nesse padrão de mobilização, um fato mais se destaca: divertimento teve uma intensidade de uso muito expressiva em relação às demais palavras.

Esse padrão é indicativo de dois fatos sociais distintos. O primeiro diz respeito a uma melhor elaboração do conceito, do ponto de vista linguístico, que passa a estar melhor articulado às palavras. Se antes o conceito existia e as palavras também, eles não estavam tão fixos entre si. O conceito não estava tão preso aos símbolos linguísticos que o expressavam e,

por isso, eles não eram tão mobilizados. Quando ocorreu uma melhor fixação do conceito aos vocábulos, seus usos se generalizaram.

Esses dados também indicam a existência de uma disputa entre os vocábulos. A constância da presença da palavra passatempo ao longo do período, indica a sua força nessa disputa. Mas o conceito a essa altura, já estava compreendido e articulado de modo indissociável ao vocábulo divertimento, já precisava dele para se materializar linguisticamente. Daí a generalização do uso de tal palavra para expressar o conceito, em detrimento das demais.

O vocábulo divertimento é o que expressa o conceito, e é dele indissociável no período estudado. O significado do conceito só pode ser compreendido por meio dessa palavra, pois ela reuni em si mesma diferentes sentidos, que sem ela não podem ser compreendidos. Não foram raras as ocasiões em que as demais palavras foram empregadas, e que foi necessário o uso simultâneo de divertimento, como sinônimo, para que o significado do que se queria dizer, fosse devidamente expresso e compreendido.

Atividades muito diversas, a leitura, os jogos, a conversação, o entrudo, os bailes e o teatro, possuíam um mesmo sentido para os paulistanos, era com uma mesma intenção que eles as procuravam, a de se divertir. Alegria, prazer, regozijo, sociabilidade, encontro, eram esses os sentidos dessas atividades, que possuíam uma natureza em comum, o divertimento.

À medida que a cidade se dinamizava, foram surgindo instituições que tinham também essa natureza, que ofereciam atividades cuja função era divertir. Era o início da gestação de um mercado de divertimentos na capital paulista. Ele era expressão de uma cidade mais dinâmica econômica e culturalmente.

As opções de atividades e espaços de divertimento, que eram pagos, se ampliavam, e repercutiam nos jornais, já que eles eram usados para divulgar tais empreendimentos, eram um meio de propaganda. Essa dinâmica, também ajuda a explicar a maior ocorrência das palavras ligadas ao conceito de divertimento a partir de 1862.

Houve disputas em torno da função dos divertimentos. As elites desejavam deliberadamente utilizá-los para educar os paulistanos, tornando-os civilizados e educados aos moldes europeus. Para tanto, algumas práticas se mostravam mais adequadas, e por isso eram incentivadas, a principal delas foi o teatro.

As camadas populares, por outro lado, não compartilhavam tal desejo. A sua não adesão às atividades indicadas pelas elites, e sua adesão às atividades por elas repudiadas, o demonstram. O que os populares queriam era se divertir, sem se preocupar com normas, valores ou prescrições. Queriam dar ânimo à sua própria vida, e à vida da cidade.

O que não significa que não houvesse membros das elites que pouco se importavam em educar através dos divertimentos, e que as camadas populares carecessem de qualquer valor moral quando o assunto era esse. Se havia membros das elites que se divertiam falando mal da vida alheia, e eram censurados, como vimos, havia populares que frequentavam o teatro (AZEVEDO, 2000, p. 178), e que possivelmente concordavam que os divertimentos precisavam se adequar à ideia de civilidade.

Portanto, as atividades de que diziam o conceito de divertimento podiam ser consideradas boas e adequadas ou inadequadas e desagradáveis, dependia do olhar e do projeto de mundo de quem as avaliava. Divertimentos que eram úteis a alguns projetos de cidade e de país eram, por isso, indesejáveis a outros.

Os divertimentos foram disputados por esses projetos de mundo na cidade de São Paulo, foram entendidos como dimensão importante da constituição da ordem e da dinâmica da cidade por todos eles, de modos diferentes. Se se queria uma cidade e um país republicanos, alguns divertimentos eram adequados, enquanto outros eram inadequados; se o projeto era a manutenção da monarquia, o mesmo se aplica; se o projeto era o de uma cidade civilizada, também havia divertimentos que eram apropriados e outros que eram inapropriados. Tudo dependia de onde se queria chegar e do olhar que se tinha sobre tais práticas.

O conceito de divertimento da capital paulista entre os anos 1828 e 1867, não sofreu alteração ou variação, seu significado manteve-se o mesmo. O que houve, nos anos finais de tal período, a partir de 1862, foi uma melhor fixação do conceito ao vocábulo que o expressava, o que permitiu que seus usos se generalizassem.

Portanto, o conceito de divertimento se referia a certas atividades culturais, às quais certos sentidos eram conferidos. Essas atividades eram variadas, incluíam jogos, bailes, teatro, leitura, conversas, mas eram unidas pelos sentidos e sentimentos em comum que possuíam. Elas alegravam, davam prazer, eram agradáveis, enfim, elas divertiam.

Houve julgamento de valor em torno dos divertimentos paulistanos, ao longo de todo o período. A moralidade da cidade se viu contraposta, num primeiro momento, pelos estudantes da Faculdade de Direito e suas diversões perturbadoras. Esse conflito provocou mudanças na cidade, e trouxe mais divertimentos. Mais tarde, os paulistanos foram contrapostos, por eles mesmos, aos divertimentos europeus tidos como civilizados.

São Paulo passava por uma mudança de sensibilidade frente aos divertimentos, mudança devida à busca pela civilização e modernidade. Essas *maravilhas* europeias orientavam os gostos, e determinavam quais divertimentos deviam ser abolidos do cotidiano

paulistano e quais deviam dele fazer parte. Nada disso, entretanto, modificou a natureza mesma do conceito de divertimento. O que era belo, agradável, prazeroso e alegre estava a ele ligado. Ele se opunha ao que era sério, sisudo, e causava aborrecimento. O conceito de divertimento continuava dizendo de um conjunto de atividades que alegrava, dava prazer, causava regozijo.

CAPÍTULO 2

A FIXAÇÃO DO CONCEITO A UMA PALAVRA (1868-1889)

Este capítulo possui exatamente a mesma organização, e os mesmos objetivos do capítulo anterior. O que muda, é o recorte temporal a que ele se dedica. A partir de 1868, temos uma São Paulo bastante diversa da que tínhamos até então. A chegada das ferrovias, somada ao desenvolvimento da cultura do café na província, modificou decisivamente a vida paulistana.

A partir de então, as transformações só aumentaram e ganharam velocidade. As mudanças foram tantas e tão marcantes, que fala-se em uma segunda fundação de São Paulo na década de 1870 (PAULA, 1954; MORSE, 1970). Mudanças nos meios de transporte, no volume de capitais circulante, no crescimento da população e da imigração, na forma de iluminação e calçamento das ruas da cidade, no cuidado com o espaço urbano, nos comportamentos, na mentalidade e sensibilidade, na economia, no comércio, na agricultura.

Os divertimentos eram a cidade, e por isso dela diziam. Eles seguiam os ritmos de desenvolvimento de São Paulo, a sua dinâmica, na mesma medida em que a constituíam e contribuíam com o seu desenvolvimento. Se a cidade se modificava, acontecia o mesmo com os divertimentos, se ela se conformava, se conformavam também os divertimentos. Deste modo, dizer das diversões, compreendê-las, é compreender a cidade, pois elas a revelam.

2.1 A disputa entre as palavras

Entre 1868 e 1889, temos uma avalanche de mobilizações das palavras recreação, diversão, passatempo, divertimento e lazer. Enquanto no intervalo de quarenta anos, compreendido entre 1828 e 1867, estudado no capítulo anterior, essas palavras foram mobilizadas 518 vezes nos jornais paulistanos, no período subsequente aqui focalizado (1868-1889), de vinte e dois anos, essas mesmas palavras foram usadas 955 vezes em tais jornais.

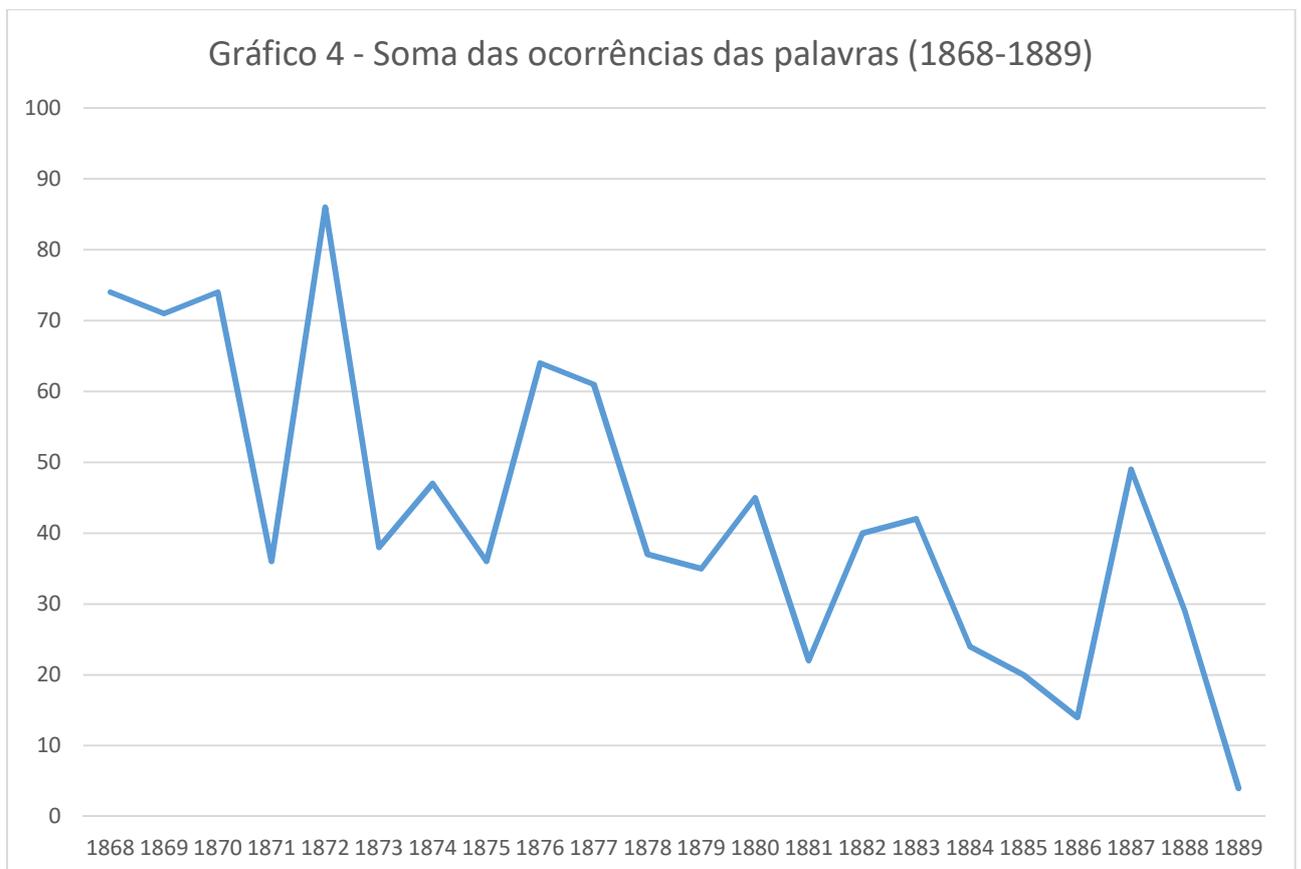
No primeiro período, temos uma média anual de 12,95 ocorrências desses vocábulos, e no segundo período essa média é de 43,4, ou seja, uma média mais de três vezes maior. Em termos percentuais, o crescimento da média anual do segundo período em relação ao primeiro é de 43,10%.

É um crescimento considerável, iniciado em 1862, conforme visto no capítulo anterior, que se deve à melhor elaboração e fixação do conceito às palavras que o expressavam. Trata-se do desenvolvimento do processo de articulação linguística do conceito,

que foi o que possibilitou que seus usos se generalizassem. Essa fixação do conceito às palavras, permitiu que quando o conceito fosse evocado, essas palavras fossem mobilizadas. Quanto mais articulada estava essa relação conceito-palavra, mais ocorrências das palavras que expressavam o conceito são encontradas nas fontes.

O gráfico abaixo demonstra como esses 955 usos das palavras lazer, divertimento, diversão, recreação e passatempo estão distribuídos ao longo dos anos. Crescimentos no emprego desses termos, são imediatamente sucedidos por quedas, sem uma tendência definida. No entanto, após o ano de 1872 os crescimentos nunca mais voltaram a atingir os mesmos patamares que atingiram até então. As quedas fizeram com que as mobilizações das palavras atingissem níveis cada vez menores. Foram 87 usos das palavras em 1872, um recorde jamais alcançado nos demais anos, tanto anteriores quanto posteriores. Portanto, apesar das oscilações ao longo do período, a partir de 1872 o que houve foi queda na mobilização das palavras.

Vejamos o gráfico que expressa tais oscilações:



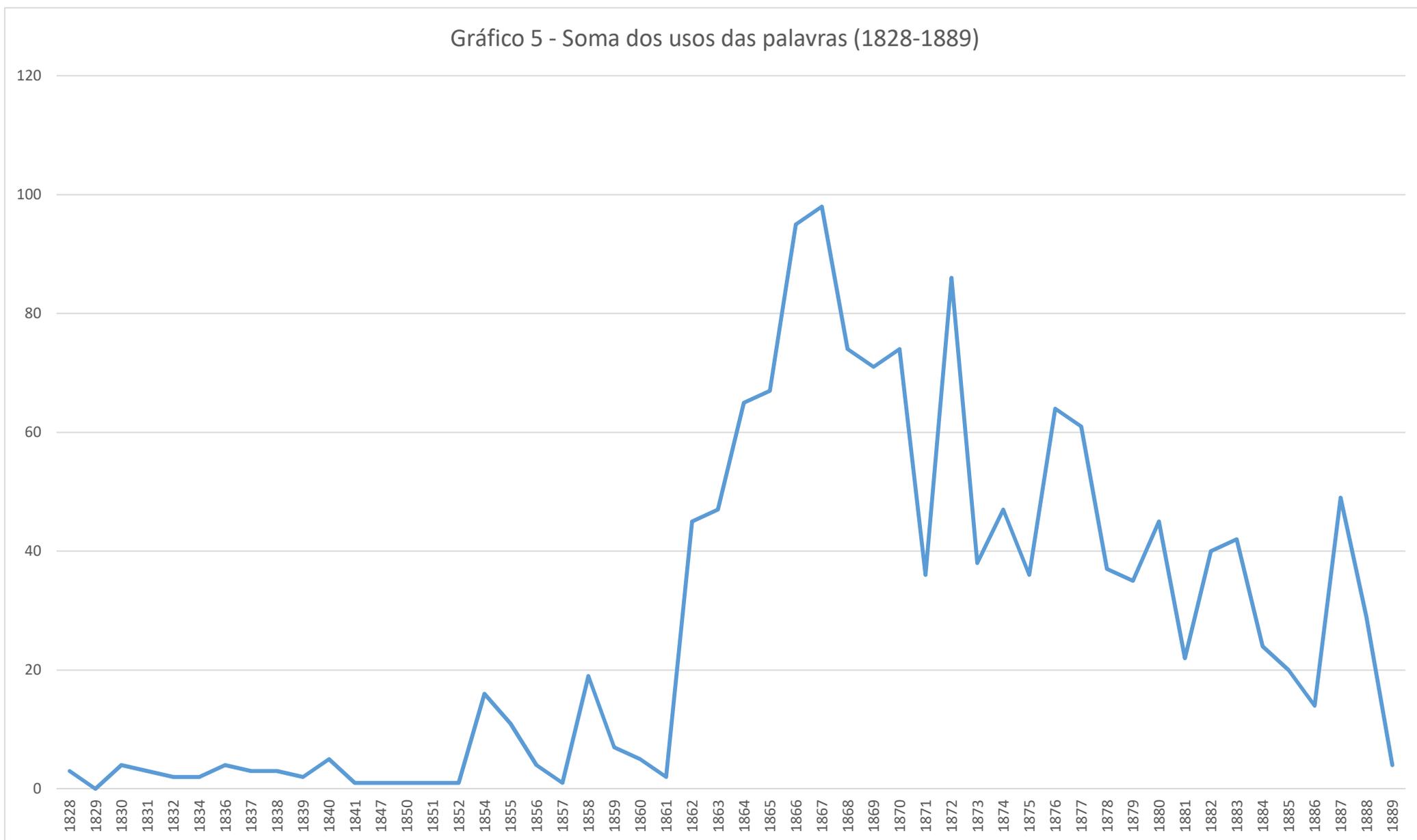
Fonte: Jornais da capital paulista

A partir de 1862, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, a quantidade de mobilizações dos vocábulos é sempre superior à quantidade do período anterior a essa data, com exceção dos anos 1886 e 1889¹⁰³, em que houve grande queda na quantidade dessas mobilizações. Excetuando-se esses dois momentos, os usos das palavras que expressavam o conceito de divertimento aumentaram ao longo do tempo. Ainda que tenha havido oscilações nos níveis de uso, eles foram sempre superiores ao período anterior a 1862.

O gráfico a seguir demonstra esses usos ao longo de todo o período investigado nessa pesquisa (1828-1889), e nos permite perceber tais variações, bem como o crescimento do emprego das palavras, que se deu a partir da década de 1860:

¹⁰³ A queda das mobilizações das palavras no ano de 1889, pode ser explicada pela indisponibilidade na Hemeroteca Digital, de alguns dos jornais investigados em tal ano.

Gráfico 5 - Soma dos usos das palavras (1828-1889)

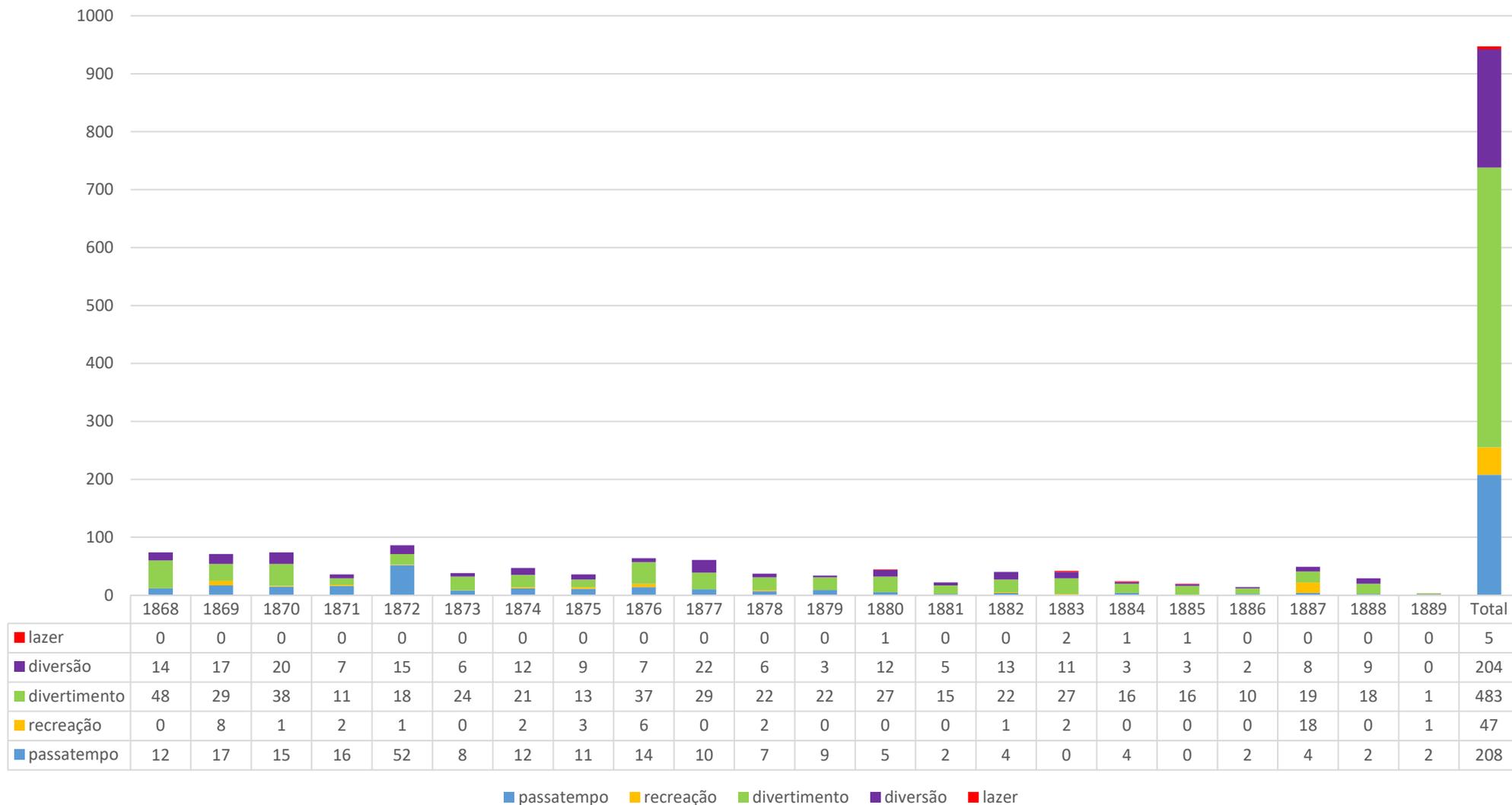


Fonte: Jornais Paulistanos

O crescimento da mobilização dos vocábulos recreação, passatempo, diversão, lazer e divertimento se deu a partir do momento em que eles estavam mais fixos ao seu conteúdo, ao que designavam, ou seja, ao seu significado. Significado esse que não é aquele definido pelos dicionários, mas aquele definido justamente pelos usos que dele fizeram os paulistanos entre 1868 e 1889. Quando mobilizavam essas palavras a que conjunto de atividades, sentimentos e mentalidades eles se referiam? Responder essa questão será o objetivo das próximas seções desse capítulo, e é o que nos permitirá conhecer o conceito de divertimento vigente naquele momento.

Essas cinco palavras usadas nos jornais da capital paulista permaneceram sendo sinônimas, tal qual eram no período tratado no capítulo anterior. Todas elas diziam do conceito de divertimento, o expressavam. No entanto, elas não foram mobilizadas na mesma medida. Se para uns era uma dessas palavras que cumpria melhor essa função, de nomear o conceito, para outros a palavra mais adequada era outra. Vejamos como se deram os usos de cada uma dessas palavras através do gráfico abaixo:

Gráfico 6 - Ocorrência das palavras (1868-1889)



Fonte: Jornais Paulistanos

A palavra *lazer* possuiu o menor número de ocorrências. Número esse inexpressivo quando comparado ao das demais palavras. Foram apenas cinco ocorrências, uma em 1880, duas em 1883, uma em 1884 e outra em 1885. Essa pequena expressividade no uso de tal vocábulo, se deu também no período tratado no capítulo anterior, em que houve apenas um uso dessa palavra. Apesar de no período aqui abordado ter havido um aumento desses usos, *lazer* permanece sendo o símbolo linguístico menos usado.

Com presença um pouco mais significativa, *recreação* foi usada nos jornais paulistanos 47 vezes. Ocupa o penúltimo lugar em número total de ocorrências, e também na constância de seus usos, pois ela se fez ausente em dez dos vinte e dois anos investigados. A intensidade de seus usos também foi baixa. Na maior parte dos anos foram apenas uma ou duas mobilizações.

Diversão aparece em terceiro lugar em número de ocorrências, com 204 mobilizações. Esteve ausente nos jornais paulistanos em apenas um ano, o último do período investigado, 1889¹⁰⁴, sendo portanto, constante sua presença. A intensidade dessa presença, no entanto, foi irregular, sendo mais forte nos anos iniciais e oscilando na maior parte do tempo, sem uma tendência de crescimento ou queda definida.

Quando comparada ao período estudado no capítulo anterior, entretanto, a intensidade de uso do vocábulo *diversão* sofreu considerável aumento, pois saltou de 60 para 204 mobilizações. O que significa que sua média anual de usos subiu de 1,5 para 9,2. Se nesse primeiro período (1828-1867), as mobilizações da palavra *diversão* equivaliam a quase um quinto dos usos de *divertimento*, agora (1868-1889) os usos de *diversão* equivalem a aproximadamente a metade dos usos da palavra *divertimento*. O que indica que a palavra *diversão* foi ganhando espaço, foi sendo incorporada ao vocabulário dos paulistanos.

O termo *passatempo* esteve ausente em dois anos do período pesquisado. Possui uma frequência de usos mais intensa nos primeiros anos, e depois segue caindo com pequenas oscilações. Foi o segundo vocábulo mais mobilizado, com 208 ocorrências. Apesar da constância de sua presença, a força de sua intensidade diminuiu ao longo do tempo. Quando comparado ao período anterior, houve aumento na sua média anual de uso, que quase triplicou, passando de 3,3 para 9,4.

Divertimento foi a palavra mais mobilizada, com 483 ocorrências, e foi a única presente em todos os anos investigados. Seus usos foram constantes e intensos ao longo de todo o período. A exceção foi o ano de 1889, em que houve apenas uma mobilização desse

¹⁰⁴ Tal ausência pode ser explicada pela falta na Hemeroteca, de alguns dos jornais investigados no ano de 1889.

termo¹⁰⁵. A intensidade de seus usos oscilou durante todo o período, mas esteve sempre acima da intensidade de uso de todas as demais palavras, com exceção dos anos 1871 e 1872, em que *passatempo* foi a palavra mais mobilizada. A média anual de seus usos saltou de 7,4 para 21,9.

A disputa entre os termos, já presente no período 1828-1867, se mantém aqui. Mas a fixação do conceito ao vocábulo *divertimento*, ficou ainda mais forte, pois 50,6% da evocação desse conceito ganhou materialidade linguística através de tal termo. A associação e a indissociabilidade entre o conceito e esse termo ficaram mais fortes, evidenciando que ele foi o vencedor da disputa. Os paulistanos compreendiam que a palavra *divertimento* era a que melhor expressava o conceito, e que era dele inseparável.

O uso das palavras *lazer*, *recreação*, *passatempo* e *diversão* simultaneamente ao uso de *divertimento*, como sinônimas, em uma mesma frase, diálogo ou anúncio, explicita que o significado do conceito era melhor compreendido através dessa última palavra. Seu uso se fazia necessário para que o conceito fosse melhor comunicado. Portanto, o conceito se prendeu ao termo *divertimento*, fazendo com que um não pudesse ser compreendido sem o outro.

2.2 Um conjunto de atividades culturais

A associação da recreação à educação escolar, está presente nos jornais paulistanos desde, pelo menos, 1871. Diz-se da “hora da recreação”¹⁰⁶, da “recreação posterior ao lunch”¹⁰⁷ ou do “espaço para recreação”¹⁰⁸ nas escolas. Não se diz, entretanto, exatamente do que se tratava, de como esse tempo era organizado ou das atividades nele desenvolvidas.

Além da recreação presente no cotidiano escolar, havia também a recreação de dias festivos para os alunos e alunas. Por ocasião de uma *festa escolar* da *Escola Americana*, ocorrida em uma chácara, “Correu o dia em diversões recreativas apropriadas à infância.” Houve cânticos, “a recitação de poesias escolhidas por meninos e meninas”, “a distribuição de

¹⁰⁵ Conforme já mencionado, a falta de jornais na Hemeroteca no ano de 1889, ajuda a explicar essa pequena ocorrência das palavras.

¹⁰⁶ Diário de S. Paulo, 7 de novembro de 1871, p. 3.

¹⁰⁷ Correio Paulistano, 14 de junho de 1872, p. 2.

¹⁰⁸ Correio Paulistano, 22 de setembro de 1887, p. 3.

prêmios”, e refeição. “Era geral, íntimo e fecundo o prazer que a todos os circunstantes inspirava aquela doce, singela e ao mesmo tempo séria e soleníssima recreação infantil.”¹⁰⁹

A descrição da festa, publicada no noticiário do *Correio Paulistano*, tenta construir a ideia de que apesar de prazerosa, a recreação escolar era também séria. Se o momento era de festa, prazer, e sentimentos amenos, não era, por isso, descompromissado ou desordeiro, mas ao contrário, era momento sério e solene. A recitação de poesias e o canto, eram atividades que compunham a programação, proporcionando prazer aos participantes.

A recreação também aparece associada a espaços, que eram a ela destinados, como os jardins. Um hotel de Itu e outro de Santos, que anunciaram seus serviços no *Correio Paulistano*, nos anos 1874, 1875 e 1876, diziam possuir “elegante jardim para recreação de todos os Sres. viajantes”¹¹⁰. O jardim se constituía em “verdadeira e magnífica recreação para os senhores viajantes”¹¹¹. Não era necessário haver qualquer atividade nesse espaço, ele mesmo, o jardim, se constituía na recreação, pois permitia a apreciação do belo da natureza, a contemplação e os passeios ao ar livre. Desde que, é claro, fosse o jardim bonito e elegante.

O funcionamento das ferrovias *São Paulo Railway*, que ligava Santos a Jundiaí passando por São Paulo, inaugurada em 1867, e a *Sorocabana*, que conectava São Paulo a Sorocaba, inaugurada em 1875, ambas convergindo para a capital paulista, como todas as demais ferrovias da província viriam a fazer, provocou o crescimento do movimento de viajantes no interior da província e na capital. Era a esses viajantes que se destinavam os anúncios dos hotéis.

Tais anúncios são, deste modo, indicadores da nova dinâmica da cidade, impressa pelo funcionamento desse novo meio de transporte, que fez crescer o movimento de viajantes. Essa dinâmica se estabelecia na relação com a construção de uma nova mentalidade paulistana, que já não via com más olhos aqueles que se hospedavam em hotéis, como acontecia até o início da década de 1850 (MORSE, 1970, p. 140), e que já não via como necessária a exigência de cartas de apresentação para receber os hóspedes, como era habitual até meados do século (BRUNO, 1954, pp. 672 e 693).

Já se compreendia, a essa altura, serem os hotéis necessários à São Paulo em gestação, bem como necessárias as modificações na forma de gerir esses estabelecimentos. E assim, a cidade foi abandonando seus traços provincianos de pouco tempo atrás, e vendo sem tantos preconceitos tais estabelecimentos, bem como seus frequentadores. Atentos a tudo isso,

¹⁰⁹ *Correio Paulistano*, 7 de junho de 1878, p. 1.

¹¹⁰ *Correio Paulistano*, 21 de dezembro de 1875, p. 3.

¹¹¹ *Correio Paulistano*, 27 de maio de 1874, p. 3.

os estrangeiros se tornaram especialistas e empresários do ramo hoteleiro, que passou a crescer. Enquanto em 1857 a capital paulista possuía seis hotéis, em 1863 esse número já havia dobrado (MORSE, 1970, p. 179).

O hábito dos paulistanos de se divertir em jardins vinha desde, pelo menos, 1825, quando foi inaugurado o Jardim Público, inicialmente chamado de Jardim Botânico. Trata-se do atual Parque da Luz, que teve suas dimensões reduzidas na década de 1860, devido a construção da Estação Ferroviária de mesmo nome (TOLEDO, 2003, p. 362; BRUNO, 1954, p. 535). Já as elites da cidade, mais especificamente, possuíam seus próprios jardins em suas residências, desde tempos anteriores. Não era, portanto, desconhecido dos paulistanos tal espaço de divertimento. Há pelo menos meio século, eles estavam familiarizados aos jardins.

Um desses jardins particulares, do senhor ou senhora “C.F.”, autor do *Folhetim* do *Diário de S. Paulo*, foi objeto de tal coluna em novembro de 1871. O folhetinista tentava explicar o motivo de suas ausências na coluna domingueira, já que não vinha escrevendo sobre os divertimentos da cidade. “Deixando a pena a um canto, a tinta a evaporar-se, mudei de rumo, em demanda de um horizonte mais risonho, mais saudável.”, diz ele, que explica que horizonte era esse:

E, na verdade, ao levantar-se o sol, vou visitar meu jardim.

Ali destaca-se um cravo branco, acolá uma rosa, todos borrifados do orvalho matutino; mais adiante, uma roseira pendendo ao peso das flores; ao pé, a baunilha, aquém um jasmim do cabo transpirando perfumes... Oh! como é aprazível, delicioso, esse **passatempo** que nos oferecem as flores!

Tudo ali é encantador, vivificante! A própria aranha, os insetos que se aninham entre os cravos e as violetas, tem outro garbo, outra perspectiva.

(...)

Dirijo-me a uma rosa e, com efusão, sorvo os seus odores; chego-me a outra flor, faço o mesmo, e assim percorro todo o jardim até que a aproximação das horas do trabalho cotidiano, ou a ardência do sol, não mais permitem-me continuar nesse dileto *devaneio*.

Assim tem sido o meu viver de tempos a esta parte; e nesse aprazível e incessante **passatempo**, em que tenho abstraído-me dessas coisas a que está sempre assestado o *olho-vivo* do público, dessa entidade que nos perscruta os passos e as intenções, o tempo há corrido, sem que mais desse cópia de mim aos meus *fregueses domingueiros*, o que agora estou fazendo, como uma justificação...¹¹²

O folhetinista trocou a escrita no *Folhetim*, e todo o trabalho que ela demandava, de acompanhar os acontecimentos da cidade, por visitar e cuidar de seu jardim. O que era, segundo ele, passatempo tão aprazível e delicioso, que o fazia se ausentar das páginas

¹¹² Diário de S. Paulo, 12 de novembro de 1871, p. 1, grifos em negrito são meus, em itálico são da fonte.

do jornal e também *das praças e dos clubes*. Apreciar as flores, seus cheiros, os insetos do jardim, passear por ele, devanear, só eram atividades interrompidas quando a obrigação do trabalho, ou o sofrimento causado pelo sol o impediam de continuar.

Havia um outro trabalho, no entanto, que fazia parte do passatempo, que o compunha, tanto quanto o apreciar ou o passear pelo jardim:

Dediquei-me de corpo e alma ao cultivo das flores: tornei-me jardineiro! A pequena área, em que trago a longos sorvos o inebriante perfume de minhas flores, tenho empregado toda a solícitude, toda a dedicação.

(...)

Então, qual médico ante o enfermo, examino de uma a uma todas as plantas mudadas e operadas na véspera; inspeciono-as com o carinho paternal, aplicando-lhe o refrigerante e santo bálsamo com que o céu mimoseia a face da terra e a cujo efeito se levantam reverdecidas e cheias de vida.

As explicações do folhetinista permitem entrever elementos definidores do que seria, então, passatempo. Permite perceber um conjunto de sentimentos que em torno dele existia, bem como sua relação com o trabalho, ora contendo-o, ora a ele opondo-se.

Dez anos depois das explicações de “C. F.”, o Jardim da Luz ainda era, no entanto, o *único passeio público para diversão do povo paulistano*, e se encontrava, apesar dos investimentos pouco antes nele realizados, em mal estado:

Vossa excelência, que decerto já passeou pelo jardim público, havia ver que existe nos fundos do mesmo grande terreno sem cultivo algum, não estando nem ao menos limpo, servindo apenas de vivenda aos jararacuços, que ali abundam em grande quantidade.

(...)

Vossa excelência notou sem dúvida que o nosso antigo jardim botânico passou por grande modificação e obteve alguns melhoramentos, com quanto ainda exista ali a tal vivenda dos jararacuços de que acima falei. Mas com a despesa ordinária que ali se faz e com a extraordinária que se fez na administração do antecessor de vossa excelência, aquele lugar de **recreio** poderia e deveria estar melhor.¹¹³

Apesar do questionável estado de conservação do Jardim Público, explicitado pelo sincero autor da crítica acima – que, certo da gravidade de suas afirmações, assina apenas como *A verdade* –, o jardim não apenas ainda existia em 1881, como investimentos continuavam sendo nele feitos pelo governo da província.

As palavras usadas para nomear esse espaço foram tanto divertimento, quanto passatempo, diversão e recreação. Até mesmo lazer, foi palavra usada para classificar tal espaço, pelo presidente da província, Manuel Felizardo de Sousa e Melo, em 1844:

¹¹³ Correio Paulistano, 3 de maio de 1881, p. 2, grifo meu.

Traçado sobre um terreno vasto e perfeitamente regular, com aprazíveis aleias de árvores frutíferas e uma profusão de outras árvores tanto nativas quanto exóticas, e apresentando uma grande variedade de arbustos e de flores, o Jardim Público oferece aos habitantes de nossa cidade um lugar de **lazer**, onde eles aprendem a dar valor a todas as belezas da natureza (SÃO PAULO, 1844, grifo meu).

Figura 5 – Jardim Público em 1887



Fonte: Foto de Militão Augusto de Azevedo.

Lugar de passeio, de recreio, onde bandas de música proporcionavam “momentos de aprazível diversão”¹¹⁴, preenchendo “de modo tão útil as horas vagas”¹¹⁵, “um passatempo, a que por certo não se há de recusar o público”¹¹⁶, onde havia “divertimento em que tomam parte o homem peixe e a ondina”, onde apresentou-se “pela primeira vez ao público, o rei do fogo”¹¹⁷, e realizou-se a tradicional festa nacional francesa do 14 de julho, organizada pela

¹¹⁴ Diário de S. Paulo, 1 de setembro de 1872, p. 2.

¹¹⁵ O Ypiranga, 13 de junho de 1869, p. 2.

¹¹⁶ Diário de S. Paulo, 6 de janeiro de 1872, p. 2.

¹¹⁷ Correio Paulistano, 12 de janeiro de 1879, p. 2.

colônia francesa da capital¹¹⁸. Mas primordialmente, o Jardim Público de São Paulo era lugar onde se podia ver e ser visto mais de perto:

A noite a concorrência foi ainda maior, graças ao brilhante luar que fez.

Seria impossível descrever em uma ligeira notícia, e nesta seção, o que foi a noite de domingo, no passeio público.

Só o que desejamos é que continue, ao menos aos domingos, a concorrência a tão agradável lugar, onde nos podemos ver uns aos outros – mais de perto – e a toque de música.

Pois não é isto tão delicioso?

Que entre em moda esta **diversão**, é o nosso desejo, e que fiquem em casa os que não gostam do belo e até do próximo.¹¹⁹

O Jardim Público de São Paulo era reconhecido pelos próprios paulistanos daquele tempo, como um espaço de divertimento. Quanto mais cheio de pessoas ele estivesse, maior seria o divertimento que proporcionaria àqueles que gostavam de ver e ser vistos. Essa era uma moda daqueles tempos, que se constituía também em um divertimento e acabava por gerar algumas necessidades impossíveis de serem atendidas por aqueles de menos posses.

O investimento nas roupas e adornos era um imperativo para aqueles que frequentavam espaços de sociabilidade, o que acabava por deles excluir uma parcela nada pequena da população da capital. A sociedade paulistana era “muito desigual, hierarquizada ao extremo e com elevado índice de concentração de riqueza” (DIAS, 1995, p. 192). Desde o século XVII, havia na cidade a presença maciça de mulheres sós de maridos ausentes, que eram chefes de família, e viviam de seus próprios trabalhos¹²⁰, eram pobres. Essas mulheres eram chefes de 40% dos fogos da cidade em 1808, de aproximadamente 40% em 1822, e de 36% em 1836 (DIAS, 1995, p. 30).

Mesmo no final do século, quando a cidade crescia e enriquecia velozmente, as desigualdades continuavam imensas, ao contrário das possibilidades de melhoria das condições de vida dos pobres, ou do acesso por eles às camadas superiores da ordem social. Alzira Campos (2004b, p. 20) afirma que:

¹¹⁸ Correio Paulistano, 11 de julho de 1884, p. 4; Correio Paulistano, 12 de julho de 1884, p. 4; Correio Paulistano, 16 de julho de 1884, p. 3; Correio Paulistano, 19 de julho de 1884, p. 4; Correio Paulistano, 20 de julho de 1884, p. 4.

¹¹⁹ Diário de S. Paulo, 19 de fevereiro de 1878, p. 3, grifo meu.

¹²⁰ Essas mulheres exerciam ofícios pouco valorizados na sociedade paulistana daquela época. Eram costureiras, engomadeiras, lavadeiras, quitandeiras, fiadeiras, jornaleiras, tropeiras, padeiras, roceiras (DIAS, 1995).

No âmbito do sistema econômico, configurava-se uma estrutura produtiva fechada, que fornecia poucos acessos e aberturas. Tal fato significou que boa parte da população viu-se obrigada a competir com a mão-de-obra escrava, sobrevivendo precariamente, numa situação de subemprego, com remuneração intermitente e submetida a ocupações aleatórias.

Uma reclamação registrada por um sócio da *Sociedade Concórdia Paulistana*, evidencia o quão problemática poderia ser, para os pobres, a exibição de luxos nos momentos de diversão:

Sr. redator, entrei para a sociedade Concórdia, porque diziam-me que era uma sociedade familiar sem luxo, sem aparato, e só para **divertimento** dos sócios que fazendo uma só família, reuniam-se uma vez por mês para **recrearem-se**.

Ora, todos nós sabemos quanto custa frequentar sociedades hoje em S. Paulo, principalmente quem tem mulher e filhos. Como porém me asseveraram que na Concórdia Familiar eram expressamente proibidas as sedas, as joias e as luvas, verbas todas estas elevadíssimas para os pais de família, acedi a entrar para esta nova sociedade.

Qual não foi, porém, Sr. redator, o meu desapontamento quando entrando noite de sábado na casa onde se dava a partida da Concórdia, vi algumas senhoras cobertas de seda e brilhantes, com finíssimas luvas Jouvin! Fiquei furioso assim como minha Eva, e mais prole, que todas tinham ido com seus vestidinhos de 6\$rs., sem luvas nem adereços. Ora, uma sociedade familiar não é lugar para se ostentar riqueza, porque ofende e faz pouco nos outros, que não tem a felicidade de agarrarem boas empresas, que não tem lucros fabulosos, podendo por essa razão gastarem a grande.

Os sócios que cumpriram à risca os estatutos fizeram uma triste figura ao lado da riqueza de certos toilletes.

(...)

Na partida do mês que vem não pretendo comparecer, para não fazer figura triste com a minha família, vestida modestamente; mas indagarei a ver se continua o abuso que aponteí, e se assim acontecer riscar-me-ei imediatamente.¹²¹

Tinha razão o indignado sócio do clube, os que se vestiam mal eram mesmo objeto de chacota nos espaços de divertimento em São Paulo. O folhetinista do *Correio* evidenciava o hábito da observação recíproca no teatro, que demandava até mesmo o uso de binóculos, e zombava de como se vestiam os pobres que se aventuravam por esse espaço:

Tem-se visto nos espetáculos surgir tipos estranhos, desconhecidos, caras de olhar estatelado e boca aberta, chapéus antideluvianos, flores de podim em cabelos rebeldes, vestidos de ramagens vermelhas, lenços com água de colônia, redes contendo fitinhas verdes, tranças cheirando a holandês, macassar e Ricino, chinelos de vaqueta e corda; gravatas multicores e toda esta gente que veio, chegou e ali acotovela-nos, revela a transformação que se vai apossando até as derradeiras classes.

(...)

¹²¹ Correio Paulistano, 22 de outubro de 1872, p. 2, grifo meu.

O contraste de quem a binoculo examina satisfeito, a elegância, o luxo, a opulência que hoje desdobram os camarotes, e passa a observar atento a esquisita variedade que abriga as torrinhãs e penumbras do salão, tem forçosamente feito já uma **diversão** agradável.¹²²

Evidencia-se aí, que por mais que a frequência ao teatro fosse incentivada a todos, indistintamente, e que muitas vezes esse incentivo se direcionasse, especificamente, às camadas populares, já que o teatro era tido como forma de educá-las, sua presença em tal espaço perturbava e era objeto de chacota. Isso se dava não apenas devido às vestimentas, ornamentos e cheiros que tal público usava e exalava, mas também devido aos seus modos de se comportar: *Caras de olhar estatelado e boca aberta*, de uma gente que *chegou e ali acotovelá-nos*.

O estranhamento e o incômodo provocados pela chegada ao teatro dessa gente *esquisita* das *derradeiras classes*, naqueles que ocupavam os camarotes, serviam para o divertimento destes últimos. Certamente era esse o receio do sócio da *Concórdia*, de que ele e sua família servissem de divertimento àqueles que exibiam suas riquezas nos bailes.

Mas apesar de o antigo presidente da província ter usado a palavra *lazer* para se referir ao Jardim Público, as atividades a que estiveram ligadas as raras ocorrências de tal palavra, encontradas nos jornais paulistanos, não dizem respeito a esse espaço ou às atividades nele desenvolvidas. Dizem respeito a atividades outras: à leitura, à escrita, aos estudos e às belas artes.

Além disso, dos cinco usos do vocábulo *lazer* encontrados, três se deram na seção *Folhetim*, em traduções de romances-folhetins franceses, e um quarto uso está presente na seção *Variedades*, em que se encontra a tradução de um livro francês, que foi publicado em partes, a cada edição do jornal. Apenas um emprego da palavra *lazer* não é fruto de traduções.

O original francês do romance-folhetim *Les drames de la vie*, cuja tradução foi publicada no *Correio Paulistano*, usa a palavra francesa *loisirs*: “A la dernière heure il s’était décidé tout a coup à accompagner sa femme en Bretagne. Aucune affaire importante ne le retenait à Paris pour le moment et les travaux de la Chambre lui laissant quelques loisirs, il avait pensé qu’il pouvait se donner huit jours de repos.” (RICHEBOURG, 1884, p. 6).

Trata-se da produção de um dos folhetinistas franceses de maior projeção no século XIX, Émile de Richebourg (NADAF, 2009, p. 2), cuja tradução, de autoria não informada pelo *Correio Paulistano*, e por ele publicada na edição de 13 de fevereiro de 1885 (p. 1), é a seguinte: “Tinha resolvido, à última hora, acompanhar a mulher à Bretanha.

¹²² Correio Paulistano, 26 de outubro de 1879, p. 1, grifo meu.

Nenhum negócio importante o obrigava a ficar em Paris, e como os trabalhos da Câmara deixavam-lhe algum lazer, julgou poder tirar oito dias de folga.”

É, portanto, a tradução literal da palavra *loisirs* (que está no plural), para lazer (no singular). De acordo com o *Dictionnaire de la langue française* do século XIX, de Émile Littré (1873, p. 338), a palavra *loisir* possuía três acepções possíveis. A primeira diz de um “Estado em que nos é permitido fazer o que quisermos.” A segunda, se refere a um “Espaço de tempo necessário para fazer alguma coisa ao seu bem-estar.” E a última definição diz de um “Tempo que resta disponível depois das ocupações.”¹²³

Pelo contexto apresentado no romance-folhetim, *loisirs* foi usada com essa última acepção, para indicar que o trabalho da personagem permitia-lhe algum tempo livre para viajar com a esposa. Deste modo, a palavra lazer aqui, neste folhetim, não compõe o campo semântico do conceito de divertimento.

As outras duas aparições do vocábulo lazer em folhetins, se deram em uma mesma obra, *As duas irmãs*, do famoso folhetinista francês Xavier de Montépin. Trata-se da versão portuguesa do original francês *Simone et Marie*, publicado no mesmo ano na França e em São Paulo, 1883.

Na edição do dia 27 de junho de 1883, o *Correio Paulistano* (p. 1) publicou uma pequena parte do volume II de tal romance, em que se encontra o trecho: “Preferia os gostos artísticos a todos os outros, e consagrava à cultura das belas artes as suas horas de lazer.” No original francês, o trecho é o seguinte: “Il préférerait les jouissances artistiques à toutes les autres, et c’est à la culture des beaux-arts qu’il consacrait ses heures de loisir.” (MONTÉPIN, 1883, p. 8).

Falava-se aí, de um jovem homem muito inteligente, que aos dezenove anos já havia conquistado o diploma de Direito, e que, ao contrário dos seus colegas, não se via atraído pela boemia. Ele não frequentava cafés, cervejarias ou bailes. Preferia os prazeres (*les jouissances*) proporcionados pelas belas artes. Parece que aqui, nesse caso, lazer pertence ao campo semântico dos divertimentos, pois se refere a atividades que proporcionavam prazer, e que por isso são escolhidas para as *horas de lazer*.

A aparição seguinte do vocábulo lazer, se dá em trecho da mesma obra, *Duas irmãs*, publicado no *Folhetim* de 21 de outubro de 1883 do *Correio* (p. 1): “Nos meus momentos de lazer estudei um pouco medicina, especialmente a toxicologia...”. No original francês, no entanto, fala-se em tempo livre, e não em lazer: “Je me suis occupé quelque peu

¹²³ Traduções livres.

de médecine à mes moments perdus, surtout au point de vue toxicologique.” (MONTÉPIN, 1883, p. 66).

Esse é o único caso, dentre as três traduções de romance-folhetim, em que a palavra lazer aparece sem que no original francês estivesse presente o vocábulo *loisir*. O sentido de lazer aqui, que pode ser apreendido do original, é o de tempo livre (*moments perdus*). Portanto, nesse caso, o vocábulo lazer não compõe o campo semântico do conceito de divertimento.

Na seção *Variedades* da edição de 29 de abril de 1880 do *Correio Paulistano* (p. 1), foi publicizada parte da tradução de um livro, cujo original também é francês. Trata-se do *Le Portugal: à vol d’oiseau*, da polêmica Princesa Rattazzi, onde se lê: “As letras foram o encanto das horas de lazer para o tempo do rei Diniz e de seu filho natural, D. Pedro, conde de Barcellos.”

Não foi possível encontrar o original francês de tal obra e, assim, conhecer a origem do uso do vocábulo lazer pelo tradutor. Ele simplesmente traduziu literalmente o termo *loisir* para lazer, ou interpretou o texto e concluiu que essa era a melhor palavra para expressar em português o que a autora dizia? O contexto da história traduzida, não deixa claro o sentido atribuído a tal termo. Tanto tempo livre, quanto divertimento são compreensões possíveis.

A única aparição da palavra lazer, que não é originária de traduções do francês é a que se deu na resposta de um advogado a um ex-escrivão, na *Seção Livre* do *Correio Paulistano*. Esses senhores estavam discutindo nas páginas do jornal, através de cartas que um e outro enviavam, sobre uma querela de trabalho envolvendo a ambos. Apesar de serem conhecidos os nomes de tais senhores, através das assinaturas que deixaram nas cartas, não foi possível encontrar qualquer outra informação sobre eles.

O advogado, por entender ser inútil a continuidade do debate, já que o público, segundo ele, já possuía os elementos necessários para julgar quem estava com a razão, escreve: “Pode o senhor escrivão aproveitar, a seu sabor, os lazeres de sua honrosa profissão, divertindo-se pela imprensa.”¹²⁴

Para o advogado, escrever aos jornais não seria mais uma forma de resolver um desentendimento, de discuti-lo, seria um divertimento. Era assim que o ex-escrivão deveria aproveitar seus lazeres, de acordo com a indicação do advogado. Divertimento aqui, parece ser uma forma de aproveitar o lazer. Os *lazerres da profissão*, conforme escreve nosso

¹²⁴ Correio Paulistano, 24 de agosto de 1884, p. 2.

interlocutor, parece indicar o tempo livre que o ofício de escrivão deixava a quem o exercia. Uma única ocorrência dessa natureza é, no entanto, muito pouco para permitir qualquer conclusão a respeito do significado e das relações entre lazer e divertimento no contexto analisado.

O que podemos concluir, entretanto, é que a palavra lazer não era comumente usada nos jornais, e não fazia parte do vocabulário cotidiano dos paulistanos. Quase a totalidade de suas poucas aparições, se deve a traduções do francês para o português, em que a palavra *loisir* foi traduzida literalmente para lazer. Um único emprego de tal vocábulo foge a esse esquema, e se deu de modo espontâneo, sem a baliza de um texto estrangeiro. Foi em um diálogo entre dois paulistanos ou, no mínimo, entre dois moradores da capital paulista.

Não é possível dizer, portanto, que lazer era um termo comum para os paulistanos, ou que compusesse o seu vocabulário cotidiano. E tão pouco é possível afirmar que tal palavra possuísse o mesmo significado que o termo divertimento, ou que pertencesse ao léxico semântico de tal conceito. O que é inegável, entretanto, é que relações entre divertimento, lazer e tempo livre já podiam ser aí percebidas, ainda que não seja possível demarcar exatamente que relações eram essas, devido ao número reduzido de ocorrências dessas relações, bem como a grande presença de traduções.

O que também pode ser afirmado, é que a língua francesa exercia influência importante sobre os usos da palavra lazer em São Paulo, pois quase a totalidade de suas aparições são derivadas de tal idioma. Somente em 1884 surge uma ocorrência que não era diretamente proveniente do francês.

Apesar de não muito recorrente, escrever foi atividade identificada não apenas como lazer, no caso da discussão entre o escrivão e o advogado, mas também como passatempo¹²⁵ e como divertimento¹²⁶. Escrever para jornais, escrever romances e literatura de modo geral, além de escrever músicas, foram passatempos presentes nos jornais das décadas de 1860, 1870 e 1880.

Houve um conjunto de outras atividades, até então ausente nos jornais da capital paulista, que surge já englobado pelo conceito de divertimento. O tiro ao alvo, a corrida a pé, as corridas de cavalos, o críquete, a esgrima, a ginástica, a luta, a natação, a patinação, a equitação e as regatas compõem esse conjunto de atividades, que não surgem já denominadas

¹²⁵ Correio Paulistano, 27 de abril de 1869, p. 2; Correio Paulistano, 26 de fevereiro de 1870, p. 3; Correio Paulistano, 18 de setembro de 1872, p. 1; Correio Paulistano, 3 de abril de 1873, p. 2; Correio Paulistano, 27 de abril de 1876, p. 1; A Evolução, 30 de junho de 1879, p. 48; Correio Paulistano, 22 de fevereiro de 1887, p. 2.

¹²⁶ Correio Paulistano, 10 de novembro de 1870, p. 2.

de esporte, mas sim de passatempo, divertimento, diversão e recreio. Elas eram tidas como agradáveis¹²⁷ e prazerosas¹²⁸, alegres¹²⁹, belas¹³⁰, animadas¹³¹, apazíveis¹³², a causa de entusiasmo e delírio¹³³, possibilidades de distração¹³⁴.

Em 1868, são encontradas as primeiras presenças do tiro ao alvo e das regatas nos jornais paulistanos, compreendidas como divertimentos. Foi constituído um clube de tiro na capital¹³⁵, e as regatas aconteciam no porto de Santos, para onde se dirigia grande quantidade de paulistanos, transportada pelos horários especiais do trem, criados “afim de conduzir aqueles que desejarem tomar parte neste gênero de recreio.”¹³⁶

Havia ainda, redução no preço dos bilhetes de trem para o trajeto São Paulo-Santos-São Paulo nos dias de regatas, “Afim de facilitar ao respeitável público o poder assistir e abrilhantar este divertimento”¹³⁷. A chegada do trem facilitou também o acesso dos paulistanos a um outro *gênero de divertimento*, as corridas de cavalo realizadas em hipódromos.

Se os *amantes de tal divertimento* precisavam, em 1874, ir à capital do império para nele tomar parte¹³⁸, fazendo obrigatoriamente parte do trajeto, quando não todo ele, em mulas, em 1876 eles já eram transportados de trem, em uma curta viagem dentro de sua própria província, para o *Hipódromo da Mooca*, que fora inaugurado em 22 de outubro de tal ano:

Mudaram-se porém os tempos e as corridas da Mooca são o **divertimento** mais apreciado dos paulistas.

Com ansiedade é esperado pela população o dia marcado para as corridas, e chegado ele, desde cedo, enche-se a estação da Luz de passageiros dirigindo-se à Mooca.

¹²⁷ Correio Paulistano, 12 de fevereiro de 1874, p. 2; Correio Paulistano, 10 de agosto de 1872, p. 1.

¹²⁸ Correio Paulistano, 8 de novembro de 1872, p. 2.

¹²⁹ Correio Paulistano, 22 de junho de 1880, p. 2; A Constituinte, 29 de janeiro de 1880, p. 3.

¹³⁰ A Constituinte, 5 de junho de 1880, p. 1.

¹³¹ Correio Paulistano, 10 de agosto de 1872, p. 1; A Constituinte, 29 de janeiro de 1880, p. 3; Correio Paulistano, 22 de outubro de 1878, p. 2.

¹³² Correio Paulistano, 16 de maio de 1878, p. 1.

¹³³ Correio Paulistano, 11 de abril de 1875, p. 3.

¹³⁴ Correio Paulistano, 27 de março de 1884, p. 3.

¹³⁵ Correio Paulistano, 1 de abril de 1868, p. 3.

¹³⁶ O Ypiranga, 2 de junho de 1868, p. 3.

¹³⁷ Correio Paulistano, 11 de agosto de 1868, p. 4; Correio Paulistano, 12 de agosto de 1868, p. 4; Correio Paulistano, 14 de agosto de 1868, p. 4.

¹³⁸ As corridas da corte eram anunciadas na capital paulista, com o objetivo deliberado de fazer com que os paulistanos delas participassem: “Jockey Club do Rio de Janeiro – Pedem-nos para noticiar que no dia 26 deste mês haverá no Prado Fluminense da capital do império grandes corridas de possantes cavalos nascidos no Brasil e estrangeiros. (...) A notícia que damos tem por fim tornar conhecido nesta província aos amantes de tal divertimento, o dia em que o mesmo deverá ter lugar, ficando assim avisado os que desejarem participar dele.” (Correio Paulistano, 5 de julho de 1874, p. 1).

Depois de dar e apanhar alguns murros, com o fim de comprar um bilhete, encaixasse um pobre homem no vagão, onde vai muito apertado, quando, não tem de ir em pé e ceder o seu lugar, a alguma senhora.

Durante o trajeto, que felizmente é curto, versa a conversação sobre a corrida, os corredores, e as apostas.¹³⁹

Portanto, o trem não era a única novidade na capital paulista naqueles tempos. Aliás, àquela altura esse meio de transporte já estava presente na cidade há pelo menos dez anos. A novidade agora, eram os diferentes divertimentos que surgiam a todo momento na capital. Nada melhor do que uma novidade, para afastar os paulistanos da velha São Paulo, e aproximá-los da modernidade e do progresso (MELO, SANTOS, 2017).

Além do surgimento, em 1868, de “um novo exercício nesta cidade, o de atirar com pistola ao alvo”, para o qual constituiu-se uma sociedade¹⁴⁰, em 1878 surgiram as corridas a pé. Elas eram realizadas no mesmo *espetáculo* e no mesmo lugar, em que aconteciam as corridas de cavalos e as touradas. As corridas a pé eram o “lindo e novo divertimento”, a “grande novidade”¹⁴¹. O mesmo, no entanto, foi dito da patinação, quando de sua chegada à cidade, em 1877¹⁴², e das atrações que constantemente eram incluídas nos seus espetáculos¹⁴³.

As corridas de cavalo, no entanto, dentre todas essas atividades esportivas, foi a mais associada ao conceito de divertimento. E no conjunto de todas as atividades englobadas por tal conceito, ela foi a quarta prática mais considerada como divertimento pelos paulistanos, conforme demonstra o gráfico abaixo:

¹³⁹ Correio Paulistano, 16 de maio de 1878, p. 1, grifo meu.

¹⁴⁰ Correio Paulistano, 1 de abril de 1868, p. 3.

¹⁴¹ Correio Paulistano, 15 de novembro de 1878, p. 3.

¹⁴² A Província de S. Paulo, 27 de outubro de 1877, p. 3.

¹⁴³ A primeira grande novidade incluída na patinação foi o espetáculo-concerto, que se deu em outubro de 1877. Em seguida vieram as patinações a fantasia, no mesmo ano, que foram seguidas por outras novidades conforme estudo de Melo e Santos (2017).

As corridas de cavalo foram identificadas como divertimento sessenta e três vezes nos jornais de São Paulo. Foram chamadas de diversão, passatempo e divertimento. Em matéria que faz um retrospecto dessa atividade, a partir das parelhas, que eram um tipo de corrida de cavalos que antecedeu os hipódromos, elas foram chamadas de divertimento várias vezes e também de passatempo:

O Macaco é um cavalinho preto, bonito, parecendo ter algum sangue árabe nas veias.

O Macaco é do tempo antigo. Não morre sem bons vinte anos. É do tempo da quadra e meia, em que haviam mil bandalheiras na raia, em que aquele que se entregava a este nobre **passatempo**, tinha de lidar com velhacos e mentirosos.

(...)

Como é belo este **divertimento**! Tão belo que apesar da péssima companhia, os homens bons não podiam eximir-se de correr, ou ao menos de assistir as parelhas de dantes!

O gosto está em nosso sangue. É o maior que existe. Não há **divertimento** mais popular, que reúna mais povo, e dos mais agastados lugares, e em que haja mais animação e alegria. Não é um gosto trazido de fora, antes inato em nosso povo, que há séculos abala-se para ir assistir a parelhas, e acode mais aos cavalinhos e parelhas de que a toda outra festa.

Era belo um dia de parelha. O povo acudia de toda a parte. O entusiasmo era imenso.

(...)

Havia calor, entusiasmo, loucura neste **divertimento**, o mais popular no sul do império.

Hoje, sem perder a beleza, tornou-se mais imponente, e afastou as tricas e velhacadas.

Agora, não só os homens que tomam parte no nobre **divertimento**; as senhoras a ele assistem e duplicam a sua beleza e imponência.¹⁴⁴

A matéria permite ainda, perceber os sentimentos ligados “a este gênero de diversão”¹⁴⁵. Animação, alegria, entusiasmo e beleza estavam presentes e identificavam as corridas de cavalos, eram suas características. Quando da inauguração do *Hipódromo Paulistano*, os anúncios preveniam “aos amadores deste gênero de divertimento que em princípios daquele mês, haverá 3 corridas”¹⁴⁶, e também convidava “os Sres. amadores deste divertimento a virem inscrever seus cavalos para as seguintes corridas”¹⁴⁷.

Se na década anterior a companhia ferroviária *The São Paulo Railway Company* facilitava a ida dos paulistanos à Santos, para assistir às regatas, agora que o hipódromo havia

¹⁴⁴ A Constituinte, 29 de janeiro de 1880, p. 3, grifos meus.

¹⁴⁵ Correio Paulistano, 11 de junho de 1887, p. 1.

¹⁴⁶ Correio Paulistano, 28 de junho de 1876, p. 3.

¹⁴⁷ Correio Paulistano, 17 de setembro de 1876, p. 4.

sido inaugurado na Mooca, e os paulistanos contavam com corridas de cavalo em sua própria cidade, “As companhias da estrada de ferro Inglesa e do Norte, assim como a de bondes facilitam muito o transporte para esse divertimento”¹⁴⁸.

As diversões alteravam o funcionamento dos meios de transportes em São Paulo, no que se refere aos horários, linhas e preços, desde, pelo menos, as regatas realizadas em Santos, em 1868. Mais tarde, a criação do primeiro rinque de patinação na cidade, em 1877, provocou essas mesmas alterações no funcionamento do transporte urbano (MELO, SANTOS, 2017).

Os que não modificavam seus preços ou horários em função dos divertimentos, eram os carros de aluguel. Surgidos na cidade como um serviço regular de transporte em agosto de 1865, por iniciativa do italiano Donato Severino (GALLOTTA, 2004, p. 619), a partir de setembro de 1876 tais serviços anunciaram que não ofereceriam qualquer desconto ou alteração de horários “Nas noites de espetáculo ou qualquer divertimento público”¹⁴⁹. Independentemente da realização de qualquer divertimento, os preços dos carros de aluguel seriam os mesmos durante todo o horário de funcionamento do serviço, entre as seis horas da manhã e as dez horas da noite.

Não foi possível saber se antes de 1876 os chamados tálburis, ofereciam qualquer facilidade aos seus usuários por ocasião dos divertimentos. Por serem o tipo de transporte mais antigo da cidade – depois dos muares e das próprias pernas dos paulistanos, é claro –, provavelmente eles não precisavam ter os seus serviços barateados para conquistar passageiros, e tão pouco precisavam criar o hábito entre os moradores da cidade de se deslocar usando tais veículos, já que todos os conheciam, e neles confiavam.

Os trens, estes sim precisavam cativar os paulistanos, conquistá-los como bem lembra o redator do *Correio Paulistano*:

O anúncio da próxima regata em Santos sugere-nos a lembrança de instar com os diretores da via férrea para que, a propósito dessa festa, facilitem ao público o trânsito da linha abatendo o preço das passagens.

Consta-nos, que o digno engenheiro fiscal do governo, Sr. Dr. Firmo, não é contrário ao fato, e mais por esta razão acreditamos, que não serão as nossas observações postas em conta de importunas.

O abatimento da passagem nas estradas de ferro, por motivos tais, é uso frequentíssimo em toda parte; uso de máximo proveito para todos, e portanto muito de ser posto em prática entre nós.

¹⁴⁸ Correio Paulistano, 3 de dezembro de 1876, p. 1.

¹⁴⁹ Correio Paulistano, 14 de setembro de 1876, p. 2.

Não é difícil provar que as vantagens de tal medida são gerais e para todos.

Se o público recebe um favor, porque nisso encontra fácil aberta para uma **diversão** pouco dispendiosa e muitíssimo aprazível, é esse um favor que traz em si a própria recompensa, um favor que dá lucros, *favor à inglesa*, como diriam os mal entendidos que afirmam ser o coração britânico mera ficção horaciana.

Com habituar-se o nosso público a viajar pela estrada de ferro, a pouco e pouco ir-se-ão extinguindo os costumes sedentários e caseiros de nossas famílias; Santos e Jundiaí ganharão os foros de arrabaldes da capital; os habitantes das três cidades formarão um só núcleo, uma só família; e na proporção das vantagens alcançadas por esse aconchego de sociabilidade, crescerá o préstimo e a receita da linha férrea, que atualmente está ainda bem longe de semelhante desiderato.¹⁵⁰

Ainda que causasse fascinação e entusiasmo, que remetesse a cidade à modernidade e ao progresso, e que se constituísse para alguns como uma possibilidade de diversão, o trem não caiu no gosto de todos, não tão rapidamente. Era preciso construir o hábito entre os paulistanos de viajar de trem, convencê-los a usar esse serviço. Segundo o redator do *Correio*, todos ganhariam com a construção desse hábito, tanto os moradores da cidade, que se tornariam menos caseiros e viajariam mais pelas cidades das redondezas, quanto as companhias de trens, que teriam seus lucros aumentados.

Essa necessidade de convencimento, e de construção do hábito de se descolar por meio das ferrovias fica evidente no trecho abaixo:

O meu programa de viagem estava roto; a grata perspectiva desta **diversão**, que se me apresentava tão bela, ficava desbotada pelo pernicioso efeito daquela ilusão da vista ao passarmos pelas casarias do Braz.

Como se não bastassem as decepções que eu já até ali contava em avultado número, ainda ficaria sem ver arvores, céu, florestas ribeirões e casas de habitações campestres alvejarem ao longe! Tudo isto se me apresentava aos olhos, semelhante a uma bela paisagem, que o pincel o mais hábil e caprichoso estendesse em uma tela, e algum louco ou um emulo viesse depois com uma esponja confundir os traços, e desbotar as cores das tintas mal fixadas.

Dantes, quando viajávamos, tínhamos liberdade de refrear o corcel, e nos **recrear** com a contemplação das variedades agrestes do caminho; parávamos à sombra grata de uma árvore à beira da estrada, ou pedíamos fogo ou água nas vendolas que encontrávamos, e iludíamos assim o calor e o cansaço.

Éramos então homens, viajantes: agora, na estrada de ferro, nossa autonomia desapareceu, deixando-nos apenas a liberdade do encarcerado, e reduzindo-nos a qualquer coisa, como uma saca de café, sem diferença alguma deste gênero de exportação, se não na presunção da vaidade, defeitos, os mais perigosos de nossa imperfeita organização. Para o trem era impossível; pretendermos sair do vagão seria loucura.¹⁵¹

¹⁵⁰ Correio Paulistano, 7 de junho de 1868, p. 1.

¹⁵¹ O Ypiranga, 20 de dezembro de 1867, p. 1, grifo meu.

Viajar de trem, era muito diferente de viajar à cavalo ou em mulas, como era comum na São Paulo daquele tempo. Os ritmos e velocidades da viagem eram muito diversos, bem como as possibilidades de ver, observar, conversar, interagir com o ambiente e com as pessoas. O viajante que se deslocava de trem, não tinha a possibilidade de parar para observar essa ou aquela coisa, para apreciar algo belo que porventura encontrasse no caminho, ao contrário daquele que viajava à cavalo.

Mas o fato é que o costume de viajar de trem foi se firmando, pois houve considerável aumento do número de viajantes ao longo dos anos. Em 1870, a *Companhia São Paulo-Railway* transportou 75.399 passageiros, em 1880 esse número passou para 130.584, e em 1890 foram transportadas 422.355 pessoas (MORSE, 1970, p. 229). Apesar de tal linha férrea ligar Santos a Jundiaí, ela passava por São Paulo, onde contava com a Estação da Luz para embarques e desembarques. Portanto, por mais que tais números não digam apenas dos paulistanos, dizem também deles, que estão aí incluídos.

Ainda que pouquíssimo recorrente, viajar foi atividade englobada pelo conceito de divertimento. Chamadas de passatempo, diversão e recreio, as viagens eram realizadas em barcos¹⁵² e trens¹⁵³, e às vezes contavam com atrativos a mais como música e jogos.

Atividade considerada como divertimento quase tanto quanto as corridas de cavalo, foi o teatro. Só não foi denominado de recreação. Todas as demais palavras, diversão, passatempo e divertimento, foram usadas pelos paulistanos para designar essa atividade. O prestígio gozado por ela entre a elite paulistana vem de tempos precedentes, conforme visto no capítulo anterior, assim como sua classificação como *gênero de divertimento*. Ela continuou, entre 1868 e 1889, a ser considerada como o melhor divertimento, o mais honesto e útil pelas elites paulistanas.

No entanto, apesar da dinamização do teatro provocada pela fundação do *Instituto Dramático* e da *Revista Dramática* pelos estudantes da Faculdade de Direito na década de 1860, o processo de diversificação das possibilidades de divertimento que ocorria em São Paulo já no final de tal década, contribuiu para que o teatro continuasse sofrendo com a ausência de público, e também com as más condições de algumas das edificações que abrigavam tal arte.

As péssimas condições do *Teatro São Paulo*, localizado no pátio do colégio, foram denunciadas por um folhetinista:

¹⁵² Correio Paulistano, 27 de outubro de 1872, p. 1.

¹⁵³ Diário de S. Paulo, 29 de agosto de 1875, p. 2.

O nosso teatro, (...) é um casarão cheio de buracos por onde se perdem os sons dos instrumentos, por melhores que sejam, e ainda quando executados com maestria.
(...)

Isto se deu outrora com a rabeça sublime de Paulo Julien, e há pouco tempo com o piano maravilhoso de Arthur Napoleão, e a clarineta inspirada de Raphael Croner.

É o nosso teatro uma espécie de casa em ruínas, um pardieiro abandonado, onde o vento esfuzia e a chuva entra por todos os lados! No entanto, o progresso da arte dramática entre nós, a necessidade de uma **diversão** honesta para o público, e mil outras razões que oferecessem assunto para uma história longa como a dissertação de um calouro, pediam mais zelo de quem quer que seja o responsável por aquela excomunhão de pedra e cal lançada contra o bom gosto dos paulistas.¹⁵⁴

O motivo desse mal estado de conservação do Teatro São Paulo, segundo o folhetinista, não é outro senão a falta de interesse dos paulistanos pelo teatro:

Mais depressa se mandaria fazer um palanque para assistir a uma congada ou se construiria um circo à romana para os cavalinhos!

Pobre São Paulo! Quando haverá juízo nesta terra, que já figurou pelas suas conquistas, pelo seu denotado, pelas suas descobertas?

Será talvez mister fazer uma importação? Se tudo quanto precisamos vem do estrangeiro?!...

Se se tratasse da estrutura física necessária a outros divertimentos, as congadas ou os cavalinhos, mais populares, nos quais não havia o problema da falta de público, a situação seria diferente, haveria investimentos rápidos. É o que pensava nosso interlocutor. Mas estes divertimentos não o interessavam, eram coisa de desajuizados. Segundo ele, os paulistanos tinham necessidade é de uma diversão honesta, que só podia ser o teatro.

O tom prescritor do texto, não deixa dúvida quanto ao julgamento de valor que o seu autor fazia dos divertimentos, bem como quanto ao subjugamento que fazia do público dessas atividades. O teatro, para ele, era melhor do que as congadas e cavalinhos, já para o público era justamente o contrário. No entanto, o gosto do público, suas preferências, pouco importavam. Elas se deviam puramente à *falta de juízo*, que deveria, então, ser importado do exterior, de acordo com o folhetinista.

Essa diferença entre os gostos da elite que escrevia nos jornais e que os lia, e o gosto da população, de forma mais ampla, se evidenciava nas críticas à falta de público nos teatros, bem como nos convites e apelos para que o público comparecesse:

¹⁵⁴ Diário de S. Paulo, 1 de novembro de 1868, p. 2, grifo meu.

Desejamos, e o esperamos, que os esforços da companhia, montando e ensaiando um drama desta ordem, sejam coroados do mais feliz êxito, isto é, que o público, concorrendo a animar a empresa, deixe, ao mesmo tempo, o proverbial indiferentismo para com as coisas teatrais, indo gozar uma noite de não vulgar **diversão**.¹⁵⁵

Cumpriu o Sr. Braga o seu compromisso; cumpra agora o público o seu afluindo ao teatro que será o melhor meio de termos sempre uma companhia excelente que nos proporcione algumas horas de **divertimento** e que tem direito uma capital civilizada como é S. Paulo.¹⁵⁶

Ainda mais enfática e dramática foi a matéria do jornal *O Trabalho*:

Vem a propósito falarmos da pouca concorrência que tem havido naquele teatro. Achamos sem razão tal procedimento do público paulistano.

Em vista os preços módicos e dos dramas exibidos, era de esperar alguma animação; entretanto, de dia para dia, diminui-se o número de apreciadores de tão útil **divertimento**.

A continuar assim, cessarão os espetáculos deste gênero, ficando certo que os artistas dramáticos, com especialidade os brasileiros, não encontram mais o apoio que nesta terra se costumava prodigalizar.

E depois, queixam-se da monotonia da capital.¹⁵⁷

Estes são indícios de que ainda era necessário convencer o público a ir ao teatro, mesmo sendo sua presença tão antiga na cidade e seus defensores tão aguerridos. Assim, ele era apresentado como “uma diversão agradável, utilíssima e civilizadora”¹⁵⁸, “verdadeira diversão”¹⁵⁹, “agradável diversão”¹⁶⁰. Mas o público parecia relutante, tinha outras preferências nos momentos de se divertir. Exemplo disso, era a superlotação dos circos equestres que sempre se dava na cidade:

Tem havido grande concorrência de amadores deste gênero de **divertimento** aos espetáculos do circo levantado no largo de S. Bento.

Até aí vai tudo bem: mas, no que não vai bem a polícia é em consentir que sejam vendidos mais bilhetes do que comporta a lotação dos frágeis andaimes do circo. Aí do perigo real que aí correm os incautos espectadores, ainda dá-se o grave inconveniente reproduzido domingo a noite de ser preciso restituir aos espectadores o dinheiro de grande quantidade de bilhetes vendidos além da referida lotação.¹⁶¹

¹⁵⁵ Diário de S. Paulo, 11 de maio de 1872, p. 3, grifo meu.

¹⁵⁶ Correio Paulistano, 16 de fevereiro de 1879, p. 2, grifos meus.

¹⁵⁷ O Trabalho, 2 de julho de 1876, p. 4, grifo meu.

¹⁵⁸ Correio Paulistano, 19 de agosto de 1873, p. 2.

¹⁵⁹ Diário de S. Paulo, 25 de setembro de 1873, p. 2.

¹⁶⁰ Correio Paulistano, 7 de junho de 1874, p. 1; Diário de S. Paulo, 26 de julho de 1874, p. 1; Correio Paulistano, 8 de novembro de 1876, p. 2.

¹⁶¹ Correio Paulistano, 5 de julho de 1881, p. 2, grifo meu.

Assim, o teatro enfrentava a concorrência de outras atividades e o gosto do público por elas. Ele não era, absolutamente, o *único divertimento* da cidade, apesar de assim ainda ser apregoadado. O circo era tido como seu grande adversário, pois reunia sempre grande número de público:

Uma grande luta, porém, vejo iniciada entre o teatro e o circo. Este, anuncia espetáculo às 6 1/2 horas da tarde, com redução de preços. Ao que parece, este espetáculo, anunciado como o último, não se pode, à vista dos autos, considerar nem como o penúltimo; e, em meu bestunto, não vejo nele nada mais do que um desafio aos *Martyres A Luva foi atirada*: vejamos, pois, quem terá a glória do golpe.¹⁶²

Para enfrentar seus adversários, o teatro investia em melhoramentos, e na resolução de problemas apontados pelo público como motivos de sua ausência:

Os esforços da companhia dramática, introduzindo o gás para maior brilho e magnificência do cenário, as enormes despesas que tem feito para montar um drama dessa ordem, creio, hão de ser honrados do mais feliz êxito; o seu arrojo, sem outro auxílio a não ser a confiança que deposita na curiosidade, única por certo que deve demover este público do seu inveterado indiferentismo, repito, não será em vão: auguro-lhe duas grandes e extraordinárias enchentes. Sejamos gente um dia! Animemos o teatro, único **divertimento** que possuímos. A razão que invocáveis para não ides ao teatro (representação de dramas já repetidos) cessou: só tem ido à cena dramas novos e soberbos. Falavas da falta de iluminação: temo-la melhorada *in partibus*, por que *in totum* é incompatível com os recursos da companhia.¹⁶³

Houve, entretanto, ocasiões em que o teatro esteve cheio, o que era tão extraordinário, tão incomum, que provocava a busca por uma explicação, uma tentativa de compreender o que se passava e que justificava essa excepcionalidade:

Ou porque o nosso público tenha especial predileção por esse gênero de **diversão**, ou porque tratava-se de ouvir música de Abdon Milanez superior à que já nos tinha proporcionado *O herói a força*, ou porque era dia da estreia da atriz Dolores Phebo, por qualquer destes motivos ou por todos reunidos, o teatro esteve completamente cheio.¹⁶⁴

O teatro era tido como um divertimento, não há dúvida sobre isso. Ao mesmo tempo em que ele divertia, alegrava e distraia, também educava de acordo com os preceitos das elites. Como as demais camadas da sociedade paulistana compreendiam o teatro, entretanto, não é possível saber exatamente, pois a voz de tais camadas não pôde ser ouvida

¹⁶² Diário de S. Paulo, 2 de junho de 1872, p. 2, grifos da fonte.

¹⁶³ Diário de S. Paulo, 2 de junho de 1872, p. 2, grifos em negrito meus, em itálico, da fonte.

¹⁶⁴ Correio Paulistano, 28 de abril de 1887, p. 2, grifos em negrito meus, em itálico, da fonte.

de modo direto nas fontes privilegiadas nesta pesquisa. Mas sua recorrente ausência nas plateias dos teatros paulistanos, é indício do lugar que entre elas esse divertimento ocupava.

Além disso, anúncios do teatro e matérias sobre ele eram dirigidos diretamente às elites, ou àqueles que se pretendiam membros dela:

Basta de cavalinhos onde o protagonista melhor é o estúpido palhaço, basta de tédio e bocejos; estendamos generosamente a mão a todo o artista digno que aportar ao Rio, e em poucas horas ele virá colher-nos dinheiro, é certo, mas teremos um **divertimento** honesto, instrutivo; um centro finalmente onde se encontre a família, onde a elite de S. Paulo prove não ser um mito, e se faça representar na luva *gris-perle*, no primor da civilidade, na educação, nos costumes, nos salões iluminados em que o espírito cintila mais que a luz, e onde a linguagem apurada estende a amena conversa.

Quanta simpatia, amizade e relações; quanto ódio esquecido, que de intrigas desfeitas; quanta alegria e prazer não engendra o bom núcleo.¹⁶⁵

As ferrovias que cortavam a capital paulista, facilitavam a presença de artistas e companhias estrangeiras em seus palcos. Não é que elas estivessem ausentes na cidade antes da chegada desse meio de transporte, mas depois da ferrovia suas presenças foram facilitadas e se tornaram, por isso, mais frequentes. O anúncio da chegada desses artistas provocava tanto frenesi, que os ingressos para os seus espetáculos esgotavam rapidamente. Mas ainda assim, era necessário que os defensores do teatro entabulassem esforços e argumentos em sua defesa, na demonstração de suas qualidades, como demonstrado no trecho acima citado.

Atividade mais recorrentemente tida como divertimento pelos paulistanos do que o teatro, foram as atividades musicais: concertos, óperas, apresentações de bandas de música, serenatas fluviais, apresentações particulares, espetáculos públicos, récitas, além da presença da música em jogos de críquete e em sessões de patinação. Foram setenta e três ocorrências em que essas atividades foram tidas como divertimento.

Os anúncios e notícias da *Sociedade de Música Euterpe Comercial* foram responsáveis por algumas dessas ocorrências do conceito de divertimento. Tratava-se de uma banda, que além de ensaiar e de realizar apresentações musicais ao público, organizava festejos carnavalescos e passeios para seus sócios, não restringindo, assim, suas atividades ao território musical.

Em 4 de novembro de 1869, o *Correio Paulistano* (p. 1, grifo meu) noticiava uma dessas atividades:

¹⁶⁵ Correio Paulistano, 8 de agosto de 1879, p. 1, grifos em negrito meu, em itálico, da fonte.

Euterpe Comercial – Esta importante banda de amadores fez no último domingo um passeio artístico à Santos, sendo a banda musical acompanhada por muitos membros da sociedade, famílias etc.

Voltou segunda-feira, sendo esplendidamente acolhida e festejada pela população santista.

É esta uma agradabilíssima e útil **diversão**, que muito concorre para o desenvolvimento do gosto artístico.

Os passeios a outras cidades era mais uma das possibilidades de divertimento, facilitadas pela chegada das ferrovias à São Paulo (TOLEDO, 2003, p. 375). A notícia nos permite perceber, que além de agradável, o passeio da banda de música era tido como útil para a educação e construção de gostos. Desejava-se educar o público para a arte musical, e a banda de música cumpria esse papel. Suas iniciativas eram, por esse motivo, elogiadas, pois “Em uma cidade de tão raras distrações, é para louvar o empenho das pessoas que formam aquela sociedade, que além de proporcionarem um divertimento ao público, preenchem de modo tão útil as suas horas vagas.”¹⁶⁶

A *Euterpe* se apresentava no Jardim Público aos domingos, e o público se organizava para prestigiá-la e se divertir: “pretendo hoje ouvir as belas sinfonias da Euterpe no jardim, onde irá à tarde, proporcionar-nos alguns momentos de aprazível diversão.”¹⁶⁷ Assim, a *Sociedade de Música Euterpe Comercial*, além de propiciar divertimento aos seus sócios, que iam aos passeios, que ensaiavam e se apresentavam ao público, também o possibilitava aos não sócios, àqueles que assistiam suas apresentações musicais nos espaços públicos da cidade.

A variedade de espaços e de circunstâncias em que havia execução de música, nos permite pensar que os gêneros musicais apreciados eram variados. Os passeios fluviais, como aqueles realizados em período anterior pelos estudantes da Faculdade de Direito (MORSE, 1970, p. 139), eram agora anunciados como um serviço, e tinham a música como um atrativo:

¹⁶⁶ O Ypiranga, 13 de junho de 1869, p. 2.

¹⁶⁷ Diário de S. Paulo, 1 de setembro de 1872, p. 2.



Correio Paulistano, 30 de março de 1884, p. 3.

A natureza artística das atividades musicais, é que as tornava tão dignas de louvores e de defesa, assim como o teatro. Diferente deste, no entanto, a música tinha como alvo não o intelecto, mas os sentimentos:

Plástica do ouvido, como com razão disseram a música também dá corpo à ideia imaterial, mas um corpo aéreo, que escapa à vista e que só percebem as inteligências apuradas. Ela comove mais do que esclarece.

(...)

A música é a arte de despertar no fundo d'alma certo número de sentimentos simples, por sons combinados entre si. O som é o que há de mais profundo e vago: daí o carácter essencialmente universal da música. A música não repugna a nenhuma forma de civilização.

O poder as vezes incomparável da música tem sua explicação na essência mesma do som e no privilégio que exclusivamente lhe pertence, de manifestar o que as criaturas têm de mais íntimo.

(...)

A música é talvez a arte cujo futuro é mais garantido, porque, de uma parte o mundo poético que ela exprime é vago e não pode ofender a razão, e de outra, o progresso dos estudos matemáticos, longe de prejudicar seu desenvolvimento, parece dever, até certo ponto essencial favorece-lo.¹⁶⁸

No entanto, não foi uma atividade de natureza artística a que mais recorrentemente foi tida como divertimento, mas sim os jogos e brincadeiras. Tentar tirar a arma da cintura de alguém fazendo cócegas¹⁶⁹, soltar papagaio¹⁷⁰, pau de sebo¹⁷¹, dar

¹⁶⁸ Correio Paulistano, 19 de abril de 1877, p. 1.

¹⁶⁹ Correio Paulistano, 19 de outubro de 1871, p. 1.

¹⁷⁰ Correio Paulistano, 6 de janeiro de 1877, p. 1.

¹⁷¹ Correio Paulistano, 16 de fevereiro de 1881, p. 2.

cambalhota¹⁷², jogo de dados, de perguntas e respostas, cartões de amor, jogo de sorte, roda do destino, jogo da conversação¹⁷³, bilhar¹⁷⁴, víspora¹⁷⁵, jogo da bola¹⁷⁶, tombolá¹⁷⁷, baralho¹⁷⁸, críquete¹⁷⁹, dominó-baralho¹⁸⁰ e jogo d'água praticado no entrudo¹⁸¹ são alguns dos jogos que figuraram como divertimentos na São Paulo da segunda metade do século XIX, entre 1868 e 1889.

Um desses jogos, o dominó-baralho, foi inventado por um francês morador de São Paulo, que mais tarde se tornaria ilustre, Jules Martin¹⁸². Tal jogo foi construído para ser um “verdadeiro passatempo em viagem de caminho de ferro, para os Srs. viajantes”. Tratava-se de jogo que “não difere do jogo de dominó ordinário, senão pela troca das pedras por cartas”, oferecendo deste modo “numerosas vantagens, não só no preço, que é menor, como na facilidade de transporte”. Mas esse jogo servia “igualmente para divertir as famílias nas longas noites de inverno”¹⁸³, anunciava seu criador e vendedor.

Estava aí, mais uma vez, o trem a modificar a vida dos paulistanos, ao criar a necessidade de um passatempo para o tempo da viagem, que não contava com as possibilidades de distração que contavam as viagens à cavalo. Não permitia que o viajante se entretencesse com o que encontrava pelo caminho, que se detivesse em observações. Era necessário, então, algo para divertir o passageiro do trem, algo que não fosse a própria viagem, fugidia, veloz.

Com presença restrita nos jornais, os escravos, que durante o século XIX correspondiam a um percentual que variou entre 18 e 25 % da população paulistana (BERTIN, 2010, p. 116), aparecem apenas nos anúncios de compra, venda, procura pelos fugidos e nas notícias de ocorrências policiais. Uma destas últimas, nos permite saber que os

¹⁷² Correio Paulistano, 8 de novembro de 1887, p. 2.

¹⁷³ Correio Paulistano, 9 de junho de 1870, p. 3; Correio Paulistano, 12 de junho de 1870, p. 4; Correio Paulistano, 19 de junho de 1870, p. 4; Correio Paulistano, 22 de junho de 1870, p. 4; Correio Paulistano, 23 de junho de 1870, p. 4.

¹⁷⁴ Correio Paulistano, 17 de novembro de 1870, p. 3; Correio Paulistano, 10 de março de 1876, p. 3; Correio Paulistano, 17 de março de 1877, p. 2.

¹⁷⁵ Correio Paulistano, 13 de fevereiro de 1872, p. 2;

¹⁷⁶ Correio Paulistano, 24 de janeiro de 1873, p. 3.

¹⁷⁷ A Constituinte, 10 de março de 1880, p. 3; Correio Paulistano, 11 de março de 1880, p. 2.

¹⁷⁸ Correio Paulistano, 13 de abril de 1880, p. 3; Diário de S. Paulo, 26 de maio de 1872, p. 3.

¹⁷⁹ Correio Paulistano, 11 de setembro de 1883, p. 1.

¹⁸⁰ Correio Paulistano, 18 de fevereiro de 1872, p. 3; Correio Paulistano, 26 de junho de 1872, p. 3; Correio Paulistano, 15 de agosto de 1872, p. 4; Correio Paulistano, 21 de novembro de 1872, p. 3.

¹⁸¹ Correio Paulistano, 13 de janeiro de 1875, p. 1.

¹⁸² Apesar de, por vezes, ser chamado de Júlio Martin nos jornais, tratava-se mesmo era do litógrafo Jules Martin, que mais tarde, em 1879, construiu o projeto do Viaduto do Chá, ficando assim famoso. As obras de construção do viaduto tiveram início dez anos mais tarde, e foram concluídas em 1892.

¹⁸³ Correio Paulistano, 18 de fevereiro de 1872, p. 3.

escravos também se divertiam jogando: “Consta-nos que na noite de domingo último foram presos 10 ou 12 escravos, que davam-se ao divertimento do jogo, acoutados em uma casa da ladeira de S. Francisco.”¹⁸⁴ A brevidade da notícia, entretanto, não nos permite conhecer qual era o jogo, e tão pouco quem eram os escravos que se divertiam jogando.

Eram constantes as proibições da Câmara, através de posturas, dos divertimentos dos escravos, dentre eles o jogo. As casas de jogo, que eram também vendas, onde eles se divertiam, eram vigiadas e até mesmo fechadas. O jogo da capoeira era proibido, bem como qualquer ajuntamento; e as festas, mesmo as religiosas, tinham sua realização dificultada com a exigência de requerimentos e licenças (DIAS, 1995, p. 163).

Enidélce Bertin (2010, p. 123) encontrou registros da realização de 58 prisões de negros livres¹⁸⁵ na cadeia da capital paulista nos anos 1853, 1854, 1855, 1859 e 1865. O motivo de 50% de tais prisões foi embriaguez, muitas vezes acompanhada de turbulência nas ruas da cidade. Cerca de 15% das prisões se deveu a furtos ou ofensas físicas, 9% se deram por suspeita de fuga e 6,8% por infração de posturas. O que chama a atenção é que 62% destas prisões se deram à noite quando, portanto, os negros já haviam cumprido seus trabalhos. Isso evidencia a vigilância à qual eles eram submetidos, todo o tempo, e não apenas quando trabalhavam, e os impedimentos que tinham para se divertir.

Segundo Maria Helena Machado (2004), os escravos da capital paulista, assim como os escravos urbanos em geral, eram controlados pelo Estado e não por seus proprietários, já que estes não dispunham de feitores, senzalas ou troncos. Isso se dava porque os proprietários urbanos possuíam poucos escravos, o que não justificava a presença desses instrumentos particulares de controle.

No caso de São Paulo, especificamente, durante o século XIX o seu proprietário típico era o de apenas um escravo (MELLO, 1990, p. 109). Escravo esse que possuía diferentes tarefas e funções, muitas vezes realizadas longe dos olhos de seus senhores, pelas ruas da cidade, que eram também “o espaço de sociabilidade por excelência” dos escravos urbanos (MACHADO, 2004, p. 72). O mesmo pode ser dito dos negros livres, que além de circularem pelas ruas para realizarem trabalhos, o faziam também para jogar capoeira, conversar, beber e encontrar amigos e parentes (BERTIN, 2010).

¹⁸⁴ Correio Paulistano, 14 de julho de 1868, p. 2.

¹⁸⁵ Os negros livres, ou africanos livres, eram aqueles que traficados ilegalmente a partir de 1831 eram liberados. No entanto, eles ficavam sob a tutela do Estado e precisavam cumprir, no mínimo, 14 anos de trabalho para depois obter a carta de emancipação. Eles trabalhavam tanto em serviço público, como nas obras públicas, na Casa de Correção, no Jardim Público, no Hospício, no Quartel, na Santa Casa, no Seminário das Educandas e no Seminário Santa Ana, quanto tinham seus serviços arrematados por particulares (BERTIN, 2010, p. 119).

Por tudo isso, a Câmara, a polícia e outros órgãos do Estado eram os responsáveis por manter o controle dos negros libertos e escravos. Era a municipalidade paulistana que corrigia e disciplinava os escravos, ainda que alguns dos meios utilizados para isso, como os castigos físicos e a prisão em calabouços, realizados por agentes da polícia e carrascos, fossem contratados e pagos pelos proprietários dos escravos. Maria Helena Machado (2004, p. 86) afirma que “A origem da assistência policial na cidade está relacionada com a busca de escravos fugidos e aquilombados, assim como o controle dos movimentos dos demais escravos em seus jogos, danças e ajuntamentos em geral.”

O bilhar era jogo presente em diferentes estabelecimentos da capital paulista. Em 1870, o dirigente do *Hotel e Bilhar Maça de Ouro* dizia ter mandado “renovar o bilhar, as bolas e os tacos, afim de que os fregueses tenham um belo divertimento”¹⁸⁶. O *Grande Café Europeu*, desde sua inauguração em março de 1873, oferecia a seus clientes “magníficos bilhares para divertimento dos apreciadores”¹⁸⁷. E o nosso já conhecido *Clube Euterpe Comercial*, ao instalar sua sede, também passou a oferecer “bilhares e outros jogos para passatempo dos sócios”¹⁸⁸.

Os maiores responsáveis pelo grande número de ocorrências do jogo nos jornais, compreendido como divertimento, foram os anúncios de venda de jogos variados, e os anúncios de estabelecimentos que os tinham como um de seus atrativos. O ano de 1872 é o recordista desse tipo de ocorrência, seguido pelo ano de 1870.

¹⁸⁶ Correio Paulistano, 20 de novembro de 1870, p. 3.

¹⁸⁷ Correio Paulistano, 10 de março de 1876, p. 3.

¹⁸⁸ Correio Paulistano, 17 de março de 1877, p. 2.

LIVROS
DE
SORTES

Para as noites de Santo Antonio
S. João, S. Pedro
(Inocentes e por preços commodos)
Novidades

Dados da fortuna modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brasileira, contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas, edição apropriada tanto á corte, como ás provincias do Imperio. Volume de 216 paginas nitidamente impresso, preço 1\$600.

Cartões de amor Jogo dialogado e em verso, entre damas e cavalheiros, para desenfado das noites de inverno. Um lindo estejo contendo 100 cartões com a competente explicação, preço 1\$600.

Jogo da conversação, bello entretenimento de disparates e acertos engraçados para **passatempo** das familias brasileiras, e que causam admiração ou provocam a hilaridade, de maneira a não poder-se estar triste, ao mesmo tempo que serve optimamente aos apaixonados, contendo 100 perguntas e 100 respostas a diferentes assumptos, em cartas nitidamente impressas. Dous estojos cartonados. 3\$000.

Cartas fatidicas, respostas infalliveis a todos os problemas da vida humana. As respostas são sempre engraçadas. Alexandre, Cesar, Annibal e Napoleão as consultarão, e a ellas deverão os seus triumphos. Com estas cartas adivinha-se a sorte de qualquer pessoa sobre seu feliz casamento, empresas, o que deve fazer, etc., etc. Um estojo contendo 100 cartões nitidamente impressos 1\$600.

Roda do destino. Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brasileiras, nas noites de fogueiras, contendo 52 perguntas de novos e interessantissimos assumptos, e 1,248 respostas em 4,992 versos, e acompanhado de um mecanismo expressamente inventado para se tirarem as sortes com toda a certeza e infallibilidade, preço 2\$000.
Encadernado 3\$000 rs.

Novo oraculo de amor e hymineo, 30 cartões com engraçados versos e estampas, para divertimento das sociedades e recreio especial do bello sexo, um bonito estojo 1\$000.

Acasos da fortuna, ou livro de sortes divertidas, em que por virtude, de dois dados, vem cada um no conhecimento do estado, riqueza, heranças, amizades, fortunas etc. e outras muitas e galantes sortes. Um volume encadernado 1\$600.

Oraculo das moças ou modernissima collecção de predições e vaticinios, contendo 1,280 chistosas e variadas respostas á 80 escolhidas perguntas. Um volume brochado 1\$000.

Fado, (o) o novissimo livro, ou jogo de sortes engraçadas, offerecendo um gostoso entretenimento das companhias sociaes e divertidas. 1 vol. encadernado 2\$000.

Acha-se tambem á vendá grande sortimento de dados, por preços commodos.

LIVRARIA DE A. L. GARRAUX
9-Largo da Sé-9 10-2

Correio Paulistano, 9 de junho de 1870, p. 3.

S. JOÃO-S. PEDRO

Roda do destino, novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brasileiras nas noites de fogueiras. Acompanhado de um mecanismo inventado para se tirarem as sortes com toda a certeza e infallibilidade, 1 vol. 8. = 2\$000

A Esphinge, palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias á aguçar o espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brasileiras, 1 vol. 8. = 2\$000

O adivinhador, livro feiticeiro das senhoras ou novissimo oraculo de donas e Donzellas, contendo 70 perguntas e 1.120 respostas de lazer pasmar pelo seu acerto, 1 vol 8 = 2\$000

O matta horas aborrecidas, nova e interessantissima collecção de Jogos de Sociedade para recreio da imaginação e **passatempo** honesto, recreativo e muitas vezes instructivo para familias tanto na cidade como nas roças; propria para salões e jardins, 1 vol 8. = 2\$000

LIVRARIA A. L. GARRAUX
RUA DA IMPERATRIZ 6-1

Correio Paulistano, 16 de junho de 1872, p. 2.

Dominó-baralho

DE
Julio Martin
Rua da Boa-Vista, 42-S. Paulo

Esta moda de jogo, que é uma verdadeira novidade, não difere do jogo de dominó ordinario, senão pela troca das pedras por cartas.

Impresso em lithographia pelo autor, este jogo se faz da mesma maneira que o já tão conhecido, e offerece numerosas vantagens, não só em preço, que é menor, como na facilidade de transporte. Torna-se por isso um verdadeiro **passatempo** em viagem de caminho de ferro, para os srs. viajantes, e serve igualmente para divertir as familias nas longas noites de inverno.

Acha-se a venda em casa do autor, rua da Boa-Vista n. 42.

Preço—2\$000 cada jogo 7

Correio Paulistano, 22 de agosto de 1872, p.

Os jogos dos anúncios eram *honestos, inocentes e muitas vezes instrutivos*. Destinavam-se às *famílias, às donzelas, às senhoras e aos cavalheiros*. Eles divertiam, preenchiam o tempo, eram *engraçados* e um *gostoso entretenimento*. Serviam para ocupar aquelas horas em que não se tinha o que fazer, eram o *mata horas aborrecidas*. A ocasião das festas juninas, em que as pessoas se reuniam, *tanto na cidade como nas roças*, mostrou-se propícia para os jogos. Eles eram um elemento de sociabilidade, permitiam a interação entre as pessoas.

Mas o jogo não era honesto, inocente e instrutivo *a priori*. A atribuição dessas adjetivações a ele dependia de uma condição, a presença ou não de apostas. Quando o jogo envolvia esse tipo de risco, ele era tido como imoral e a ação da polícia era reivindicada para inibi-lo. O discurso moral atacava esse tipo de jogo, dizendo que ele destruía não apenas os patrimônios e as famílias, mas destruía também a própria alma do jogador, e que por isso ele devia ser combatido:

O jogo é a contração de todos os vícios em um só; transformação rápida e sucessiva do **passatempo** em vício, do vício em crime, do crime em atentado; o culto a uma divindade ímpia que primeiro pede dinheiro, depois os bens, depois a honra, depois a família, depois a vida, finalmente a alma,¹⁸⁹

O jogo com apostas era cheio de emoções que deviam ser evitadas, para que o passatempo não se convertesse em vício, e para que a moralidade pública fosse preservada:

[...] as sensações diversas que ora manifestam, o desespero e alegria que denotam prazer e ira do coração, o sorriso de uns e ao mesmo tempo as queixas amargas de outros...

E as horas se passam entre esperanças e decepções, entre prazeres e sobressaltos, entre risos e imprecações.

Aquele espírito justo e refletido, que tantas vezes, discernindo o bem do mal, mostrou-se superior ao prazer e a dor – ei-lo sob o domínio de uma violenta paixão, que tomou-lhe a cabeça e escravizou-lhe o coração.¹⁹⁰

Ainda assim, com todo esse discurso moralizador em torno do jogo, ele foi a atividade cultural mais englobada pelo conceito de divertimento, no período em tela. As palavras usadas para designá-lo foram divertimento e passatempo, e ele foi tido como atividade que divertia, dava prazer, servia para ocupar o tempo ocioso e promovia a

¹⁸⁹ Diário de S. Paulo, 11 de outubro de 1876, p. 2, grifo meu.

¹⁹⁰ Diário de S. Paulo, 26 de maio de 1872, p. 3.

sociabilidade entre as pessoas. Como apontado no capítulo anterior, desde 1828 o jogo ocupava um lugar importante entre as práticas de divertimento dos paulistanos.

2.3 Alegregar e distrair ou educar e moralizar

Nesses tempos, São Paulo vivia mudanças em sua vocação, deixava de ser apenas um entreposto comercial e o centro administrativo do setor público e da igreja católica, para se tornar o centro comercial e de negócios da província, o que não teria se dado sem a chegada das ferrovias. Tudo isso tornou a cidade mais dinâmica, e aumentou consideravelmente a circulação de capitais em seu território. Essa mudança de vocação causou, assim, uma modificação no lugar de importância que a cidade ocupava na província de São Paulo e no país.

Nesse contexto de mudanças rápidas, os divertimentos cumpriam funções, desempenhavam papéis, para além de alegrar e divertir. Eles precisavam estar de acordo com as pretensões da cidade, com o que ela deseja ser. A questão é que tais pretensões e desejos não eram os mesmos para todos. Apesar de os jornais da época darem voz, de modo direto e explícito, apenas a uma parcela dos paulistanos, que era composta pelas elites, em suas entrelinhas e em seus silêncios podemos captar a voz de outras camadas da sociedade paulistana.

O teatro continuava a ser o divertimento mais indicado pelas elites, pois ele era “não só um passatempo, mas também uma escola, escola fecunda de ensinamentos e conselhos, aonde devem ir todos escutar por algumas horas a inteligente discussão de problemas sociais de suma importância.”¹⁹¹ O teatro era usado para educar o povo, mas não se tratava de uma educação para a autonomia, para a formação de sujeitos questionadores da ordem, conscientes do lugar que ocupavam na desigual sociedade paulistana.

Tentava-se através do teatro, inculcar os valores das elites, sua moralidade para, assim, manter uma dada ordenação da sociedade que garantisse a manutenção e a reprodução de tal elite. A compreensão era a de que “O teatro não é um simples divertimento, uma distração para a monotonia da noite; compreendê-lo assim é compreendê-lo mal: o drama deve ser mais do que uma lição, deve ser um evangelho.”¹⁹²

¹⁹¹ Correio Paulistano, 27 de agosto de 1872, p. 1.

¹⁹² O Acadêmico, 29 de julho de 1868, p. 1.

Por isso, não era toda e qualquer peça teatral que cumpria esse papel, de educar. A peça precisava apresentar personagens e histórias que servissem de exemplo para o público:

Representou-se domingo as Asas de um anjo – drama de José de Alencar.

Referir o nome do autor é dizer que encerra a peça muito mérito literário e dramático incontestável e muito para admirar-se.

Estilo brilhante, conceitos ao mesmo tempo elegantes e profundos, tipos traçados com mão de mestre, eis o que a cada passo se encontra na magnífica composição do notável escritor brasileiro.

Bem avisada andará a empresa se nos for dando peças desse quilate, formando assim o gosto público que por aí vai tão desencarrilhado dos bons modelos.¹⁹³

O realismo era a escola dramática e literária que cumpria o papel de, através da arte, reproduzir a ordem, de educar e moralizar a partir da visão de mundo das elites. Declaradamente alinhado a essa escola, ainda que tivesse formação romântica e misturasse os elementos dessas escolas em seus trabalhos, José de Alencar estava, assim, em sintonia com os interesses das elites paulistanas. *Asas de um anjo*, de 1858, tematizava a prostituição, demonstrando os perigos que ela oferecia à família e ao casamento, ao mesmo tempo em que defendia tais instituições. Seu cunho, portanto, era moralizador e a visão de mundo defendida era a das elites, como era próprio do realismo (REIS, 2013; BOTTON, 2009).

No entanto, ainda que o teatro continuasse sendo defendido e incentivado, já se compreendia que a dinâmica social paulistana era outra, que o teatro era apenas mais um divertimento:

Outras influências, além do teatro, atuam na sociedade moderna. Este não possui mais, como em certos períodos da civilização o monopólio prático de ser o educador popular. (...)

O romance delicia os espíritos, oferecendo-lhes **diversão** intelectual. A imprensa jornalística reflete, impõe os sentimentos mútuos das diversas seções da população. Mas, enquanto o teatro existir, e enquanto ele exercer a sua autoridade, o seu característico especial é o de ser uma força social.¹⁹⁴

Apesar de o folhetinista do *Correio* apontar uma “transformação que vai apossando até as derradeiras classes. Deixam o feijão, o milho e arroz que a seca devastou, e em vez de chorar à porta dos vazios celeiros, tiram do pote ou da meia as três patacas, e levam

¹⁹³ Correio Paulistano, 27 de agosto de 1872, p. 1.

¹⁹⁴ A Constituinte, 18 de novembro de 1879, p. 2, grifo meu.

fielmente ao bilheteiro que lhes abre a porta do teatro”¹⁹⁵, indicando, assim, que mesmo as camadas mais pobres se interessavam e frequentavam o teatro, esse divertimento enfrentava ainda mais dificuldades quanto à falta de público.

A concorrência oferecida pela maior diversidade de divertimentos presente na capital paulista, bem como a preferência da população em geral por atividades outras, como o circo equestre, chamado também de cavalinhos, muito querido dos paulistanos, fazia com que o teatro não conseguisse atingir tantos paulistanos assim.

Atividades culturais que começavam a compor o novo cenário da capital paulista, mais diverso e dinâmico, e que cumpriam o papel de serem um *agradável passatempo*, e ainda possuírem *sempre um fim útil*, eram os esportes. Os paulistanos tentavam incorporar tais divertimentos aos seus costumes, tendo os ingleses como referência e como protagonistas nesse processo:

É talvez o povo inglês aquele que melhor tem compreendido o grande princípio do poeta latino – *miscere utile dulci*.

É assim que esse povo tem conquistado o nome de amigo do confortável, que é a comodidade por excelência; é o povo prático na extensão da palavra.

(...)

Por isso ele compreendeu a necessidade de certos jogos, que fornecendo-lhe agradável **passatempo**, e dando-lhe azo para as suas singulares apostas, fossem ao mesmo tempo exercícios poderosos que lhe desse grande agilidade e destreza, robustecendo os músculos, dando-lhes grande força e vigor, e fortalecendo eficazmente a saúde.

A ginástica, a esgrima, a equitação, a natação, o críquete e outros exercícios não somente são objeto de **distração**, como ainda, recomendados pela higiene, fazem parte integrante da educação esmerada na Inglaterra.

(...)

S. Paulo também a seu turno começa a compreender as vantagens e belezas de tais **divertimentos**.

Um Jockey Clube acaba de organizar-se e dentro em pouco os paulistas poderão gozar de um **divertimento** útil e agradável.

Agora um grupo de distintos cavalheiros ingleses fundou uma associação tendo por fim introduzir nesta capital o jogo do críquete tão popular em Inglaterra e que na corte tanta aceitação tem encontrado.

(...)

A arena preparada para tal fim deve naqueles dias atrair a concorrência do público que por certo não será indiferente àquele novo **divertimento** que alguns estimáveis cidadãos ingleses intentam introduzir no nosso país, e cujos resultados podem vir a ser de todo o ponto proficuos à educação física tão descuidada entre nós até o presente.¹⁹⁶

¹⁹⁵ Correio Paulistano, 26 de outubro de 1879, p. 1.

¹⁹⁶ Correio Paulistano, 26 de maio de 1875, p. 2 grifos meus.

Os esportes ao mesmo tempo em que eram *agradável passatempo*, eram também *exercícios poderosos* que desenvolviam *grande agilidade e destreza, robustecendo os músculos, dando-lhes grande força e vigor, e fortalecendo eficazmente a saúde*. Cumpriam uma função até então negligenciada pelos paulistanos, a *educação física*. Função necessária à nova lógica do trabalho assalariado que estava por ser inaugurada, pois ela demandava corpos prontos para o trabalho.

Portanto, já em seu momento inaugural na cidade, os esportes foram identificados como uma estratégia de educação dos corpos, como uma forma de obter os corpos desejados e necessários à nova ordenação social que se construía. A escassez de estudos sobre os momentos iniciais do esporte na capital paulista, no entanto, nos impede de melhor compreendê-lo. Os recortes temporais dos estudos que dedicam-se a estudar esse divertimento tem, geralmente, como marco inicial a virada do século XIX para o XX¹⁹⁷.

Para além dessas funções moralizadoras e mais objetivas, de educar o intelecto e o corpo, de conformar comportamentos e gostos, os divertimentos também cumpriam um outro papel, o de distrair. Sem outras pretensões, os paulistanos se entregavam aos divertimentos por interesse, vontade, paixão, prazer, pela alegria que proporcionavam. O que não quer dizer, absolutamente, que não se descem aí processos educativos diversos. A intenção daqueles que procuravam diversão é que era diferente, eles não tinham um outro objetivo que não fosse se ocupar de algo prazeroso.

Um correspondente do *Correio* que havia ido à corte para se inteirar dos acontecimentos políticos, declinou da função dizendo: “Prefiro distrair-me a pensar em coisas sérias.” Segundo ele:

Sobre política o seu correspondente efetivo está mais habilitado do que eu para escrever-lhe.

Ando por aqui como simples *turista*. Prefiro **distrair-me** a pensar em coisas sérias.

E, a falar-lhe francamente, acredito que toda esta gente da corte também pensa neste ponto como eu, isto é – prefere **divertir-se** a cuidar com seriedade das coisas públicas.

Fiel ao meu exclusivo programa – de **divertir-me** – já fui ver o *Excelsior*¹⁹⁸ e a *Exposição Pedagógica*.¹⁹⁹

¹⁹⁷ Como exemplo: FRANZINI (2010); WITTER (2004); QUITZAU (2011).

¹⁹⁸ *Excelsior* era uma peça teatral produzida pela Companhia Ferrari.

¹⁹⁹ *Correio Paulistano*, 6 de agosto de 1883, p. 1, grifos em negrito meus, em itálico da fonte.

Em 1876 foi criada a sociedade *Girondinos Carnavalescos*, “destinada a folguedos carnavalescos e para passatempo da mocidade, com inocentes distrações”²⁰⁰. Ao menos de modo deliberado, não foi apresentado pela sociedade nenhum outro objetivo que não fosse o de divertir. O mesmo pode ser dito do *Circo Casali*, que anunciava seus espetáculos como “passatempo alegre” e “distração amena”²⁰¹.

Divertimento com função duvidosa eram as corridas de cavalo, nas quais dinheiro público era investido²⁰². Elas eram apresentadas como uma forma de melhorar a raça cavalariça: “Se os clubes de corrida fossem simplesmente um passatempo, eu os julgaria próprios para ocupar os ociosos: são porém a força organizada para, pela seleção natural, melhorar o cavalo, esse o primeiro e mais efetivo auxiliar do homem, na luta pela vida.”²⁰³

No entanto, quem ganharia com o melhoramento dos cavalos eram as elites, que os tinham como valioso patrimônio e utilizavam esse argumento, do melhoramento dos cavalos, para legitimar o investimento de dinheiro público e a realização das apostas, que em atividades outras, como os jogos, eram mal vistas e até mesmo proibidas, como vimos.

2.4 Expectativas e experiências: as sensibilidades daquele tempo

São Paulo continuava a busca por ser uma cidade civilizada. Agora de forma mais concreta, já que estava se tornando cada vez mais capaz de conferir materialidade aos valores que cultivava, desde pelo menos o final da década de 1840. A europeização, o refinamento, os códigos de urbanidade e a educação cavalheiresca podiam agora se fazer sentir não apenas nas mentalidades e sentimentos, mas na concretude da vida cotidiana. Isso, é claro, para uma parcela da população composta pelos abastados.

A população em geral, no entanto, se não pode realizar tais concretizações em sua vida privada, pode senti-las na vida pública e na estrutura física da cidade, que a partir de 1872 foi modernizada. No final deste ano, tomou posse João Teodoro Xavier de Matos como presidente da província de São Paulo, que investiu na capital como nunca antes havia sido feito. Apesar das críticas à sua forma de gestão, que não fazia distinção entre o público e o privado, tendo como princípios a amizade, o patronato e o familismo, e a questionável

²⁰⁰ O Trabalho, 9 de abril de 1876, p. 4.

²⁰¹ Correio Paulistano, 28 de dezembro de 1878, p. 3.

²⁰² Correio Paulistano, 26 de abril de 1885, p. 1.

²⁰³ Correio Paulistano, 18 de maio de 1884, p. 2.

qualidade de suas obras (CAMPOS, 2004, pp. 215-218), muitas foram as modernizações durante o seu governo (1872-1875).

A abertura de novas ruas e a reforma das antigas, o melhoramento do largo dos curros, onde se davam as touradas, o novo calçamento de paralelepípedo de granito, até então desconhecido pelos paulistanos, e que foi realizado no núcleo central da cidade – Largos da Sé e do Rosário e ruas Direita, da Imperatriz e São Bento – foram algumas das modernizações realizadas por João Teodoro.

Além disso, a Escola Normal foi criada e teve um edifício especialmente para ela construído, e a Cadeia Pública, que funcionava anexa à Câmara, também ganhou prédio próprio. O Jardim da Luz passou por melhoramentos, foi construída a Ilha dos Amores, e tiveram início os trabalhos de construção da *Estrada de Ferro do Norte*, que ligaria a capital paulista à corte. Antes da posse de João Teodoro, mas ainda em 1872, houve também a inauguração da iluminação a gás e da primeira linha de bondes de tração animal na cidade (TOLEDO, 2003; GALLOTTA, 2004). Nos anos seguintes, até o final da década de 1880, outros serviços foram organizados por empresários, como a rede de água e esgotos em 1883, o telefone em 1884 e a iluminação elétrica em 1888 (CAMPOS, 2004, p. 219).

Soma-se a tudo isso, os efeitos da ligação ferroviária entre o interior da província de São Paulo e o porto de Santos, que foram imediatos. As ferrovias levaram ao fortalecimento da posição de centro comercial e de concentração de riquezas, ocupada pela capital paulista. Houve a abertura de vários empreendimentos comerciais e de serviços, como oficinas de montagem e conserto de locomotivas, que envolviam grande número de trabalhadores, além daqueles envolvidos com a operação do serviço de tráfego de trens, e a criação de estabelecimentos comerciais exclusivamente atacadistas (NOZOE, 2004).

No que se refere à industrialização, a cidade de São Paulo contou, até o final do Império, com fábricas de gêneros alimentícios e bebidas (café torrado, polvilho, cerveja, chá, chocolates, águas gasosas, vinagre, vinhos, xaropes e licores), de artigos de vestuário (chapéus, sapatos e tamancos), de preparados de fumo (charutos, cigarros, fumo desfiado, tabaco), de veículos de tração animal e humana (segas, carruagens, carros, carroças, carrinhos), de instrumentos musicais (órgãos e harmônio), artefatos de barro (tijolos, telhas, mingas), de livros em branco, sabão, remédios, bilhares e velas (NOZOE, 2004, p. 117).

Não se tratava de unidades produtivas de grande porte, nos moldes das grandes indústrias do final do século, mas de pequenas fábricas, as vezes oficinas, que não raramente também comercializavam, no varejo, sua própria produção e produtos de outras procedências.

O que não as impediu, entretanto, de suprir a demanda da capital por alguns produtos (NOZOE, 2004, p. 118).

O primeiro censo demográfico de âmbito nacional foi realizado em 1872, e evidenciou o pequeno tamanho da capital paulista, que possuía então 31.385 habitantes²⁰⁴ (SÃO PAULO, 2007). Em 1890, esse número havia mais que dobrado, e a cidade contava com 64.934 moradores. Esse aumento se deveu, ao menos em parte, ao crescimento da imigração. Atraídos pelas possibilidades de trabalho, os imigrantes vieram de diferentes países, e fizeram de São Paulo a mais europeia das cidades brasileiras (CAMPOS, 2004b, pp. 34, 35).

Tudo isso, todas essas modificações repercutiram de modos diferentes na vida de cada paulistano, mas o fato é que não foi possível passar ileso por elas. A maior circulação de capitais, não significou melhores condições de vida para todos. Mas ao contrário, houve grande concentração das riquezas, restando para as camadas empobrecidas trabalhos pouco valorizados e mal remunerados (DIAS, 1995). São Paulo começava aí, a construir sua identidade de cidade do trabalho, dos negócios.

Quem para lá se dirigia era em busca de trabalho, de negócios ou da construção de fortunas. Mas isso não se dava de modo apartado dos divertimentos, que sempre foram para a capital uma necessidade. Quando a cidade se dinamizava, eram dinamizados também os divertimentos, eles compunham a vida da cidade e dela diziam de modo indissociável. O aumento da circulação de dinheiro em São Paulo, de habitantes, de pessoas de diferentes nacionalidades e a modernização de sua estrutura física, significou para os divertimentos aumento da diversidade de opções, luxo, conforto e a chegada de muitas novidades.

Se antes era necessário que os paulistanos fossem à Europa ou que aguardassem as correspondências para de lá saber e copiar as novidades e os hábitos civilizados, agora eram os próprios europeus que introduziam as inovações, já que a cidade estava cada vez mais repleta deles. Eles eram protagonistas há tempos na capital, principalmente no ramo do comércio e dos serviços especializados. Mas agora, sua presença maciça diversificava seus ramos de atuação e influência, e os colocava cada vez mais em evidência, pois eles eram para a cidade uma possibilidade de sintonia mais rápida com a civilidade.

²⁰⁴ A capital paulista era muito menor do que a capital do império (275mil habitantes) e do que Salvador (129 mil habitantes), e menor do que várias outras cidades, como Recife (116 mil habitantes), Belém (62 mil habitantes), Niterói (47mil habitantes), Porto Alegre (44 mil habitantes), Fortaleza (42 mil habitantes) e Cuiabá (36 mil habitantes) (TOLEDO, 2003, p. 365).

A tentativa de imitar os países tidos como civilizados continuava. Nada escapava a esse objetivo, os modos de vestir, se comportar, organizar e embelezar a cidade, e os divertimentos. Os imigrantes tiveram importante papel nesse processo, eles traziam as experiências de seus países de origem e as compartilhava com os paulistanos. O que acabou por inaugurar uma série de novas práticas de divertimento na cidade, dentre elas os esportes.

O críquete foi introduzido em São Paulo pelos ingleses, que em 1875 fundaram o *São Paulo Críquete Clube*: “Agora um grupo de distintos cavalheiros ingleses fundou uma associação tendo por fim introduzir nesta capital o jogo do críquete tão popular em Inglaterra e que na corte tanta aceitação tem encontrado.” A presença na cidade, do meio de transporte mais moderno da época, que ainda não levava diretamente à corte, mas facilitava parte do trajeto, possibilitou nessa ocasião que viessem “da corte 13 membros do Anglo-brazilian Cricket Club, 11 dos quais nela tomarão parte, medindo-se com 11 dos mais destros do clube de S. Paulo.”²⁰⁵

O tiro ao alvo também foi uma novidade daqueles tempos, “um novo e útil exercício se inicia nesta cidade... É um passatempo muito usado em todas as cidades civilizadas, e que folgamos de ver importado para o meio de nós”²⁰⁶. Tal *divertimento*, iniciado em 1868, consistia em atirar de pistola em uma “garrafa colocada no alto de um mastro elevadíssimo”²⁰⁷.

Essas diversões importadas da Europa eram apregoadas pelos jornais, algumas outras, no entanto, tidas como inapropriadas não apenas aos bons costumes, mas também a uma cidade que se queria civilizada, eram desincentivadas e duramente criticadas. Era o caso dos jogos com apostas e do entrudo. Mas ao mesmo tempo em que eram combatidas, essas práticas culturais eram também defendidas nas páginas dos jornais. Argumentos de ambos os lados eram apresentados, travando-se uma disputa em torno dos divertimentos.

As brigas de galo aconteciam pelas ruas da cidade²⁰⁸, e também em lugares privados²⁰⁹. Elas eram criticadas, tanto pela crueldade com os animais, como as touradas também eram, quanto por serem consideradas um jogo de azar. Argumentos que eram contestados pelos defensores desse divertimento:

²⁰⁵ Correio Paulistano, 26 de maio de 1875, p. 2.

²⁰⁶ Correio Paulistano, 1 de abril de 1868, p. 1.

²⁰⁷ Correio Paulistano, 1 de abril de 1868, p. 3.

²⁰⁸ Correio Paulistano, 10 de junho de 1877, p. 2.

²⁰⁹ Correio Paulistano, 2 de dezembro de 1869, p. 2.

Dizer-se que as brigas de galo são **divertimentos** selvagens, bárbaros e tal sim senhor! Onde é que se viu heresia igual! Um **divertimento** que vem desde o tempo de Adão e Eva! Um **divertimento** que os poéticos ingleses acham coisa papa fina... dizer-se que é selvagem!²¹⁰

Alguns entendiam que as brigas de galo deviam ser realizadas apenas em “lugares reservados onde os amadores podem fartar-se desse *delicado divertimento*, sem no entanto ofenderem a moral pública.”²¹¹ Privar os transeuntes de ver pelas ruas as brigas de galo, era uma forma de preservar o olhar daqueles que, mais sensíveis, se incomodavam com esse divertimento. A preocupação aqui, portanto, não era com o sofrimento dos animais, já que as brigas de galo continuariam acontecendo, mas sim com o incômodo dos paulistanos que não gostavam desse *bárbaro divertimento*.

Essas diferentes percepções quanto à briga de galo, revelam o processo de mudanças pelo qual São Paulo passava. O desenvolvimento urbano e o afastamento do modo de vida rural, produziam alterações nas sensibilidades quanto aos animais (THOMAS, 1998, pp. 190,191), e a adesão a discursos civilizatórios. Essas alterações, no entanto, não se davam de modo universal, não tocavam os paulistanos do mesmo modo, o que fez com que convivessem na cidade diferentes sensibilidades quanto ao sofrimento animal provocado por certos divertimentos.

“Quanto a dizer que é a briga de galos – jogo de azar – não nos cansaremos em refutar ao ilustre jurisconsulto; esta asserção não se contesta, é a medida do engenhoso talento de quem a proferiu.” De fato, era argumento contestável quando o assunto eram as brigas de galo, havia controvérsias e pontos de vista opostos. Quando porém, tratava-se de jogo de baralho, o argumento parecia irrefutável e só restava aos amantes de tal divertimento a clandestinidade²¹².

Os jogos de azar eram uma *perdição*, não apenas porque perdia-se dinheiro, mas porque as sensações que eles provocavam eram variadas:

Banca de jogo! Mercado horrível, é imenso dos patrimônios das famílias, dos capitais, das indústrias, de todas as riquezas de corpo e da alma! A carta levanta e desloca em um momento, como a alavanca de Arquimedes, fortunas colossais. E que sensações, que ansiedades, que sustos, que sobressaltos se não sentem à roda daquela pequena mesa! Jogam aí as fortunas de mão em mão; jogam as tristezas e alegrias de semblante em semblante, jogam as iras de coração em coração; jogam os sarcasmos pungentes de boca em boca, joga a sorte, joga o acaso, joga o demônio! Ali não há razão, nem direito; justiça nem injustiça; o que é e o que deve ser. As

²¹⁰ Correio Paulistano, 10 de junho de 1877, p. 2, grifos meus.

²¹¹ Correio Paulistano, 18 de março de 1877, p. 3, grifo da fonte.

²¹² Correio Paulistano, 13 de abril de 1880, p. 3.

sentenças da sorte não tem apelação; não há no mundo praça de comércio com maior movimento, nem teatro com cenas mais variadas do que uma banca. O que se perde menos no jogo é o dinheiro. A perdição é maior que a perda.²¹³

Diante de uma vida ordeira, em que sensações e emoções deviam ser cada vez mais controladas, para se obter o refinamento e as boas maneiras, estar à mercê da sorte era fascinante! Contra ela não havia o que fazer, a não ser aceitar seus desígnios e viver as emoções que causava:

O jogador perde a primeira parada, espera a segunda; perde a segunda, espera na terceira; perde a terceira, espera na quarta; esperaria na quinta, se quinta houvesse. (...) Mas porque joga o jogador? (...) O jogador joga pelo prazer de jogar, como o caçador caça pelo prazer de caçar. São as comoções pungentes e desordenadas, o receio, o ódio, a expansão da sorte que deleitam o jogador.²¹⁴

Os jogos de azar eram uma *perdição* em uma sociedade cuja moralidade previa pessoas bem regradas, comportadas, que controlavam seus sentimentos e suas emoções. Talvez fosse justamente por isso, que eles aconteciam na cidade à despeito das críticas. Porque nem todas as pessoas desejavam ser bem comportadas e possuir hábitos refinados. A permanência do jogo de azar e a persistência dos seus jogadores, é que faziam com que volta e meia figurassem nos jornais matérias criticando tais jogos e seus jogadores, e incentivando o fim de tal prática na cidade.

O jogo de azar era considerado “pernicioso à moralidade pública”²¹⁵, e por isso devia ser combatido. Não era adequado às regras e preceitos defendidos por parte dos paulistanos daquele tempo, assim como o entrudo, que há tempos era combatido, mas que continuava acontecendo e divertindo muitos paulistanos, o que indica que havia a presença de diferentes gostos e sensibilidades quanto aos divertimentos na capital.

Mesmo quando os bailes e as sociedades carnavalescas já existiam na capital paulista, o entrudo permanecia acontecendo. Incomodava alguns e alegrava outros. Mas se ele ainda existia, é porque tinha força para isso, e estava de acordo com os gostos e preferências de pelo menos uma parcela dos paulistanos. É possível encontrar nos jornais daquela época, manifestações tanto a favor como contrárias ao entrudo. São indícios da disputa que havia em torno dos divertimentos:

²¹³ Correio Paulistano, 11 de outubro de 1876, p. 2.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Correio Paulistano, 19 de novembro de 1876, p. 2.

Consta-nos que haverá, como o ano passado, esplendidos bailes mascarados no teatro Provisório sob direção do Sr. José Maria Jordany que está tratando de transformar os salões do teatro em um verdadeiro e surpreendente Eldorado.

Venha isto quanto antes para não dar lugar ao prejudicial **divertimento** das laranjinhas que em anos anteriores tanto mal tem causado.

Afirmam-nos, sem embargo disto, que há por aí pela cidade quem já se dispõe ao maldito **passatempo** das molhadelas, e que no domingo apareceu quem fizesse uso de tais laranjinhas.

A ser assim chamamos desde agora a atenção da polícia para essa brincadeira de mau gosto que pode reproduzir-se com intensidade, nesta época de moléstias.

As multas inexoráveis serão um bom remédio para o caso.²¹⁶

Os argumentos contrários ao entrudo, lhe atribuíam o adjetivo de *bárbaro divertimento* e diziam que suas *molhadelas* causavam resfriados e constrangimentos, pois por vezes os que brincavam molhavam pessoas sem que elas consentissem. Havia no entrudo uma arbitrariedade que incluía na brincadeira aqueles que não desejavam ser incluídos, e que justamente por isso devia divertir ainda mais aqueles que participavam voluntariamente.

O entrudo subvertia a ordem, “É tão animado que chega a frenesi, a loucura. Não atende a considerações, não respeita conveniências, não se contém, e às vezes, toca a loucura.”²¹⁷ O que era tão verdade, que nem mesmo as autoridades eclesiásticas dele escapavam:

O largo do Rosário foi teatro de uma cena vergonhosa e revoltante: um respeitável sacerdote viu-se inopinadamente agredido pelos jogadores do entrudo, que, além de molhá-lo dos pés à cabeça cometendo verdadeiras violências obrigaram-no a servir de alvo às atacadas dos garotos.²¹⁸

Era certo que esse tipo de divertimento, que levava à loucura, que não respeitava ordenamentos, não era adequado a uma cidade civilizada, de costumes refinados, era o que argumentavam os contrários ao entrudo. Não era, entretanto, o que pensava uma outra parte dos paulistanos, pois às vésperas da proclamação da república, o entrudo continuava acontecendo em São Paulo, o que fez com que o *Correio Paulistano* transcrevesse em suas páginas, *prudentes conselhos* publicados na corte pela Inspeção Geral de Higiene:

A Inspeção Geral de Higiene aconselha aos habitantes desta capital que se abstenham do jogo do entrudo, **divertimento** bárbaro, impróprio de uma nação civilizada e que só males produz aos que a ele se entregam.

²¹⁶ Correio Paulistano, 13 de janeiro de 1875, p. 1, grifos meus.

²¹⁷ A Constituinte, 10 de fevereiro de 1880, p. 2.

²¹⁸ Correio Paulistano, 9 de março de 1886, p. 2

(...)

Se todos aceitarem este conselho higiênico, se os chefes de família se empenharem nesta cruzada de civilização e progresso, muitas vidas serão poupadas e as autoridades ficarão dispensadas de fazer cumprir as determinações da postura municipal que proibi tão prejudicial **passatempo**.²¹⁹

“Horroroso, a mais inútil das brincadeiras”²²⁰, “bárbaro” e “de funestas consequências”²²¹, “prejudicial divertimento”²²², “indício de atraso” e “divertimento selvagem”²²³, “anacrônico e prejudicial”²²⁴, “antiquado”²²⁵, eram algumas das classificações recebidas pelo entrudo através dos jornais paulistanos. Mas havia também um outro entendimento em torno do entrudo, uma outra forma de compreendê-lo:

É lindíssimo este **divertimento**. Aos meninos e meninas que dão-se a tais distrações ei de ofertar um frasquinho de água cheirosa.

Têm graça, as criancinhas, pois não tem?
Brinquem, meus meninos; mas não chorem.
Assim, filhinhos, continuem se querem ser bonitos.
Sempre há muito tolo neste mundo!²²⁶

Anunciantes de produtos próprios para o entrudo, também o elogiavam, o chamando de “delicado divertimento”²²⁷, enquanto na mesma página de jornal anunciantes de produtos para o carnaval diziam “morra o entrudo!”²²⁸. Era um embate explícito, em que se enfrentavam os amantes do entrudo e os seus opositores. Além daqueles que desejavam auferir lucros com tais divertimentos.

Se havia paulistanos que afirmavam serem os bailes mais adequados a São Paulo do que o entrudo, havia aqueles que defendiam justamente o contrário: “O entrudo é mais consentâneo com a nossa índole do que o divertimento de pôr-se a cara uma máscara, ao abrigo da qual se vai descompor um inimigo. Nunca ouvi ditos espirituosos nos bailes mascarados da Europa e do Brasil a que assisti.”²²⁹

Os argumentos, nesse caso, não apelavam para o que era geral ou universal, para uma única forma de ser civilizado, que devia ser igual em diferentes lugares, mas se

²¹⁹ Idem, grifos meus.

²²⁰ O Ypiranga, 12 de janeiro de 1868, p. 1.

²²¹ Idem.

²²² Correio Paulistano, 7 de março de 1872, p. 3; Correio Paulistano, 13 de janeiro de 1875, p. 1.

²²³ Correio Paulistano, 11 de março de 1873, p. 3.

²²⁴ Correio Paulistano, 5 de janeiro de 1876, p. 2.

²²⁵ Correio Paulistano, 20 de fevereiro de 1882, p. 2.

²²⁶ Correio Paulistano, 16 de fevereiro de 1868, p. 3, grifos meus.

²²⁷ Correio Paulistano, 8 de fevereiro de 1870, p. 4.

²²⁸ Idem.

²²⁹ Correio Paulistano, 10 de fevereiro de 1880, p. 2.

atinha e valorizava o que era específico a cada localidade e seu povo. O autor, anônimo, continua a explicitar seus argumentos:

Podem censurar o nosso mau gosto: mas... cada terra tem seu uso, e os estrangeiros que criticassem, se fossem a reparar em alguns dos seus, teriam que confessar que o nosso não é dos piores.

Assim o uso de atirar bolas de neve da Alemanha será mais civilizado que este de atirar um limão cheiroso? E outros que tais em que não toco para não desgostar amigos estrangeiros que procuram a nossa terra.

O certo é que, aonde vai, o nosso entrudo encontra simpatias e os próprios estrangeiros não são dos menos afetos a este brinquedo.

Em cidades do Prata o entrudo expulsou os antigos, e reinou com império enquanto ali estiveram os brasileiros.

Havia ali um brinquedo especial. Um moço ia procurar a menina com quem simpatizava: postava-se diante dela armado de uma garrafinha de água florida, de que tapava com um dedo parte da boca, fazendo jorrar sobre a moça, pela cara e corpo, finíssimos jatos de água, que a fazem dar gritinhos e estremecimentos, respondendo do mesmo modo com água florida, mas queda, sem recuar um passo.²³⁰

Que critério, afinal, definia o que era civilizado e o que não era? Era essa a questão de fundo, colocada pelo anônimo autor que defendia o entrudo na matéria supracitada. Para ele, todo país possuía costumes e preferências que eram de mau gosto, até mesmo os europeus. O fato de se tratar de prática europeia, não era suficiente para defini-la como civilizada.

Na verdade, parece que não era isso o que importava, se o divertimento era civilizado ou não, mas sim se ele agradava, se estava de acordo com os gostos das pessoas. E o entrudo atendia a esse critério, tanto é que permaneceu presente na vida da capital paulista por muito tempo. Em 1883, por exemplo, ele atraía grande número de pessoas:

O entrudo começou a ser celebrado nesta cidade anteontem, com um entusiasmo que assumiu proporções descomunais.

Quando dizemos que tivemos entrudada colossal, não queremos indicar sinonímia entre entrudo e carnaval; este, se para o bem, se para o mal da população, está quase totalmente abolido dos nossos costumes, não logrando restituir-lhe o antigo esplendor os esforços de um ou outro grupo afeiçoado à tradição de pulhas carnavalescas que já houve, outrora, nesta cidade.

Houve entrudada e da mais descabelada, mas entrudada bem diferente da dos folguedos de máscaras: foram folguedos e orgias aquáticos, representados por um jogo imoderado de toda a sorte de limões de cheiro, de bisnagas, de cataratas d'água, quer das pessoas que se achavam às janelas das casas das principais ruas da cidade sobre os transeuntes, quer destes sobre aqueles.

²³⁰ Idem.

Na rua da Imperatriz, desde cerca do meio dia até 7 horas da noite, houve um tiroteio de limões impossível de afrontar por parte daqueles que queriam conservar a pele e o vestuário enxutos.

Não faltaram, como é de esperar, os episódios grotescos que acompanham essas lutas hidráulicas, que não foram contudo assinaladas por qualquer desordem, apesar da grande aglomeração de povo que houve nas ruas e da difícil circulação dos veículos.

Enquanto este **divertimento** não sair destes limites, nada diremos contra um hábito da população perfeitamente escusável na quadra canicular que atravessamos.

Acautelem-se os que não se podem molhar; moderem um pouco os fanáticos desta **diversão** o seu líquido entusiasmo; brilhem a polícia pela sua ausência, que só pode servir de garantia à segurança pública, e não haverá mal maior em continuar o jogo dos limões de cheiro a substituir o jogo de espírito que nem todos sabem fazer e as peças carnavalescas que nem todos sabem pregar.²³¹

Portanto, conviviam na cidade diferentes moralidades, pois as sensibilidades dos paulistanos não eram exatamente iguais, nem poderiam ser, já que eles não compunham uma massa homogênea, mas ao contrário, constituíam diversidades. O que se sobressai nas fontes em alguns casos, entretanto, é apenas um único conjunto de valores e sensibilidades, pois é difícil ouvir, diretamente, vozes dissonantes nos jornais. O que não quer dizer, absolutamente, que elas não existissem. Elas apenas não se manifestavam nos periódicos.

O teatro é um exemplo dessa situação. As falas em torno dele eram quase unanimemente positivas, constituindo um coro que o defendia como o melhor divertimento para São Paulo²³². Tal fato, no entanto, indica que os paulistanos ainda precisavam ser convencidos das benesses e belezas do teatro, que ele ainda não havia caído no gosto dos moradores da capital paulista. Soma-se a esses indícios, o fato de frequentemente haver notícias dizendo da falta de público nos teatros da cidade.

As regras e preceitos mais evidentes, as que tentavam se impor sobre o coletivo da população, negavam tudo aquilo que poderia atrapalhar ou se opor à construção de uma São Paulo civilizada e alinhada aos padrões europeus. Os divertimentos estavam submetidos a essa moralidade, mas nem sempre a acatavam.

São Paulo vivia o que Ana Montoia (2004, p. 170) chama de reforma dos costumes, uma pedagogia civilizatória que pretendia reformar a própria natureza do homem e ordenar o espaço urbano, embrutecidos pela violenta ordem escravocrata em vias de ser abandonada. Segundo a pesquisadora, essa reforma moral se daria a partir da tríade escola, trabalho e religião, sobre a qual estava assentada a nova ordem.

²³¹ Correio Paulistano, 4 de fevereiro de 1883, p. 1, grifos meus.

²³² O Acadêmico, 29 de julho de 1868, p. 1; Correio Paulistano, 16 de fevereiro de 1879, p. 2.

Vemos, no entanto, que tal processo de reforma dos costumes não se dava apenas através de tal tríade. Os divertimentos também eram usados para moralizar os paulistanos, para introjetar novos costumes e hábitos tidos como mais adequados à cidade em construção. Eles eram objeto de disputas, por diferentes visões e projetos de mundo, pois sabia-se que eles ocupavam lugar de importância na construção ou manutenção dos modos de ser paulistano.

2.5 Um conceito, uma palavra: ampliação dos usos

A medida que o conceito se fixava às palavras, seus usos se generalizavam. Portanto, quanto mais conectado estava o conceito a um termo, mais esse termo era usado e seus usos eram ampliados. Essa fixação foi paulatina, processual no conceito de divertimento, que foi ao longo de todo o período denominado de quatro diferentes formas – recreação, passatempo, divertimento e diversão –, mas que foi pouco a pouco aumentando sua ligação à palavra divertimento.

Apesar da força da conexão entre o conceito e tal vocábulo, que foi tornando difícil a compreensão do conceito sem o seu emprego, uma outra palavra foi ganhando destaque nesse processo, devido a intensidade de seus usos pelos paulistanos. Trata-se do termo diversão.

Passatempo, que no período anterior (1828-1867) foi a segunda palavra mais usada para expressar o conceito, perdeu espaço para o vocábulo diversão no intervalo de tempo aqui investigado. Divertimento e diversão acabaram por se confundir no vocabulário dos paulistanos, sendo as palavras mais mobilizadas para designar o mesmo conceito. A hegemonia do termo divertimento, entretanto, é inquestionável. O uso do conceito se consolidou e se disseminou através do emprego dessa palavra.

Os paulistanos foram conectando um conjunto de atividades culturais, que tinham como função promover alegria, prazer e agradar, à palavra divertimento. Essas eram as funções essenciais, as mais ligadas à natureza do divertimento. Outras funções podiam ser a estas somadas, como a inculcação de valores e de hábitos, e a construção de sensibilidades. Mas o que prevalecia na espontaneidade da vida, no entanto, na experiência cotidiana do divertimento, principalmente das classes inferiores, era a alegria e o prazer, a diversão.

Por mais diversas que fossem as atividades de que diziam o conceito, elas possuíam essa natureza comum, essas mesmas funções, ainda que houvesse uma demarcação entre aquelas mais afetas às camadas abastadas, e aquelas preferidas pelas camadas empobrecidas. O contexto de mudanças, as mais diversas, de aceleração dos ritmos de vida e

de vinculação cada vez mais forte ao ideal de civilização e progresso europeu, pelo qual passava a capital paulista, era composto também pela diversificação e ampliação das atividades de divertimento, que nem sempre estavam de acordo com esses ideais.

Foi aí, nesse bojo, que surgiram o tiro ao alvo, a corrida a pé, as corridas de cavalos, o críquete, a esgrima, a ginástica, a luta, a natação, a patinação, a equitação e as regatas. Nesse momento, tais *exercícios* ainda não eram nomeados de esportes, mas já eram englobados pelo conceito de divertimento, e estavam de acordo com os objetivos de europeização das elites paulistanas.

Essa São Paulo, do período 1868-1889, era muito diversa daquela cidade do período anterior (1828-1867). Não é que aquela cidade não existisse mais, ainda que esse fosse o desejo de certos paulistanos abastados, mas é que aquela São Paulo estava sendo confrontada, de modo muito intenso e veloz, com outras possibilidades de ser cidade. Isso se dava através dos imigrantes, das informações, dos jornais, livros, objetos de luxo e de conforto, dos artistas e profissionais de áreas diversas, das tecnologias, costumes e práticas que chegavam a todo momento e, é claro, dos capitais que proporcionaram tudo isso.

Muito disso tudo, de todas essas novidades, foi incorporado pelos paulistanos, o que nem sempre significou o abandono dos costumes então existentes, mas sim a convivência, nem sempre harmoniosa, entre eles, que acabou por gerar uma maior dinamização da cidade. Foi nesse contexto, que se confirmou e consolidou a indissociabilidade do conceito à palavra divertimento.

O confronto entre diferentes gostos e sensibilidades se fez perceber nas páginas dos jornais, algumas vezes. Seja pelas presenças cada vez mais constantes de pontos de vistas divergentes, de discussões e embates, seja através de silêncios e ausências. Não é possível dizer de uma única São Paulo, porque ela não existia, assim como não é possível dizer de uma só forma de se divertir. A capital paulista era plural, e as diferentes práticas e formas de diversão eram todas concentradas no conceito de divertimento, que era polissêmico, característica própria dos conceitos.

CONCLUSÃO

Foi por considerar insuficientes as teorias explicativas da constituição histórica do lazer no Brasil, que desenvolvi esse trabalho. Ele é uma tentativa de evidenciar a necessidade de historicizar este processo de constituição, e de demonstrar que a história passa longe da noção de linearidade e de previsibilidade que nos é transmitida pela afirmação de que o lazer é um fenômeno moderno.

A repetição pouco crítica dessa fórmula, tem substituído a explicação histórica, a explicação da lógica da mudança que levou à inauguração – se é que ela se deu – desse fato social novo. Além disso, ela tem levado à uma visão universalizante desse processo, que desconsidera as especificidades históricas e as lutas dos atores políticos de cada contexto.

O movimento da história que é aí indicado por esta fórmula, precisa ser melhor compreendido e explicado ou, antes disso, precisa ser verificado. A intenção deste trabalho foi compreender o significado do conceito de lazer para os paulistanos da São Paulo pré-industrial, a partir da recuperação da experiência histórica dos paulistanos. Para tanto recorri aos jornais da capital paulista e aos relatos dos viajantes que lá estiveram.

A dificuldade em realizar o diálogo entre as fontes consultadas e a bibliografia inicialmente estudada foi rapidamente sentida, já que tal bibliografia dizia de uma cidade diferente da que estava encontrando nos documentos. A São Paulo que foi a mim apresentada, por uma certa historiografia, como sem vida, feia, pacata e sem divertimentos, foi ao longo desse trabalho sendo reconstruída com o auxílio de uma outra bibliografia, menos clássica, menos usada, mas fundamental e, principalmente, com o auxílio dos documentos.

Percebi que os movimentos da capital paulista, mesmo aqueles que nos parecem insignificantes, como a chegada dos primeiros poucos estudantes estrangeiros à cidade, repercutiam sobre os divertimentos. A indissociabilidade entre os movimentos da cidade, principalmente aqueles mais propriamente ligados à esfera cultural, sua dinâmica e os divertimentos foi se colocando.

A primeira e mais rápida constatação se deu no campo da linguagem. Havia um conjunto de palavras que compunham o campo semântico do lazer, sendo esta palavra, *lazer*, inexpressiva nesse conjunto. As demais, passatempo, recreação, divertimento e diversão foram mobilizadas pelos paulistanos durante todo o período estudado, com diferentes intensidades e frequências, para expressar o conceito em tela.

Em tal disputa entre os termos, explicitada por seus diferentes usos, divertimento mantinha vantagem, sempre, e acabou por sair vitoriosa. Esse foi o vocábulo eleito pelos

paulistanos, para expressar o conceito, ainda que os demais fossem sempre evocados. Encontramos aí o significante de nosso conceito, cujo significado foi dele se tornando cada vez mais indissociável ao longo do tempo.

O significado, ou o conteúdo do conceito, dizia respeito a atividades que tinham em comum sentimentos e expectativas. Elas provocavam alegria, prazer, regozijo. Estavam em oposição ao que era sério e sisudo. Mas apesar de possuírem essa natureza comum, eram atividades muito variadas que incluíam desde a música e o teatro, às zombarias e ao mais novo divertimento da cidade, os esportes.

Elas podiam ser usadas de acordo com diferentes interesses, para alcançar objetivos e cumprir diferentes funções. As sensibilidades e moralidades em torno dos divertimentos também eram diversas, não eram fixas, mas ao contrário, eram modificadas e construídas pelos paulistanos a todo tempo. Por isso, a preferência e o gosto existentes em torno dos divertimentos variavam não apenas ao longo do tempo estudado, mas eram diferentes também em um mesmo momento para paulistanos diferentes.

A efervescente cidade que hoje conhecemos não foi forjada a partir da década de 1870, seus caminhos já estavam sendo percorridos no início do século XIX. As variações de velocidade desse caminhar, seus ritmos, que de tão lentos por vezes pareciam nulos, é que muitas vezes ocultam, ao observador menos atento, o movimento. Assim como ocultam os divertimentos, já que eles são a própria cidade e, por isso, dela dizem.

FONTES

Periódicos

A Aurora Paulistana – 1851, 1852.

A Consciência – 1876.

A Constituinte – 1879, 1880.

A Família: Jornal Literário – 1888, 1889.

Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo – 1884, 1885, 1886, 1887, 1888.

Almanaque Literário de S. Paulo – 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884.

A Phenix – 1838, 1839, 1840, 1841.

Arquivo Jurídico e Literário – 1865, 1866, 1867, 1868.

A Violeta – 1849.

Correio Paulistano – 1854, 1855, 1856, 1857, 1858, 1859, 1862, 1863, 1864, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888.

Diário de S. Paulo – 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878.

Ensaio Literários – 1847, 1848, 1849, 1850.

Memórias da Associação Culto à Sciencia – 1859, 1860, 1861.

O Acadêmico – 1868.

O Acayaba – 1852, 1853.

O Amigo das Letras – 1830.

O Conservador – 1849, 1850.

O Constitucional – 1861, 1862, 1863.

O Farol Paulistano – 1827, 1828, 1829, 1830, 1831.

O Federalista – 1832.

O Futuro – 1862.

O Governista – 1850, 1851.

O Kaleidoscopio – 1860.

O Lírio – 1860.

O Meteoro – 1850, 1851, 1852.

O Novo Farol Paulistano – 1831, 1832, 1833, 1834, 1835, 1836, 1837.

O Observador Constitucional – 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1833.

O Paulista Official – 1835, 1836, 1837, 1838.

O Piratininga – 1849, 1859.

O Publicador Paulistano – 1857, 1858, 1859.

O Trabalho – 1876, 1877.

O Ypiranga – 1867, 1868, 1869.

Radical Paulistano – 1869.

Revista Dramática – 1860.

Literatura, cartas, crônica, dicionários

ABREU, Manoel Cardoso. Divertimento admirável. **Revista do I.H.G.S.P.**, São Paulo, v. VI, p. 285-9, 1900-1901, 1783.

AZEVEDO, Álvares de. **Macário**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. Disponível em: <<http://www.aliteratura.kit.net>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

_____. **Os melhores poemas de Álvares de Azevedo**. Seleção de Antônio Candido de Mello e Souza. São Paulo: Global, 1985.

AZEVEDO, Vicente de. **Cartas de Álvares de Azevedo**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1716, v.5 (letras K-N). Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/search?fq=dc.contributor.author:%22Bluteau,+Rafael,+1638-1734%22>>. Acesso em: 10 abril 2014.

LITTRÉ, Émile. **Dictionnaire de la langue française**. Paris: Librairie Hachette Et C, 1889.

MONTÉPIN, Xavier de. **Simone et Marie**. Paris: E. Dentu, 1883. 1v.

_____. **Simone et Marie**. Paris: E. Dentu, 1883. 5v.

RICHEBOURG, Émile. **Les drames de la vie**: Madame Joramie. Paris: E. Dentu, 1884.

Viajantes

DEBRET, Jean Baptiste. **Voyage Pittoresque et historique au Brésil ou séjour d'un artiste français au Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'Institute de France, 1834-1839, 3v.

D'ORBIGNY, Alcide. **Voyage pittoresque dans les deux Amériques**. Paris: Furne et Cie Libraires Éditeurs, 1841.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Introdução e notas de Clado Ribeiro Lessa. Tradução de Selena Benevides Viana. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

KIDDER, Daniel. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editoria, 2001.

RUGENDAS, João Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Martins; Editora da USP, 1972.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1976.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

ZALUAR, Augusto-Emilio. **Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)**. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1863.

Documentação Oficial

SÃO PAULO. **Discurso recitado pelo Presidente da Província de São Paulo Manuel Felisardo de Souza e Mello, no dia 7 de janeiro de 1844 por ocasião da abertura da Câmara Legislativa da Província de São Paulo**. São Paulo: Typografia do governo, 1844. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/978/>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR. O convívio acadêmico e a formação da nacionalidade brasileira. **Revista da Faculdade de Direito**, São Paulo, v. XLVII, p. 271-292, 1952.

ANFORA, Adriana Ingrid. **Grotesco e ironia em Macário de Álvares de Azevedo: transgressão, spleen e utopia**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do oitocentos**. São Paulo: Hucitec/ Fapesp, 2006.

_____. Circulação de livros em São Paulo (1800-1860). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: poder, violência e exclusão, ANPUH, 19, São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

_____. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 129-160, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142004000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 maio 2016.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Os festejos de entrudo no século XIX. **Textos escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 41-55, nov. 2011.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

ARAÚJO, Diana da Silva. **A instrução paulista à época da guerra do Paraguai (1864-1870)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

ASSUNÇÃO, Paulo de. A cidade de São Paulo no século XIX: ruas e pontes em transformação. **Histórica: Revista Online do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 10, ano 02, maio 2006.

AZEVEDO, Elizabeth. **Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Paris, capitale du XIXè siècle**. Paris: Oeuvres ouvertes, 1939.

BERTIN, Enidelce. Sociabilidade negra na São Paulo do século XIX. **Caderno de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 23, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/7720>>. Acesso em: 04 maio 2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOTTON, Flávio Felício. Uma tragédia para o burguês: a dramaturgia realista de José de Alencar. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 31, 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/549>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Do vazio à forma escolar moderna: a história da educação como um fardo na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo: arraial de sertanistas (1554-1828)**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.

_____. **História e tradições da cidade de São Paulo: burgo de estudantes (1828-1872)**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1954.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Vida cotidiana e lazer em São Paulo oitocentista. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004a.

_____. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004b.

CAMPOS, Eudes. Ecos paulistanos da vinda da Família Real para o Brasil. **Informativo do Arquivo Histórico Municipal**, São Paulo, n. 17, 2008. Disponível em: <<http://www.arquiamicos.org.br/info/info17/i-estudos.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CANAVARRO, Abel. O padre Diogo Monteiro, a sua Arte de Orar e os Exercícios de Santo Inácio de Loiola. In: Acta do COLOQUIO INTERNACIONAL A COMPANHIA DE JESUS

NA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XVI E XVII: espiritualidade e cultura, CIUHE, Porto, 2004. **Anais...** Porto: CIUHE, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAPONERO, Maria Cristina. **Festas paulistanas em perspectiva histórica de longa duração**: produção e apropriação social do espaço urbano, permanências e rupturas (1711-1935). 2014. 532f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, 2014.

CARVALHO, José Murilo. Introdução: as marcas do período. In: CARVALHO, José Murilo (Coord.). **História do Brasil nação (1808-2010)**. v. 2. A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 19-36.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Dois Autores em Busca de um Passado: Richard Morse e Sergio Buarque na construção da especificidade paulista. In: LANNA, Ana Lucia Duarte *et al.* (orgs). **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.

CHALHOUB, Sidney. População e sociedade. In: CARVALHO, José Murilo (Coord.). **História do Brasil nação (1808-2010)**. v. 2. A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 37-82.

COSTA, Marina Santos. **Práticas de diversão dos estudantes da Academia Jurídica no processo de urbanização de São Paulo (1867-1878)**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São João del-Rei, 2012.

CRUZ, Heloísa de Faria. A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

DEAECTO, Marisa Midori *et al.* (org.). **São Paulo espaço e história**. São Paulo: LCTE Editora, 2008.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DONATO, Hernâni. Os que governaram São Paulo: 1823 a 1889. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

ELLIS, Myriam. Documentos sobre a primeira biblioteca pública oficial de São Paulo. **Revista de História**, São Paulo, n. 30, 1957.

FERREIRA, Rousejanny da Silva. Para desequilibrar o balé: uma análise de sua constituição estética. **Revista Digital Art&**, São Paulo, ano VI, n. 10, p. 1-8, novembro, 2008. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-numero-10/trabalhos/21.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2013.

FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor (org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GALLOTTA, Brás Ciro. Cronologia: 1823 a 1889. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo. In: BRESCIANI, Stella. **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpo Editora, 1957.

IANNI, Octavio. A Ideia de Brasil Moderno. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 19-38, jul./dez. 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645452/12759>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

ISTO É. **São Paulo: 110 anos de industrialização (1880-1990)**. São Paulo: Editora Três, 1992.

JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (orgs.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Edições Loyola/Iuperj, 2006.

JÚNIOR, Edivaldo Gois. O Esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37530>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006a.

_____. Entrevista com Reinhart Koselleck. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (orgs.). **História dos conceitos**: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Edições Loyola/Iuperj, 2006b.

_____. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/101.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

LARA, Silvia Hunold. Processos crimes: o universo das relações pessoais. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 33, 1984.

MACHADO, Cândido Guinle de Paula. **Charles Landseer**. São Paulo: Lanzara, 1972.

MACHADO, Maria Helena. Sendo cativo nas ruas: a escravidão urbana na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo**: a cidade no Império (1823-1889). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **A cidade de São Paulo, povoamento e população (1750-1850)**. São Paulo: Pioneira: USP, 1974.

MARTINS, Ana Luiza. A invenção e/ou eleição de símbolos urbanos: história e memória da cidade paulista. In: BRESCIANI, Stella. **Imagens da cidade**: séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero/ FAPESP, 1994.

MARTINS, José de Souza. A ferrovia e a modernidade em São Paulo: a gestação do ser dividido. **Revista USP**: 450 anos de São Paulo, São Paulo, n. 63, set.-dez., 2004.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. **Metamorfoses da riqueza**: São Paulo, 1845-1895. São Paulo: Hucitec, 1990.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS, Flávia da Cruz. Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912). **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 171-184, 2017.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer**: conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.

_____. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor. (orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a.

_____. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, set., 2010b.

_____. Contribuições da História para o estudo do lazer. In: MELO, Victor Andrade de. **Lazer: olhares multidisciplinares**. Campinas: Alínea, 2010c.

_____. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, set-dez, 2013a.

_____. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 365-292, 2013b.

MONBEIG, Pierre. O crescimento da cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. **História econômica da cidade de São Paulo**. São Paulo: Globo, 2004.

MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole**. São Paulo: Difel, 1970.

MOTA, Carlos Guilherme. São Paulo no século XIX (1822-1899): esboço de interpretação. **Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2004.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações**. São Paulo: UNESP, 1999.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras**, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2009.

NOZOE, Nelson. Vida econômica e finanças municipais da capital paulista na época imperial. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no Império (1823-1889)**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo França de. Informação e política nos primórdios da imprensa paulista: O Farol Paulistano (1827-1831). **História**, Franca, v. 29, n. 2, p. 295-319, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de maio de 2015.

PALONEN, Kari. Entrevista com Kari Palonen. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (Orgs.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Loyola, Iuperj, 2006.

PAULA, Eurípedes Simões de. A segunda fundação de São Paulo: da pequena cidade à grande metrópole de hoje. **Revista de História**, Brasil, v. 8, n. 17, p. 167-179, mar. 1954. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096/38817>>. Acesso em: 10 out. 2016.

PEREIRA, Luísa Rauter. “**Substituir a revolução dos homens pela revolução do tempo**” - **Uma história do conceito de povo no Brasil: revolução e historicização da linguagem política (1750-1870)**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência Política). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011 (a).

_____. Uma história do conceito político de povo no Brasil: revolução e historicização da linguagem política. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 26, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo: USP, 2011 (b).

_____. O Conceito de Soberania: dilemas e conflitos na construção e crise do Estado Imperial Brasileiro (1750-1870). **Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 2, 2010.

_____. **A história e o diálogo que somos: a historiografia de Reinhart Koselleck e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer**. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. O jornal e a leitura no oitocentos brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, Porto Alegre, 2004. **Anais...** Porto Alegre: PUC do Rio Grande do Sul, 2004.

QUITZAU, Evelise Amgarte. **Educação do corpo e vida associativa: as sociedades ginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

REIS, Douglas Ricardo Hermínio. José de Alencar e o teatro: um romântico realista. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 35, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/10475>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

SAMPAIO, Teodoro. S. Paulo no século XIX. In: _____. **São Paulo no século XIX e outros ciclos históricos**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

SANTOS, Flávia da Cruz. Uma capital que se queria civilizada: os divertimentos paulistanos entre 1828 e 1867. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, ANPUH, 28, Florianópolis, 2015. **Anais...** Florianópolis, 2015.

SANTOS, Flávia da Cruz; MELO, Victor Andrade de. Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 174, n. 463, p. 39-70, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; MACEDO, Valéria Mendonça de. O império das festas e as festas do Império. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 247-294.

SÃO PAULO. Histórico Demográfico do Município de São Paulo. São Paulo: PMS/Seempla, 2007. Disponível em:

<http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/introducao.php>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SEBASTIÁN, Javier Fernández. Introdução: Hacia una história atlántica de los conceitos políticos. In: _____. (Org.). **Diccionario político y social del mundo iberoamericano: la era de las revoluciones 1750-1850**, v. I. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, Fundación Carolina; Soc. Estatal de Comemoraciones Cult, 2009.

_____. (Org.). **Diccionario político y social del mundo ibero-americano. La era de las revoluciones, 1750-1850 (Iberconceptos-I)**. Madrid, 2009. Resenha de: POSADA-CARBÓ, Eduardo. **Revista de Estudios Políticos**, n. 154, p. 251-307, octubre-diciembre, 2011.

_____. Trocando em miúdos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 98, p. 52-57, novembro 2013. Entrevista concedida a Bruno Garcia e Cristiane Nascimento.

SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP: 450 anos de São Paulo**, São Paulo, n. 63, set.-dez., 2004.

SILVA, Edson Santos. **A dramaturgia portuguesa nos palcos paulistanos: 1864 a 1898**. 2008. 304f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Em busca de um mercado fictício: as casas da ópera na cidade de São Paulo. **Todas as musas**, São Paulo, Ano 1, n. 1, julho-dez. 2009.

SILVA, Gustavo Pereira da. A dinâmica do enriquecimento paulista no século XIX: das origens à diversificação do capital da família Lacerda Franco. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 347-376, 2015.

STARK, Andrea Carvalho. Quanto riso, quanta alegria: bailes de máscaras tomaram o lugar dos incontroláveis entrudos no Carnaval carioca em meados do século XIX. **Revista de História.com.br**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/quanto-riso-quanta-alegria>>.

THALASSA, Ângela. **Correio Paulistano**: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna – o jornal que “não ladra, não cacareja e não morde”. 2007. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A capital da solidão**: uma história de São Paulo das origens a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. O folhetim nas páginas do Correio Paulistano (1854-1940). In: XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, ANPUH, Florianópolis, 2015. **Anais...** Florianópolis, 2015.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. 322f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

WITTER, José Sebastião. Os esportes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo**: a cidade no Império (1823-1889). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

YOKAICHIYA, Cristina Emy. Nas entrelinhas dos relatos históricos: reflexos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco no processo pela libertação dos escravos em São Paulo. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 103, p. 689-708, 2008.

ZAMONER, Maristela. História da dança de salão no Brasil: São Paulo do século XIX. **EFDeportes**, Buenos Aires, n. 185, outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd185/historia-da-danca-de-salao-no-brasil-seculo-xix.htm>>.

1846 - Escola Normal de São Paulo, atual: E.E. Caetano de Campos São Paulo - SP. **Revista HISTEDBR on-line**. Campinas: UNICAMP, 2015. Disponível em: <www.histedbr.fe.unicamp.br>. Acesso em: 29 ago.2015.